



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

JOELMA GALVÃO DE LEMOS

**O USO POLÍTICO DO DISCURSO DE ÓDIO NO BRASIL: UM ESTUDO DE CASO
NO FACEBOOK (2016-2017)**

**SÃO CRISTÓVÃO - SE
2018**

JOELMA GALVÃO DE LEMOS

**O USO POLÍTICO DO DISCURSO DE ÓDIO NO BRASIL: UM ESTUDO DE CASO
NO FACEBOOK (2016-2017)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Sergipe e aprovada pela Banca Examinadora.

Orientador: Prof. Dr. Daniel Menezes Coelho

**SÃO CRISTÓVÃO - SE
2018**

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

L557u Lemos, Joelma Galvão de
O uso político do discurso de ódio no Brasil: um estudo de caso no Facebook (2016-2017) / Joelma Galvão de Lemos; orientador Daniel Menezes Coelho. – São Cristóvão, SE, 2018.
109 f.

Dissertação (mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Sergipe, 2018.

1. Ódio. 2. Facebook (Rede social on-line). 3. Narcisismo. 4. Impeachments. 5. Resistência ao governo - 2016. 6. Discurso de ódio na Internet. I. Coelho, Daniel Menezes, orient. II. Título.

CDU 159.942:323.23/.27

JOELMA GALVÃO DE LEMOS

**O USO POLÍTICO DO DISCURSO DE ÓDIO NO BRASIL: UM ESTUDO DE CASO
NO FACEBOOK (2016-2017)**

Aprovada em: ____/____/____

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Sergipe e aprovada pela banca examinadora.

Orientador: Prof. Dr. Daniel Menezes Coelho

Prof. Dr. Daniel Menezes Coelho (Orientador)

Programa de Pós-Graduação em Psicologia / UFS

Prof. Dr. Eduardo Leal Cunha

Programa de Pós-Graduação em Psicologia /UFS

Profa. Dra. Miriam Debieux Rosa

Programa de Pós-Graduação Psicologia / IPUSP

A Paulo Divino, pelo amor, apoio e cumplicidade, por me acompanhar em minhas andanças e viagens, tornando minha jornada mais alegre e feliz.

À Vivek, Isis, Solano Augusto e Yuri Antônio, por me ensinarem outras formas de ver a vida e por me receberem com sorrisos carinhosos e abraços apertados após os momentos de ausência.

À minha amada mãe, Jaci Galvão, por cedo me mostrar que posso ir aonde quiser, desde que esteja disposta a pagar o preço.

AGRADECIMENTOS

Chegar para agradecer e louvar. Louvar o ventre que me gerou. O orixá que me tomou [...].

Agradecer aos amigos que fiz. E que mantém a coragem de gostar de mim, apesar de mim [...]

Agradecer o sol que raia o dia, a lua que como o menino Deus espraia luz. E vira os meus sonhos de pernas pro ar.

Agradecer. Ter o que agradecer.

Louvar e abraçar.

(Maria Bethânia)

Agradeço a Deus, pelos encontros e desencontros que me trouxeram até aqui; aos meus avôs Antônio Galvão (*in memorian*) e Ernestina Galvão, Flávio Lemos (*in memorian*) e Doralice Lemos (*in memorian*) por me mostrarem o que realmente vale a pena nessa vida; à minha mãe Jaci Galvão e meu pai Deroci Lemos, pelo amor e por me ensinarem a não desistir dos meus sonhos diante das primeiras dificuldades; às minhas irmãs Flávia e Marcela; meus cunhados Reni Filho e Alessandro; e meus sobrinhos Júlia, Reni Neto, Bento e Francisco, pelo amor, apoio e cuidados. À Cida e Marcos, Maria, Vinícius, Alex (*in memorian*), Marcelo pelo amor e cuidados. A todos da família Ribeiro da Cruz, em especial à minha sogra Sebastiana Ribeiro da Cruz, mulher de coragem que com suas palavras de carinho sempre me animou, inspirou e me ensinou. A François Almeida pelo apoio e carinho; a Denilson Paredes, companheiro de luta e vitórias, que me desafiou a não ficar no mesmo lugar. À tia Maria Galvão, por todo amor; às tias (e tios) Angela e Neto, Iraci e Sebastião, Ironides e André, Irani e Sílvia (*in memorian*), Iraídes e Elcio (*in memorian*), Manoel e Inês, Catarina e Sebastião, Joaquim e Marinete, “Tuniquim” e Sônia, Cido. Aos meus primos e primas, em especial à Leonice Pereira, que me apresentou ao mundo da leitura e às lutas políticas na década de 1990; à Sirley Galvão, amiga e irmã; à Liliam Lemos, que com sua alegria sempre me animou nos momentos de tristeza.; Sr. Chavier (*in memorian*), D. Marlene, Inês, Maria (*in memorian*), Cláudio, Keno e Gordo; à vó Luzia e ao vô Valdir, à vó Ilda e Sílvia Ester, por todo amor.

Aos professores do curso de Psicologia da UFMT/ROO-MT: Alcindo Rosa; Clarisse Guerra; Fausto Farias; Laura Carvalho; Leonardo Lemos; Luis Fernando Barth, Raquel Queiroz; Talal Dib; em especial à professora e amiga Graciela Haydee Barbero, que me apresentou à psicanálise. Aos professores de outros departamentos, não menos importantes em minha

formação: Wilse Arena, Lindalva Garske, Soraya Miranda (*in memorian*), Tati (*in memorian*), Maria Elsa, Laudenir Gonçalves, Paulo Isaac.

Ao meu orientador do mestrado Prof. Dr. Daniel Menezes, pela escuta, orientação e paciência; aos demais professores do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFS, em especial ao Prof. Dr. Marcelo Ferreri, por acolher minhas queixas, e ao Prof. Dr. Eduardo Cunha, pelas suas pontuações, críticas e sugestões. Ao Prof. Dr. Ugo Maia, que participou da minha banca de qualificação, pelas importantes pontuações. À Profa. Dra. Miriam Rosa, pela acolhida no IPUSP, nas aulas assistidas na USP e PUC, pelos diálogos e pontuações e agora por participar da banca de defesa. Aos colegas do Laboratório de Psicanálise, Sociedade e Política – IPUSP; aos colegas com quem caminhei durante o mestrado, em especial aos que participaram do PROMOB: Carmem, Diego, Khezia, Ingrid, Mariana e Renata; a Danilo e Queli, técnicos da pós que prontamente sempre me ajudaram.

Se cheguei até aqui não foi apenas pelos meus esforços, pelo apoio da minha família, pelo que aprendi com meus professores e colegas de estudo, mas também pelo incentivo e apoio das minhas amadas amigas, em especial Eliene Ursulina, que nunca mediu o tempo para estar comigo. Agradeço à Marcilene Zaiden, amiga de estudos e viagens, que sempre me apoiou e incentivou; à Amanda Mendes, por ler meu primeiro projeto; Denise Vilela, Kamilla Bráz, Leocádia Saes, Maira Fabiana, Mariana Kirsten, Mayara Possari, Vanderléa Soares, Sara Gomes, Thiago Lopes, por me mostrarem que um sonho que se sonha junto pode se tornar realidade. A Munir Zaiden, Nilson Carlos, Job Soares, pelos almoços e boa prosa. Aos demais colegas do período de graduação, dentre eles: Gilson, João Henrique, George, Carlos Henrique, Marta, Fran, Daniel, Davi, Bruno, Bruna, Elizeu, Içara, Christielle, Marcelo, Rafael, Roni, Valdeci e todos os colegas dos centros acadêmicos e DCE da UFMT. Aos colegas dos seminários do Laço Analítico em Roo, em especial à Gildete, Letícia e Cláudionor. A Geraldino Netto, Helena Lima, pelas maravilhosas indicações de leitura, e aos colegas da pós em Psicanálise e Cultura. À Irecê Nabuco, pelo amor, cuidados, casa e comida, sempre acompanhados de boa prosa. A Ermi Panzo, por tornar alegre os dias chuvosos e frios.

Aos camaradas, companheiros e amigos dos movimentos sociais e políticos, com quem muito aprendi em minha caminhada: Cido Assis, Messias, Éder, Idecy, Joana Darc e Osmar, Armando, Alain, José Rodrigues, Alessandro, Geraldo, Carla, Waltinho (*in memorian*), Aritana, Carlinhos (*in memorian*), Juca Lemos, Wagner Lemos, Júlio Coelho, Chico, Ivanildo, Almir, Rosana, Dadá, Dirceu, João Eudes, Dilma, Vaci, Clóvis Rocha e família, Rose (*in memorian*), Lane, Janice, Ronaldo, Nara e Miranda, Janete, prof. Souza, Kleber,

Eduarti, Pepeu, José Pereira, Fred, Geraldinha, Márcio, Brás, Luísa, Christina, João Negrão, Julião, Magna, Ricardo, Reginaldo, Biela, Lélis, Emanuel Santana, Adriano Sá, Odair Rodrigues, Daniel Max, Jorginho, Amanda, Verinha e Afrânio, Cláudio, Kathy, Maria Figueira, Dahyana, padre Geraldo, Celson, Rose, Karime, Paulinho, José Carlos, Odair, Telma, Roberta, Abadia, Adriana, Gleison, Katiúscia, Meire, maestro Vinícius, Cátia, Zuleide, Jeovânia, Joel, Mariúva e Jamille. À Andréa Hiolanda, pelas prosas e risos. Às nordestinas Alexsandra, Ana, Deise, Flávia, Haydee, Michele, Silene, pelo carinho.

Aos meus ex-alunos, com quem tanto aprendi, e aos meus analisandos, que sempre me instigaram a bancar meu desejo.

A todos que de forma direta e ou indireta estão e ou estiveram comigo, que deixaram suas marcas e, conseqüentemente, ainda que não saibam, colaboraram com este trabalho.

Por fim, mas não menos importante, a todos os trabalhadores da Universidade Federal de Sergipe, especialmente àqueles que cuidam da limpeza e organização deste espaço, que muitas vezes não conseguem acessar o que é oferecido por esta instituição.

E à Capes, pela bolsa do mestrado.

RESUMO

O ódio assim como o amor fazem parte do processo psíquico de subjetivação do indivíduo e encontram-se nos vínculos afetivos que este estabelece ao longo da vida, bem como nas suas relações sociais. A expressão dos afetos e as formas como esses são agenciados, podem variar de acordo com o momento sócio-histórico em que o sujeito vive e pode provocar mudanças nesse meio social, ao viabilizar novas maneiras de relações sociais, assim como pode sofrer as influências deste meio. Em determinados momentos, principalmente em situações de disputas políticas e ideológicas, é possível percebermos a prevalência de um sentimento em relação a outro, bem como o uso político dos afetos. Através do estudo de caso, foi analisado alguns discurso de ódio postados no Facebook no período do pedido de afastamento da presidente Dilma Rousseff, em 2016; em algumas postagens que apresentavam cenas de violência e barbárie, e postagens em que os navegadores anunciavam a exclusão de alguns amigos que não concordavam com sua posição política. O discurso de ódio no país a muito é usado politicamente a fim de oprimir e explorar, contudo é possível agenciarmos outros discurso e usarmos o discurso de ódio como meio de denúncia, como meio de barrar as situações de injustiça.

Palavras-chaves: ódio, Facebook, *impeachment*; golpe 2016, narcisismo das pequenas diferenças.

ABSTRACT

Hate as well as love are part of the psychic process of subjectivation of the individual and are found in the affective bonds that he establishes throughout his life, as well as in his social relations. The expression of affections and the ways in which they are structured can vary according to the socio-historical moment in which the subject lives and can cause changes in this social environment, by making possible new ways of social relations, as well as may suffer the influences of this medium. At certain moments, especially in situations of political and ideological disputes, it is possible to perceive the prevalence of one feeling in relation to another, as well as the political use of affections. Through the case study, we analyzed some hate speech posted on Facebook during the period of the impeachment of President Dilma Rousseff in 2016; in some posts that featured scenes of violence and barbarism, and postings in which browsers announced the exclusion of some friends who did not agree with their political position. The hate speech in the country is used politically in order to oppress and exploit, but it is possible to act a other discourse of hate as a means of denunciation, as a way to stop situations of injustice.

Keywords: hate, Facebook, impeachment, coup 2016, narcissism gives small differences.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1. A METODOLOGIA.....	19
1.1 PSICANÁLISE E PESQUISA DOS FENÔMENOS SOCIAIS.....	19
1.2 DESEJO, TRANSFERÊNCIA E RESISTÊNCIA.....	21
1.3 OBSERVAÇÃO, INTEPRETAÇÃO E TEMPO DE ELABORAÇÃO.....	24
1.4 INTERNET E AS NOVAS MANEIRAS DE RELAÇÕES E INTERAÇÕES...	26
1.4.1 AS REDES SOCIAIS ON-LINE E O VIRTUAL.....	28
1.4.2 A REDE SOCIAL FACEBOOK E SEUS USUÁRIOS.....	30
1.4.3 FACEBOOK E SUA ATUAÇÃO POLÍTICA.....	33
2. O ÓDIO NA FORMAÇÃO DA CIVILIZAÇÃO OCIDENTAL.....	37
2.1 AMOR E ÓDIO NO PROCESSO DE CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO E DA CIVILIZAÇÃO.....	37
2.2 A EXPRESSÃO DO ÓDIO NA FORMAÇÃO DA SOCIEDADE MODERNA E CONTEMPORÂNEA.....	41
2.3 ÓDIO E AGRESSIVIDADE NO BRASIL.....	48
3. A MÍDIA E A COBERTURA DO PEDIDO DE AFASTAMENTO DA PRESIDENTA DILMA ROUSSEFF.....	60
3.1 ENQUANTO XINGAM NÃO DERRAMAM SANGUE.....	65
3.2 AGRESSIVIDADE CONTRA OS ESTRANGEIROS.....	71
3.3 COMIGO NÃO.....	78
3.4 FALANDO APENAS COM OS IRMÃOS.....	84
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	86
REFERÊNCIAS.....	92

INTRODUÇÃO

Ao acompanhar em 2014, pelas redes sociais on-line, o processo de eleição, me chamou a atenção o quanto o ódio, a agressividade e ofensas apareciam nos comentários postados nas redes, em específico no Facebook, nas publicações referentes a esse processo e aos candidatos envolvidos. Assim, movida pelo desejo de pesquisar sobre esse discurso nas redes sociais on-line fui aprovada no Programa de Pós-Graduação de Psicologia da Universidade Federal de Sergipe em 2016. Após a aprovação no mestrado, no primeiro semestre do referido ano, fomos surpreendidos por um movimento político que defendia o processo de investigação das “pedaladas fiscais”¹ realizadas pela presidente eleita Dilma Rousseff e que terminou pela aprovação do afastamento desta. O discurso de ódio, presente nas eleições, aparecia de novo, principalmente entre os indivíduos e ou grupos nomeados “coxinhas” e “petralhas”. Essa era a nomeação que muitos usavam ao se referirem aos defensores e aos contrários ao pedido de investigação e afastamento da presidente.

Assim, diante desse novo momento político no Brasil, após conversas e discussões com alguns professores e meu orientador, delimiti minha pesquisa ao discurso de ódio postado no Facebook durante o período de aprovação do pedido de afastamento da presidenta Dilma Rousseff pela Câmara dos Deputados. E em 2017, estendi esse estudo a análise de alguns comentários em notícias veiculadas na rede, em que exibiam atos violentos contra índios, assentados rurais, imigrantes, dentre outros. Embora esses comentários não estivessem relacionados diretamente a questões do pedido de afastamento, estavam ligados a políticas de segurança pública, demarcação de terra indígena, assentamentos rurais, imigração, isto é, à política de direitos sociais e econômicos desenvolvidas nos últimos anos pelo Governo Federal. Acrescento ainda, que enquanto acompanhei e coletei os dados, deparei-me também com discursos de ódio direcionados não apenas a indivíduos que se posicionavam em defesa de alguma ideia e/ou que eram de algum partido político, mas a negros; mulheres; comunidades LGBTQs; refugiados e imigrantes; movimentos sem terras; sem teto; toxicômanos, dentre outros. Páginas² como: “Fora PT”, “Fora Petralhas”, “Fora PT Xô Corrupção!”, grupos que já deixavam claro sua desaprovação ao Partido dos Trabalhadores

¹ Pedalada Fiscal é um termo que se refere a operações orçamentárias realizadas pelo Tesouro Nacional, não previstas na legislação, que consistem em atrasar o repasse de verba a bancos públicos e privados com a intenção de aliviar a situação fiscal do governo em um determinado mês ou ano (...) (WIKIPÉDIA, 2016). Esta operação é adotada desde 2001 no governo do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso (AMORA, 2015).

² Essas páginas foram visualizadas no Facebook em 2016. Não é possível garantir que estas, ainda estejam na plataforma.

(PT) e/ou qualquer situação ligada a esse partido, assim como os grupos “Em Defesa de Dilma Rousseff”, “Eu apoio a presidenta Dilma Rousseff”, que defendiam a presidente, e ainda as páginas “Somos todos Bolsonaro”; “A favor da pena de morte”; “Somos todos a favor da Polícia Militar”; “Armas de Fogo”; “Grupo de apoio ao porte legal de armas de fogo para o cidadão civil”, dentre outras. No período de pedido de afastamento também assisti muitos usuários afirmando: “estou fazendo uma limpa em minha página do Facebook, estou excluindo alguns amigos ‘coxinhas’”, ou “estou fazendo uma limpa, não aceito petralhas em minha página”, mostrando de certa maneira, como os internautas brasileiros, lidam com outro, principalmente com o que não pensa como ele.

Mas o que estou chamando de discurso de ódio?

De acordo com Schäfer, Leivas e Santos (2015, p. 149-150),

O discurso do ódio consiste na manifestação de ideias intolerantes, preconceituosas e discriminatórias contra indivíduos ou grupos vulneráveis, com a intenção de ofender-lhes a dignidade e incitar o ódio em razão dos seguintes critérios: idade, sexo, orientação sexual, identidade cultural, opinião política ou de outra natureza, origem social, posição socioeconômica, nível educacional, condição de migrante, refugiado, repatriado, apátrida ou deslocado interno, deficiência, característica genética, estado de saúde física ou mental, inclusive infectocontagiosa e condição psíquica incapacitante, ou qualquer outra condição.

Para Carvalho (2017, p. 51), o “discurso de ódio não se dá no contexto de uma conversa privada, sendo antes dirigido a um agrupamento, a uma coletividade”. Os indivíduos que proferem esse discurso têm usado as redes sociais on-line a fim de conseguirem maior visibilidade para suas ideias, bem como têm conseguido encontrar seus pares. Isso não significa que a rede de internet e as comunidades sociais on-line sejam usadas apenas para esse fim, é possível encontrarmos nessas os mais variados discursos, tanto de amor, tolerância e respeito, como de ódio, agressividade e intolerância.

De certa maneira os comentários postados mostram uma nuance do sujeito, mas também da sociedade da qual fazemos parte, pois “o homem só existe na e pela sociedade – e a sociedade é sempre histórica. A sociedade como tal é uma forma, e cada sociedade dada é uma forma particular e mesmo singular” (CASTORIADIS, 1987, p. 236), por isso analisar esse discurso é uma tentativa de compreender o sujeito desta época e, conseqüentemente, a nossa sociedade.

Freud (1930a/1996), em *Mal-estar da Civilização*, afirmou que era preciso acompanharmos as mudanças sociais e políticas em nossos trabalhos, visto que o sujeito é constituído nessa relação com o outro, inicialmente com os membros familiares e

posteriormente com o grupo social do qual faz parte, e sofre assim as influências do seu meio, bem como da época em que vive. Esse pensamento é corroborado por Koltai (2012, p. 40) ao afirmar que a partir das mudanças da sociedade,

Há os novos sintomas, as novas demandas. Mas certamente também uma nova escuta, uma vez que nós, analistas, também somos dependentes das ficções sociais do mundo em que vivemos, porque nunca é demais lembrar que a psicanálise, além de uma terapêutica do sujeito, é também uma teorização da relação que este mantém com o mundo, razão pela qual as transformações sociais interessam à psicanálise tanto em sua teoria quanto em sua prática.

Entende-se assim que a escuta deve ser feita para além do *setting* terapêutico, em outros lugares onde o sujeito se encontra e se mostra, visto que o “o inconsciente está presente como determinante nas mais variadas manifestações humanas culturais e sociais. O sujeito do inconsciente está presente em todo enunciado, recortando qualquer discurso pela enunciação que o transcende” (ROSA, 2004, p. 341-342), bem como neste novo lugar de expressão, as redes sociais on-line.

Escutar e analisar esses discursos implica, de acordo com Rosa (2006), em remover o recalcque que nos permite conviver com este outro que vocifera³ o ódio, em admitirmos que esse discurso pode estar sendo usado para ferir, maltratar e até mesmo dominar o outro, daí a afirmação de que este trabalho é também um posicionamento ético e político, pois como dissera Maria Rita Kehl (1996, p. 112), comentando Freud, “temos responsabilidade por nossos desejos e pelo destino que damos a eles”.

Foi pela via do desejo que esta pesquisa foi desenvolvida, a fim de melhor compreender este fenômeno social e com o intuito de poder somar a outras áreas no processo de conhecimento e reconhecimento deste tema junto às demais questões sociais brasileiras. De acordo com Poli (2005, p.2), o pesquisador em psicanálise deve “engajar seu desejo na produção e desvelamento de um enigma”, mas deve estar sustentado na ética psicanalítica, ética aqui entendida como “necessária referência do sujeito *ethos* – um lugar, uma moradia simbólica” (FIGUEIREDO, 1995 apud POLI, 2005, p. 2) na relação deste com o mundo e com os outros.

Nesse caso não se trata da ética kantiana do bem universal, mas de uma ética da psicanálise, “uma ética sem ideal”, segundo Miller (apud FERREIRA NETO, 2014, p. 14), de

³ A vociferação é “a retirada de cena da voz do sujeito, tanto quanto uma redução ao extremo de seu discurso. Nesse sentido a vociferação é a entrada em cena, não de um sujeito, mas de um agente da destruição do Outro, reduzindo em primeiro lugar, o espaço que permitiria consentir na diferença do Outro” (DIAS, 2016).

um “discurso ou disciplina relativa ao que se deve fazer de seus desejos e fantasias”, uma responsabilização desses por parte do sujeito.

É também um posicionamento político, pois a psicanálise “como pratica da pólis moderna é uma prática política, mesmo guardadas as especificidades do discurso analítico. Uma vez que faz laço social, ela se insere na cena política inevitavelmente [...]” (RINALDI, 2017, p. 2), e ao tentar desvendar algumas questões sociais, desvendamos também o sujeito que vive nessa, visto que estes estão enlaçados, e é exatamente nesse enlaçamento, nessa rede simbólica que ocorre a política.

Segundo Rosa e Domingues (2010, p. 182):

[...] falar do sujeito é falar de uma concepção ético-política, e não de uma faceta do indivíduo recortado em bio/psico/social, sujeito produto e produtor de rede simbólica que caracteriza o que chamamos o social e o político. Desvendar um é desvendar o outro. O método para alcançar sua mensagem tem como via de acesso a palavra.

Ou seja, é pela escuta do discurso que teremos acesso ao sujeito, ao seu desejo e ao contexto social em que circula e faz laços.

Além do desejo, do posicionamento ético-político, o pesquisador/analista deverá levar em consideração também o processo de transferência e resistência que se dá durante a pesquisa, uma vez que é exatamente pela transferência entre pesquisador e seu objeto de pesquisa que veremos o desejo do pesquisador (POLI, 2005, p. 43). Abordo essa questão, pois além de saber da importância destas na pesquisa psicanalítica, notei em dois momentos ao longo da construção deste projeto que apesar do desejo envolvido na pesquisa, deparei-me com dificuldades na coleta de dados, dificuldades em ver-ler-escutar os discursos de ódio postados, mostrados, curtidos e compartilhados em algumas páginas no Facebook. Confesso que, inclusive, me questioneei sobre os motivos de estudar esse tema. Outra dificuldade encontrada ao desenvolver uma pesquisa relacionada a publicações em páginas das redes sociais on-line se deve ao caráter efêmero da rede, uma página que existe em um dia pode não estar mais lá no outro dia, pode ter sido excluída pelo usuário que a criou, na maioria das vezes, e/ou pelo próprio Facebook – casos mais raros.

Para Rosa (2006), um dos aspectos que facilitam a resistência do pesquisador pode ser o confronto de realidades sociais diferentes e antagônicas à sua, mas neste caso a autora se refere a pesquisas desenvolvidas a partir da escuta de sujeitos em situação de exclusão social, o que não é o caso desta pesquisa.

Mas, considerando o que fora afirmado, penso que o mesmo pode acontecer em relação à escuta de sujeitos em posições políticas antagônicas, com ideais diferentes, ainda que da mesma posição social. Durante horas de navegação no Facebook, constatei que nessa rede social quase tudo é permitido⁴. Ao coletar os dados percebi inicialmente que havia um gozo dos usuários ao terem suas publicações curtidas, comentadas e/ou compartilhadas.

Há inclusive, como constatou Fábio Malini (2015) em sua pesquisa *Facebook – um mapa das redes de ódio*, uma disputa entre algumas páginas que defendem o ódio ao outro. Lidar com esse gozo foi uma das dificuldades, pois, como disse Rosa (2004), a pesquisa psicanalítica pode mexer com o pesquisador, de modo que poderá tirá-lo de um imaginário e apresentá-lo outro.

Daí a importância de o pesquisador se dar conta do que o está incomodando, a fim de elaborar e poder, assim, dar continuidade à pesquisa (BLEGER, 1998). Quanto ao gozo que referi anteriormente, é possível barrá-lo a partir da fala, da palavra; mas no caso das postagens, o usuário só é barrado quando a página é excluída do Facebook, então o pesquisador, caso escolha este objeto de pesquisa, poderá não contribuir com o gozo do internauta, uma vez que não curte, não comenta e nem compartilha os conteúdos dos usuários, apenas coleta dados a fim de analisar esse processo subjetivo demonstrado na relação dos usuários com o conteúdo postado, com outros usuários e com a página da rede social on-line.

Ainda sobre a pesquisa, a proposta é conseguir ler aquilo que escapou ao outro (DUNKER, 2017) nessa relação transferencial com o objeto de pesquisa, com os autores psicanalíticos que também discorrem sobre o tema e com o orientador. Visto que foi por meio dessa “transferência imaginária, baseada na identificação com os mestres” (COELHO, 2014, p. 130) que ocorre na pesquisa psicanalítica, nessa relação de confiança estabelecida ao longo do desenvolvimento deste projeto, movidos pelo desejo e pautados pela ética-política psicanalítica, que se desenvolveu esta pesquisa. Ou seja, é também uma escuta que “supõe romper com o pacto de silêncio do grupo social a que pertencemos e do qual usufruímos” (ROSA, 2012, p. 7), nesse caso a chamar a atenção a uma não passividade diante do discurso de ódio.

⁴ Na página do Facebook há uma orientação do que não pode ser publicado (FACEBOOK, 2017), contudo somente em abril de 2018, após denúncias do uso de dados de 87 milhões de usuários do Facebook, pela Cambridge Analytica, esta rede social deixou claro o que não deve ser publicado (CIDADE VERDE. COM, 2018).

É preciso ressaltar que sempre parti da ideia de que assim como é possível ter notícias do sujeito a partir da análise de um grupo social, de um fenômeno social, é possível também conhecer a sociedade em que o indivíduo vive a partir da análise do sujeito. Daí a importância de levar em consideração o modelo econômico e político em que esse vive, pois, a subjetivação do sujeito e o modo como as relações afetivas ocorrem não são estáticos, eles diferem a cada momento sócio-histórico, econômico e político.

Após as mudanças necessárias no projeto, da coleta de dados, optei pela releitura dos textos freudianos citados no projeto inicial e alguns psicanalistas que discorrem sobre o ódio, sobre o processo de formação do sujeito, do circuito dos afetos na vida do indivíduo e da sociedade, seguida da leitura de autores da Sociologia e da História que escrevem sobre essa temática em alguns momentos históricos e sociais vividos pela humanidade ao longo da sua evolução, alguns textos que nos falam sobre a história e o desenvolvimento da sociedade brasileira, passando rapidamente desde o processo de colonização até os dias atuais.

Agora que já falei sobre minhas inquietações, de onde parti, em quem me apoiei e com quem caminhei ao longo deste trabalho, vejamos como organizei minha dissertação.

No Capítulo Um comento a metodologia desenvolvida na pesquisa, os conceitos freudianos e de outros psicanalistas que desenvolvem pesquisa nas áreas clínica, social e política, que me ofereceram aporte para a realização deste projeto. Comento ainda sobre a Internet, as redes sociais e o Facebook, como essa plataforma funciona e como é usada pelos internautas. A proposta de analisar algo tão atual, o discurso de ódio, porém tão efêmero, uma vez que as mudanças nas redes sociais, em específico no Facebook, não param, apresenta algumas dificuldades, uma é lidar com um objeto que não para, que está em constante movimento; outra se deve ao fato de que ao analisar algo tão atual posso incorrer ao erro, afinal, estou analisando algo em que também estou vivenciando.

Para realizar este estudo de caso me dediquei ao estudo do ódio no processo de constituição psíquica do indivíduo, das relações sociais que ele estabelece ao longo da vida, a partir da leitura dos textos freudianos - apesar da distância histórica da formulação e conceituação destes, acredito que oferecem subsídios para este estudo -, da leitura dos textos de Norbert Elias (1939/2001, 1939/1993) e Peter Gay (1988/1995); como o homem, de acordo com o desenvolvimento social e econômico, mudou a maneira de expressar seus sentimentos, assim como criou álibis a fim de justificar o uso do ódio sobre o outro no processo de desenvolvimento da civilização no período da Idade Média e Idade

Contemporânea; e uma breve leitura do processo de colonização e desenvolvimento do Brasil, em que demonstra como a sociedade brasileira se organizou e como lida com as mudanças sociais que vêm ocorrendo atualmente. Essa leitura é apresentada no Capítulo Dois.

No Capítulo Três, apresento como foi a cobertura da mídia no período de pedido de afastamento da presidente Dilma. O estudo de caso de alguns comentários coletados no Facebook, na página do *El País Brasil*, nos comentários postados nas publicações de cinco vídeos que divulgavam as manifestações a favor e contra o pedido de afastamento; e mais seis publicações nas quais são divulgados o uso da violência do Estado, chacinas contra indígenas, assentados rurais, assim como uma manifestação contra a lei dos imigrantes. Apesar de não estarem relacionadas diretamente ao golpe, essas publicações dizem respeito a políticas públicas de segurança pública, reintegração de posse de terra indígena, assentamentos rurais e imigração, ou seja, políticas de direitos sociais, cidadania e economia, e estão ligadas às políticas de governo desenvolvidas nos últimos anos e mais quatro posts sobre amizades no Facebook, recortados aleatoriamente, em que navegadores anunciavam que estavam desfazendo amizades com aqueles que não reconheciam e/ou não aceitavam suas posições políticas. Esclareço ainda que neste Capítulo mantive as palavras *impeachment* e golpe de acordo com a expressão dos internautas, uma vez que o uso de tais substantivos já enuncia a posição do internauta; para não ficar confuso faço uso da expressão “pedido de afastamento da presidente Dilma Rousseff” e/ou apenas “pedido de afastamento” quando me refiro a esse processo político. Por fim, o Capítulo das Considerações Finais, no qual apresento algumas reflexões sobre este estudo.

1. A METODOLOGIA

1.1. PSICANÁLISE E PESQUISA DOS FENÔMENOS SOCIAIS

Os textos de Sigmund Freud demonstram o quanto esse se dedicou ao estudo dos casos clínicos e das questões subjetivas individuais, bem como ao estudo das questões sociais de sua época, mostrando, assim, que não é possível separá-los, pois ambos mantêm uma relação; uma vez que o sujeito já nasce em um dado grupo social e é marcado por ele em sua constituição, e ao se desenvolver também exerce influências nesse grupo, portanto, “o estudo de um implica necessariamente o estudo de outro” (COELHO, 2012, p. 249).

Dentre as várias produções de Freud escolhi três textos – *O delírio e os sonhos na Gradiva de W. Jensen* (1907), *Psicologia das massas e análise do Eu* (1921), *O Mal-Estar na Civilização* (1930a) – para expor como o autor se valia das obras e trabalhos de outros pensadores com o intuito de apresentar alguns conceitos teóricos, como na interpretação do romance *A Gradiva* (1907), a análise de fenômenos coletivos com o objetivo de compreender os processos individuais (1921) e o desafio do sujeito para conseguir viver em sociedade (1930a).

No texto *O delírio e os sonhos na Gradiva de W. Jensen* (1907/2015), o autor demonstra a partir do romance alguns conceitos psicanalíticos como: a interpretação dos sonhos, o deslocamento e a condensação; a posição do analista, o desejo de escuta, a transferência, a atenção flutuante, a abstinência frente algumas demandas, as pontuações, a associação livre, o trabalho de elaboração e o fim da análise.

Em *Psicologia das massas e análise do Eu* (1921/1996), Freud discute a relação do sujeito com o grupo ao qual pertence; o vínculo afetivo entre os membros; a constituição do ideal do Eu, uma vez que o grupo apresenta um modelo de ideal ao qual o indivíduo se identificará e tentará corresponder; a identificação com o líder, a interação com seus pares, bem como as dificuldades e desafios neste convívio. Apesar da distância histórica entre esse texto e a atualidade, é possível perceber o processo de identificação ocorrendo também no mundo virtual, entre os membros de grupos, nas redes sociais on-line, como o Facebook, quando pessoas se tornam amigos virtuais a partir dos mesmos ideais sociais, culturais, políticos, entre outros (QUEIROGA; BARONE; COSTA, 2016).

Em *O Mal-Estar na Civilização* (1930a/1996) é apresentada a questão da miséria humana, da difícil e quase impossível vida em sociedade. Comenta sobre o preço que o homem paga para viver em comunidade, a dificuldade em abrir mão da satisfação das pulsões

de vida e pulsão de morte, e os artifícios que encontra a fim de amenizar suas perdas e de certa forma compensar suas privações. A obra demonstra que as “satisfações substitutivas oferecidas pela arte”, o uso das “substâncias tóxicas” (FREUD, 1930a/1996, p.83), que permite uma insensibilidade ao que acontece e um prazer momentâneo, e a sublimação, “a produção de prazer a partir das fontes do trabalho psíquico e intelectual” (FREUD, 1930a/1996, p.87) são formas encontradas pelo homem para conseguir conviver com seus semelhantes e com a natureza, mas que são, no entanto, apenas satisfações paliativas. Outra questão importante abordada no texto refere-se ao processo de evolução da humanidade, as mudanças do homem e do meio em que vive, as transformações tecnológicas e as mudanças que estas podem ocasionar na vida do sujeito, consequentemente, na elaboração de novos sintomas. Acreditamos, assim como Koltai (2012), que a psicanálise terá que acompanhar as transformações sociais, como as que temos vivenciado no momento – essa nova maneira de interação e informação, a exposição da vida privada no meio público como ocorrem nas redes sociais on-line –, a mudança dos sintomas, e se dispor a escutar esses novos meios de convivência, de produção da subjetividade.

Ainda sobre a leitura da teoria freudiana, é possível constatar que Sigmund Freud pensou a psicanálise a partir de três aspectos: “um procedimento de investigação dos processos mentais”, “um método para tratamento” e “uma coleção de informações psicológicas” constituindo uma “nova disciplina científica” (FREUD, 1923a/1996, p.253). Segundo Rosa (2004), a investigação dos fenômenos socioculturais e políticos não foi deixada de fora na construção da psicanálise, porém muitos psicanalistas não conseguiram acompanhar Freud em sua visão e prática, como fora demonstrado por Jacques Lacan (1967/2003) e Althusser (1964/1991), que chegou inclusive a publicar um texto em que alertava para os desvios ocorridos, afirmando que a psicanálise era diferente dos psicanalistas.

A articulação entre sujeito e o campo sociopolítico ocorreu tanto em Sigmund Freud como em Jacques Lacan; o primeiro recusou a “divisão indivíduo e sociedade e afirmou uma concepção biopsicossocial, demonstrando que as modificações psíquicas impostas ao indivíduo sofriam influência das instituições e considerava que a entrada na vida social impunha modificações ao sujeito” (ROSA, 2004, p. 333). O segundo, na Ata de fundação da Escola Freudiana de Paris, em 1965, distinguiu a psicanálise como intensão e extensão: “a primeira, a doutrina; a segunda, a prática e o recenseamento do campo freudiano, em que incluía a articulação da clínica com ciências afins” (ROSA, 2004, p. 336), apontando que é possível uma psicanálise para além dos consultórios, implicada com o social e com o político,

desenvolvida nas várias formas de organização social, inclusive nas relações estabelecidas nas redes sociais on-line, acompanhando a mudança das relações sociais deste período.

De acordo com Mezan (1995, p. 127), “a psicanálise é uma ciência como outras, um corpo de conhecimento coerente e subsistente por si mesmo, passível de ‘aplicação’ em territórios estranhos àqueles em que se formaram seus conceitos”, visto que o psicanalista, ao estudar os fenômenos sociais ou culturais, utiliza os mesmos conceitos e hipóteses construídos no caso clínico, mas não pretende mudá-los por sua ação, pois neste caso o “pesquisador cuida apenas de os explicar, e espera que esta explicação contribua, a longo prazo e com o auxílio de outros fatores, os homens possam transformar suas condições de vida” (MEZAN, 2006, p. 71). Sendo assim, ela é uma contribuição a ser somada com as outras ciências, uma vez que “a psicanálise não é apenas uma ciência da psique isolada, ela é concernida (pelo) e ela concerne diretamente ao social” (ENRIQUEZ, 2005, p. 158), daí defendermos, como outros psicanalistas, a realização das pesquisas psicanalíticas dos fenômenos sociais, culturais e políticos, acompanhando o processo de desenvolvimento da humanidade.

1.2 DESEJO, TRANSFERÊNCIA E RESISTÊNCIA

Para Elia (2000, p.182), “toda pesquisa em psicanálise é uma pesquisa clínica, não por utilizar a clínica como campo, mas por ser a clínica a forma de acesso ao sujeito do inconsciente”, ou seja, “o pesquisador- analista empreende sua pesquisa a partir do lugar do analista, [...] o que pressupõe o ato analítico e o desejo do analista”. É dessa posição que o pesquisador psicanalítico irá realizar sua investigação, irá estabelecer a transferência com seu objeto de pesquisa. Para Rosa e Domingues (2009, p. 182), na pesquisa psicanalítica “o desejo do pesquisador faz parte da investigação e o objeto da pesquisa não é dado a priori, mas sim produzido na e pela investigação”, portanto, é o desejo sustentado em um saber que irá sustentar o analista/pesquisador em sua posição. Quanto à transferência, esse fenômeno que ocorre em “toda relação interpessoal” (BLEGER, 1998, p. 24) e que pode, na pesquisa psicanalítica, assim como na entrevista, ser utilizado como instrumento técnico de observação e compreensão, irá possibilitar a realização da pesquisa assim como poderá apresentar as resistências do pesquisador (BLEGER, 1998).

Sigmund Freud, após seu fracasso em hipnotizar Anna O, mudou sua técnica de tratamento, desenvolvendo-a a partir da transferência, da associação livre e da escuta flutuante, pois percebeu que o fenômeno da transferência ocorria no tratamento, por meio do

“vínculo afetivo intenso, que se instaura de forma automática e atual entre paciente e o analista” (CHEMAMA, 1995, p. 217). Era exatamente dessa confiança do analisante em entregar-se a ao outro em quem acreditava ter respostas para seus problemas e que se dispunha a ouvi-lo que o tratamento se desenvolvia. Porém, “aquilo que alhures constitui o fator mais forte no sentido do sucesso nela se transforme no mais poderoso meio de resistência” (FREUD, 1912a, p. 113). Ocorre assim um paradoxo, ao mesmo tempo em que a transferência é uma condição para que ocorra a análise, é justamente a partir dela que a resistência se apresentará. Entretanto, para que o tratamento psicanalítico avance é necessário remover a resistência do analisante para que a análise prossiga (FREUD, 1912a/1996).

No entanto, Jacques Lacan (1954/1985, p. 287) nos chama a atenção afirmando que “Existe apenas uma resistência, a resistência do analista”, aquele que no lugar de suposto saber sai dessa posição, deixando de escutar o sujeito e até mesmo encerrando um processo terapêutico por não dar conta de se sustentar na posição de analista. Poderíamos pensar que a questão apontada por Lacan (1954/1985) se daria apenas na clínica, mas refletindo um pouco mais sobre a pesquisa psicanalítica pode-se afirmar que o mesmo ocorre com o analista-pesquisador, sua resistência muitas vezes o deixa sem disposição para a escuta, para a observação e até mesmo sem ação frente ao objeto pesquisado. Maliska (2017), ao discorrer sobre esse tema, afirma que é necessário que o analista se deixe “perturbar pelas palavras do analisante, que se deixe angustiar, de modo que aí possa também avançar na escuta analítica e fazer o analisante avançar em sua análise” (MALISKA, 2017, p. 02). No caso do pesquisador, se faz necessário se perguntar o que o angustia e/ou incomoda em sua pesquisa para dar prosseguimento a ela. Para Bleger (1998), é preciso que o pesquisador perceba sua resistência e que se dê conta do que o acomete, para que possa dar continuidade à investigação. Dessa forma, “[...] se a atitude do entrevistado irrita e provoca rejeição no entrevistador, ele deve procurar estudar e observar sua reação [...]” (BLEGER, 1998, p. 24).

Esses autores exprimem o quanto é importante que o pesquisador perceba o que o acomete, para que não comprometa o desenvolvimento e desfecho da pesquisa. Nesta pesquisa em um dado momento da coleta de dados, mais precisamente no período em que a presidenta Dilma Rousseff foi julgada e afastada de seu cargo, a transferência com o objeto de pesquisa foi afetada, uma vez que a resistência se instalou e não consegui ler os dados coletados por alguns dias; assim, passei apenas a salvar as *fanpages*⁵ para realizar uma leitura

⁵ *Fanpage*: página comercial no Facebook.

a *posteriori*, no entanto, acabei perdendo alguns dados, pois algumas *fanpages* retiraram seu conteúdo do Facebook e consequentemente os comentários que os acompanhavam⁶.

Para Rosa e Domingues (2010, p. 186), o pesquisador pode “ter dificuldades em obter dados e ou analisá-los de forma equivocada”, pois ele muitas vezes “perde de vista o contexto social e político-institucional no qual o sujeito está inserido”. Essas pesquisadoras pontuam ainda sobre o “posicionamento ético e político do pesquisador diante das realidades que aborda” (ROSA; DOMINGUES, 2010, p. 186), para que não se esqueça de levar em consideração de que posição o sujeito está falando, de que lugar, em que tempo, em que momento, em que realidade social. Ocorre que o pesquisador muitas vezes está em um contexto muito distante, o que pode causar ruídos na escuta, embora esta possa ser sustentada desde que haja o desejo do analista/pesquisador (ROSA; DOMINGUES, 2010). Rosa (2004) chama a atenção também para o sofrimento que o pesquisador pode vir a ter durante suas descobertas e para a resistência que pode se dar por conta desse sofrimento. Para prosseguir com a pesquisa, foi necessário, então, fazer o que Bleger (1998) orienta, ou seja, que o pesquisador leve para sua análise as questões suscitadas pela pesquisa, para só daí continuar o seu projeto (BLEGER, 1998), e foi exatamente isso que fiz. Isso ilustra a necessidade de um tempo de elaboração da pesquisadora para dar prosseguimento à pesquisa, e, por conseguinte, um tempo de elaboração na própria pesquisa.

Voltando à transferência, sabemos que ela “domina o todo das relações de cada pessoa com seu ambiente humano” (FREUD, 1925/1996, p. 47), na clínica ocorre na relação entre analisando e analista; e na pesquisa, a partir da relação do pesquisador com seu objeto de estudo. No caso desta pesquisa, na relação da pesquisadora com as páginas do Facebook e, consequentemente, com os discursos postados. Na pesquisa a transferência não ocorre apenas na relação pesquisador e tema de pesquisa, mas também entre pesquisador e orientador, uma vez que “o pesquisador, supõe um saber nos seus mestres, que por eles se fascina, que os repete (*o dixit*) em seus trabalhos, e que não raro se contenta com esta competição” (COELHO; BIRMAN, 2014, p. 128), confiando nas orientações e pontuações recebidas. Contudo, é possível ainda que algumas pontuações sejam questionadas, pois diferente do que ocorre na clínica, quando o analisando não aceita uma dada interpretação ou permanece, “[...] intocado pelo que foi dito e não reagir nem com um ‘sim’ nem com um ‘não’” (FREUD,

⁶ Quando uma *fanpage* e/ou uma página é removida do Facebook, todo o conteúdo, inclusive comentários, também são excluídos. O pesquisador deve ficar atento e salvar todas informações que coletar nas redes sociais. No caso da página do Facebook, apesar de salvar em outro documento, quando uma página é excluída, o pesquisador não tem como provar que o conteúdo apresentado se encontrava no Facebook.

1927a/1996, p. 80), o pesquisador poderá apresentar uma interpretação diferente da de seu orientador, de acordo com sua transferência com o objeto de pesquisa, os dados levantados ao longo da investigação, a análise desses e de seu próprio percurso de formação, ocorrendo, assim, mais um momento de discussão, reflexão e aprofundamento do tema, demonstrando como o desenvolvimento de uma pesquisa psicanalítica está marcado por um processo de construção, desconstrução, escuta, análise, orientação, elaboração e escrita.

1.3 OBSERVAÇÃO, INTERPRETAÇÃO E TEMPO DE ELABORAÇÃO

Hanson (1975), comentado por Rosa e Domingues (2010, p. 185), defendia a ideia de que “observar já é interpretar, e que a teoria antecede a observação e direciona o olhar do pesquisador para o que irá observar”; apesar de ele se referir à ciência de uma forma geral, sua ideia é importante para pensarmos a observação na pesquisa psicanalítica, uma vez que nesta, a observação em interação com a fundamentação teórica e a interpretação analítica ocorrem de forma intrínseca. Segundo Bleger (1998), na pesquisa não há etapas rígidas, é possível que ocorra primeiro a observação e depois hipóteses e verificações, mas é possível também a partir da observação a modificação de hipóteses e assim por diante. Para o autor, “observar, pensar e imaginar coincidem totalmente e formam parte de um só e único processo dialético. Ainda segundo Bleger (1998, p.19), “indagação e atuação, teoria e prática, devem ser manejadas como momentos inseparáveis, formando parte de um só processo”, à disposição de uma escuta para além do que está sendo dito, neste caso, para além do discurso de ódio ao outro, registrado nos comentários de alguns usuários do Facebook.

Em *A Carta roubada* (1944) de Edgar Allan Poe, as várias visitas que os policiais fazem à casa do Ministro com o objetivo de encontrar uma carta são sempre sem êxito, pois apesar de enxergarem a carta, esses não a viam, não a encontravam, pois, segundo Lacan (1949/1998, p. 17), “nada viam”. Assim não seríamos nós ao vermos constantemente os comentários de ódio em páginas do Facebook? O que esses dizeres estão nos falando dos sujeitos que as publicam, mais do que isso, o que esse comportamento social diz da sociedade brasileira? Pode-se ainda perguntar: o sentimento de ódio estaria sendo usado politicamente no Brasil?

Ainda sobre a legitimidade da prática extensiva da interpretação, Laplanche e Pontalis (1971), comentados por Rosa (2016, p. 92), apontam que essa “pode estender-se às produções humanas para as quais não dispõe de associações livres”. Isso demonstra que é possível

analisar os “discursos presentes em depoimentos e entrevistas, colhidos nas ruas, na imprensa” e nas redes sociais on-line, lugar hoje de discursos registrados em formatos de textos, fotografias, vídeos, desenhos, em que um simples *click* ao curtir algo divulgado em alguma página pode demonstrar se o navegador gostou ou não gostou do que fora divulgado.

Para que ocorra o processo de análise é fundamental que o analista escute “tudo que o paciente diz, sem privilegiar este ou aquele ponto” (CUNHA; COELHO, 2015, p. 97) e elabore o caso clínico somente a *posteriori*, após o final do tratamento, uma vez que “para o analista, tempo de elaboração não é o mesmo tempo do ato. A produção da inteligibilidade da experiência clínica se dará a *posteriori*” (CUNHA; COELHO, 2015, p.98). Na pesquisa, assim como na clínica, o pesquisador irá desenvolver sua investigação sem favorecer um dado em relação ao outro, e somente após a “leitura-escuta” dos dados começará a análise e em seguida a elaboração do estudo de caso.

Essa escuta a partir de um texto, de um dito escrito, foi nomeada por Souza (1998. p. 117) como leitura-escuta. Para o autor,

[...] o saber ler é necessário sob vários pontos de vista para a escuta. Primeiramente, pela particularidade da escuta analítica, que de forma alguma se trata do puro efeito sensorial de ouvir; trata-se efetivamente de leitura – escuta. Pois se, por um lado, a escuta pode situar-se num material sonoro, a leitura diferentemente, dá-se a partir de um texto, de uma escrita, de uma escritura. E se o material sonoro é dado o dito, sob a forma de palavras, de enunciados, a enunciação é uma leitura que busca encontrar o suporte mesmo do falar na relação analítica.

Podemos inferir pelo que nos disseram Coelho (2015), Cunha (2015), Iribarry (2003) e Souza (1998) que em algumas pesquisas o processo é semelhante à clínica, mas em vez da fala, trabalhamos com o texto escrito, com a fala escrita, procurando “identificar significantes cujo sentido assume o caráter de uma contribuição original para o problema de pesquisa norteador da investigação” (IRIBARRY, 2003, p. 129). Para Iribarry (2003), a análise dos dados deve ser pautada pela escuta e transferência do pesquisador em relação ao texto e esse deve sempre transformar as informações coletadas em texto, daí enfatizar a importância do pesquisador saber ler. Pois se trata de uma leitura, semelhante à escuta na clínica, movida pelo desejo do analista, estabelecida por meio da relação transferencial do pesquisador/leitor com o texto, viabilizando, assim, a análise dos dados colhidos na leitura dos textos, atendo-se às falhas, aos embaraços, aos significantes presentes nos discursos escritos (CAON, 1996; FÉDIDA, 1992).

A leitura e análise dos dados serão transformadas em um texto que identificará e revelará marcas no discurso, posicionamentos e sentidos. Assim, a escrita do caso

[...] vai além de uma apreensão circunstancial e momentânea do observado, pois envolve uma construção, a construção do caso metodológico, que transforma os registros daquilo que se apresenta como enigma em um relato, uma narrativa, uma experimentação e teorização de um campo. O caso revela não só o pesquisado, mas também aquele que escuta e as insinuosidades do campo que transita (ROSA; DOMINGUES, 2010, p.186).

Essa elaboração é única, pois apesar dos pares, dos textos, das orientações, da investigação e inclusive dos efeitos da pesquisa sobre o pesquisador ao longo do seu desdobramento, o método elaborado para desenvolver o trabalho é específico a cada projeto de pesquisa.

Bem, agora que já deixei claro de onde parti, com quem caminhei ao longo deste percurso, em quem me apoio e como desenvolvi a pesquisa, falta apenas uma breve explanação sobre este lugar virtual em que transcorreu a coleta de dados da pesquisa, o Facebook. Mas antes de falar especificamente sobre essa rede social, discorrerei brevemente sobre a Internet, o virtual e redes sociais on-line para uma melhor compreensão do Facebook, visto que ele foi criado e se desenvolveu a partir da existência desses outros sistemas e conceitos.

1.4. INTERNET E AS NOVAS MANEIRAS DE RELAÇÕES E INTERAÇÕES

A Internet, tão presente em nossos dias, teve sua origem em uma “rara mistura de estratégia militar, grande cooperação científica e inovação contracultural (sic)” (CASTELLS, 1999, p. 375), desenvolvida no final da década de 1950 por meio da Agência de Projetos de Pesquisa Avançada do Departamento de Defesa dos Estados Unidos (DARPA), que tinha como missão desenvolver tecnologia militar superior em relação à União Soviética. Um dos projetos tecnológicos desenvolvidos pela DARPA consistia em uma “rede independente de centros de comando e controle, de modo que as unidades de mensagens encontrariam suas rotas ao longo da rede, sendo remontadas com sentido coerente em qualquer ponto dela” (CASTELLS, 1999, p. 375). Essa nova tecnologia, nomeada inicialmente de Arpanet, foi se aprimorando, permitindo a “compactação de todos os tipos de mensagens, inclusive som, imagens e dados, formando uma rede capaz de comunicar todas as espécies de símbolos sem o uso de centros de controles” (CASTELLS, 1999, p. 375). Em 1960, o Departamento de Defesa dos Estados Unidos permitiu que os centros de pesquisas que cooperavam com o departamento fizessem uso da comunicação em rede, através da Arpanet. “Os cientistas começaram a usá-la para todos os tipos de comunicação, tornando assim difícil a separação da

pesquisa voltada para o setor militar de comunicação científica e as conversas pessoais” (CASTELLS, 1999, p. 376). A participação dos membros dos centros científicos da época, influenciados pela cultura da liberdade individual que florescia nos campi universitários das décadas de 1960 e 1970, originou o aspecto inicial da Internet que hoje conhecemos. Esses pesquisadores acreditavam que a Internet “daria às pessoas o poder da informação” e que elas poderiam, assim, se “libertar tanto dos governos, quanto das corporações”⁷ A década de 1980 foi marcada pelo desenvolvimento da “comunicação pessoal e a comunicabilidade de redes”, do desenvolvimento dos Sistemas de Boletins Informativos (BBS) e também das primeiras “comunidades virtuais”⁸. Foi nesse período que a Arpanet passou então a ser nomeada como Internet e se tornou uma “rede de comunicação horizontal global composta de milhares de redes de computadores”, sendo “apropriada por indivíduos e grupos no mundo inteiro, com todos os tipos de objetivos”⁹. Na década de 1990, as empresas percebem o extraordinário potencial da Internet e participaram do processo de privatização realizado pelo governo americano, comprando algumas das principais operações da rede, possibilitando dessa maneira seu rápido crescimento e seu uso em nível global, assim, chegando ao modelo que hoje conhecemos (CASTELLS, 1999). Foi também nessa década que

A coexistência pacífica de vários interesses e culturas na Rede tomou a forma da World Wide Web – WWW (Rede de Alcance Mundial), uma rede flexível formada por redes dentro da Internet onde instituições, empresas, associações e pessoas físicas criaram os próprios sites, que servem de base para todos os indivíduos com acesso poderem produzir sua homepage, feita de colagens variáveis de textos e imagens (CASTELLS, 1999, p. 379).

A WWW facilitou a criação de sites¹⁰ e blogs¹¹ e passou a ser um espaço em que usuários divulgavam o que desejavam e acreditavam. Outra inovação viabilizada pela Internet ocorreu a partir da possibilidade do encontro de indivíduos com seus pares, com seus grupos sociais, bem como o acesso a diferentes grupos sociais que se encontravam na rede social online.

⁷ CASTELLS, Manuel. **A era da informação**: economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra, 1999. p. 25-26.

⁸ *Op. cit.*, p. 378.

⁹ *Op. cit.*, p. 26.

¹⁰ Sites: é um conjunto de páginas web, hipertextos acessíveis geralmente pelo protocolo HTTP (Hyper Text Transfer Protocol), protocolo de transferência de hipertexto, protocolo de comunicação entre sistemas de informação que permite a transferência de dados entre computadores, principalmente web (SIGNIFICADOS, 2017) na internet, conjunto de informações na internet (WIKIPÉDIA, 2017).

¹¹ Blogs: páginas na internet onde regularmente são publicados diversos conteúdos, como textos, imagens, vídeos, dentre outros, podem ser dedicados a um assunto em específico, bem como ser de âmbito geral (SIGNIFICADOS, 2017).

1.4.1 AS REDES SOCIAIS ON-LINE E O VIRTUAL

A formação e o desenvolvimento das comunidades virtuais se deram justamente pelo “*establishment* militar/científico e a contracultura computacional pessoal”, tendo como base comum o mundo universitário, pois “o primeiro nó da ARPANET foi estabelecido em 1969 na Universidade da Califórnia em Los Angeles e se propagou pelas demais comunidades acadêmicas”, mas também pelo resultado do “processo inovador constante e da livre acessibilidade imposta pelos primeiros *hackers* de computadores (em seu sentido original) e pelas milhares de pessoas que ainda usam a rede como *hobby*” (CASTELLS, 1999, p. 379-380).

O termo ‘comunidade virtual’ foi desenvolvido por Howard Rheingold (1993), que definiu as comunidades virtuais como “agregações sociais que emergem da rede quando um número suficiente de pessoas empreende [...] discussões públicas por tempo suficiente, com suficiente sentimento humano, para formar redes de relacionamentos pessoais no ciberespaço (KOZINETTS, 2014, p. 15).

Pierre Lévy (2002, p. 67) afirma que “as comunidades virtuais começaram a se desenvolver há mais de quinze anos antes do aparecimento da World Wide Web” e se constituíam a partir de “um grupo de pessoas, que mantinham relações através do ciberespaço, podendo se formar a partir de uma simples lista de difusão temporária, por correio eletrônico”, ou poderiam também “existir a partir de relações intelectuais, afetivas e sociais sólidas e de longo prazo” (LÉVY, 2002, p. 68). Segundo o autor, as pessoas levam sua maneira de se relacionar para as redes sociais on-line por meio da formação de comunidades virtuais, criando assim uma maneira mais dinâmica e ágil no processo de interação e de comunicação dentre seus membros (LÉVY, 2002). Se inicialmente as comunidades virtuais eram constituídas a partir da ligação de pessoas que já se conheciam, atualmente essas redes tomaram proporções maiores e é possível que algumas pessoas, membros de comunidades virtuais, se conheçam apenas no mundo virtual.

Pode-se afirmar, então, que “o virtual possui uma plena realidade enquanto virtual” (DELEUZE (1968) apud LÉVY, 2011, p.11), visto que não afeta apenas a informação e a comunicação, mas também a relação entre os indivíduos, as relações em sociedade, na economia, na democracia, dentre outros. Dessa maneira o virtual produz efeito; quando um internauta posta uma mensagem é impossível a ele dimensionar até aonde e até quem essa mensagem chegará; mas sabemos que assim como sofremos o efeito do que temos acesso, o que divulgamos também poderá provocar efeitos. A rede de Internet assim como “a tecnologia não é nem boa, nem ruim e também não é neutra” (KRANZBERG, 1985 apud

CASTELLS, 1999, p. 81), o que faz a diferença é a posição, a maneira como o internauta a utiliza. Isso demonstra que há um processo dialético ocorrendo nas redes, uma vez que nessas ocorrem a “troca recíproca de argumentos entre sujeitos, mas também relação entre entidades que se opõem de súbito a significar-se mutuamente” (LÉVY, 2011, p. 93). Dessa maneira, “a dialética virtualizante estabelece relações de significação, de associação ou de remissão entre uma entidade e uma outra qualquer”¹². É por isso que o autor afirma que a “operação dialética funda o virtual porque abre, sempre de uma forma diferente, um segundo mundo”¹³, um outro lugar onde as opiniões e informações são divulgadas, defendidas e criticadas.

Castells (1999, p. 355) afirma ainda que por meio desse novo sistema de comunicação, que é “mediado por interesses sociais, políticas governamentais e estratégias de negócios, está surgindo uma nova cultura: ‘a cultura da virtualidade real’”.

Ela é virtual porque construída basicamente através de processos de comunicação virtuais, eletronicamente baseado. É real (e não imaginária) porque é nossa realidade fundamental, a base material sobre a qual vivemos nossa existência, construímos nossos sistemas de representação, exercemos nosso trabalho, vinculamo-nos a outras pessoas, obtemos informação, formamos nossas opiniões, atuamos na política e acalentamos nossos sonhos. Essa virtualidade é nossa realidade. É isso que caracteriza a cultura na Era da Informação: é principalmente através da virtualidade que processamos nossa criação de significado (CASTELLS, 2003, p.167).

Para Castells (2003), o virtual faz parte da nossa vida real e vem por meio da Internet, promovendo mudanças na organização do trabalho, no desenvolvimento econômico, no acesso à informação e conhecimento; tem proporcionado também uma nova dinâmica de relacionamento social e até mesmo de organização social e política, prova disso foram “os protestos eletrônicos contra os acontecimentos da Praça Celestial na China, em 1989, via redes de computadores operados por estudantes chineses no exterior” (CASTELLS, 1999, p. 378) e da visibilidade que o movimento zapatista conseguiu na década de 1990 ao divulgar por meio da rede as imagens do movimento e a causa que defendiam, assim como a maneira como os movimentos realizados na Tunísia, Islândia, Espanha, Estados Unidos e no Brasil neste século (CASTELLS, 2013), quando milhares de jovens foram às ruas reivindicar por mudanças sociais e econômicas, usaram as redes sociais on-line como ferramentas de mobilização e organização. Segundo o autor, esses movimentos apresentavam algo muito parecido com a forma de organização das redes, não havia um líder em específico, mas isso não queria dizer que não eram organizados, apenas que possuíam uma nova dinâmica de organização e funcionamento. Essa nova forma de mobilização social é viabilizada também

¹² LÉVY, Pierre. **O que é virtual?** 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011. p. 93.

¹³ *Op. cit.*, p. 93.

por conta das mudanças da telefonia móvel, a partir da popularização dos aparelhos celulares desenvolvidos no século XXI, que são na verdade pequenos computadores e possibilitam o contato com os amigos e o acesso à informação em qualquer espaço geográfico, desde que se tenha disponível um sinal de Internet (SANCHES, 2011). Esses aparelhos não se restringem a realizar apenas ligações telefônicas, mas a possibilidade de se comunicar por aplicativos, como Facebook, Twitter¹⁴, Instagram¹⁵, Messenger¹⁶, WhatsApp, acessar notícias, bem como seguir e ser seguido por outras pessoas que usam as mesmas redes sociais.

Essa dinamização das formas de comunicação permitiu a organização de novas maneiras de interação e mobilização social, uma vez que pessoas que nunca se encontraram pessoalmente podem ser amigos virtuais e fazer parte das mesmas redes sociais. Eventos e atos públicos das mais diversas áreas são marcados e compartilhados com vários internautas a partir do uso de aplicativos e acessados quase que simultaneamente por vários usuários por meio de seus aparelhos móveis. O uso dessa nova tecnologia, aparelhos móveis e aplicativos, tem provocado mudanças no modo como as pessoas se comunicam e interagem socialmente (KALLAS, 2016), promovendo assim, novas formas de circulação dos afetos.

1.4.2 A REDE SOCIAL FACEBOOK E SEUS USUÁRIOS

Após algumas tentativas de criação de sites de redes sociais, em 2004, no interior da Havard University, Mark Elliot Zuckerberg, Eduardo Saverin e Dustin Moskovitz conseguiram desenvolver uma nova rede social online que nomearam como The Facebook. A ideia era “facilitar o intercâmbio de assuntos concernentes às atividades acadêmicas”, a “interação” entre os estudantes por meio da “visualização da rede de contatos, bem como a promoção de encontros e o favorecimento do capital social e das relações interpessoais” (KIRKPATRICK, 2011 apud ROSA; SANTOS, 2013, p.22). Ao perceberem o êxito de sua criação, seus idealizadores, em 2006, mudaram o nome original para Facebook, permitiram a publicação de anúncios no site e promoveram sua utilização por “qualquer pessoa que tivesse acesso à Internet” (JOINSON, 2008 apud ROSA; SANTOS, 2013, p. 22). Com essa abertura

¹⁴ Twitter: rede social e servidor para microblog, que permite aos usuários enviar e receber atualizações pessoais de outros contatos, em textos de até 140 caracteres (SIGNIFICADOS, 2018).

¹⁵ Instagram: rede social on-line de compartilhamento de fotos e vídeos entre seus usuários, que permite aplicar filtros digitais e compartilhá-los em uma variedade de serviços de redes sociais, como Facebook, Twitter, entre outros. O Instagram pertence ao Facebook (ALENCAR, 2016; WIKIPÉDIA, 2017).

¹⁶ Messenger: aplicativo de mensagens instantânea do Facebook (BARROS, 2014).

a empresa ganhou fundos milionários e se mudou para “o Vale do Silício, onde se encontra as maiores empresas relacionadas à tecnologia e informática do mundo” (ROSA; SANTOS, 2013, p. 22).

Para ser um usuário dessa rede é necessário realizar um cadastro por meio de uma conta de e-mail e o registro de uma senha pessoal; ao ingressar, o usuário receberá uma solicitação para que crie seu perfil, inserindo dados pessoais como: nome, local de residência, de nascimento, de trabalho e de estudo, escolaridade, dentre outras informações; a partir desse cadastro poderá conversar gratuitamente com os amigos, publicar mensagens, links, fotos, imagens e vídeos, bem como ter acesso às publicações dos seus amigos. As informações desses usuários tornam-se públicas ou semipúblicas pela exposição deles na Internet, que permite o acesso, ainda que parcial, de qualquer usuário cadastrado no Facebook a essas informações (ROSA; SANTOS, 2013, p. 24).

Rosa e Santos (2013, p. 23-24), em *Facebook e as nossas identidades virtuais*, comentam ainda que

O Facebook, assim como as demais redes sociais da Internet, encontra-se imerso num contexto social e econômico e, conseqüentemente, em uma lógica de mercado. A congregação de pessoas no Facebook tornou-se um negócio comercial, que, em nossa opinião, repercute na forma como os usuários desenvolvem o Processo de Negociação de Identidade. [...] o site não deixou de ser um meio pelo qual é possível elaborar um perfil, estabelecer e manter contatos de maneiras diferentes. Por isso, consideramos que, ao mesmo tempo em que existe influência da lógica de mercado nas transações que ocorrem no Facebook, os indivíduos o utilizam de maneiras diversificadas e com interesses distintos.

Segundo os autores, há uma interação peculiar por meio dos perfis elaborados pelos usuários que se representam na rede, uma vez que estes acessam uma “maior possibilidade de seleção, omissão e dissimulação do que será exposto ou publicado”, afirmam ainda “que os usuários das redes sociais utilizam táticas para representar-se no cotidiano, representação esta facilitada pela interação mediada nas redes virtuais” (ROSA; SANTOS, 2013, p. 73). Essa interação com os outros perfis e a sua elaboração observada pelos pesquisadores são transpassadas pelo imaginário. No sentido lacaniano, o imaginário “se define como o lugar do eu por excelência, com seus fenômenos de ilusão, captação e engodo” (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 371). Para Rosa e Santos (2013, p.101), os usuários, no processo de criação do seu perfil, levam em consideração os “ideais estabelecidos pela sociedade e difundidos pelo mercado, portanto, identidades socialmente desejadas” e tentam dessa maneira correspondê-las. Há ainda a possibilidade de o usuário representar “a si mesmo de maneiras

distintas em um ou mais sites de redes sociais, bem como a possibilidade de criação de um perfil falso (os chamados fakes)” (ROSA; SANTOS, 2013, p.102).

É possível perceber também que há várias maneiras de relação estabelecida pelo usuário e sua página. Alguns fazem dela um diário em que publicam tudo o que fazem ao longo do dia, por meio de mensagens e fotos; outros usam a página como meio de interagir com os colegas, como meio de divertimento e alegria, postando vídeos de piadas e mensagens alegres; há os que divulgam algum produto e/ou programação de eventos (ROSA; SANTOS, 2013), usando a página de uma maneira mais comercial; os que divulgam suas ideias e posições políticas, fazendo desse espaço um lugar de discussões; e há também os que utilizam esse espaço para atacar de maneira agressiva, xenófoba e racista os que não concordam com suas ideias, tentando a todo custo impor seu ideal, causando muitas vezes um mal-estar e até mesmo sofrimento aos que são atacados.

Outro ponto a ser ressaltado sobre o Facebook diz respeito à liberdade. Na plataforma, ela é apenas aparente, pois os usuários veem apenas o que a rede lhes mostra, uma vez que o Facebook, assim como toda rede social digital, tem por trás um elemento chamado Algoritmo¹⁷, ou seja, um código numérico que rege todo o funcionamento do sistema. Toda interação do usuário com a página se transforma em um *log* de programação e é armazenada e entendida pelo algoritmo (RIBEIRO, 2016), isto é, cada curtida, cada comentário e/ou postagem; a partir desses dados, o Facebook direciona o conteúdo ao qual o usuário terá acesso. Se o usuário curte muitas coisas de uma página, ela sempre aparecerá para ele, já uma página que ele não curte e/ou compartilha seu conteúdo praticamente não será mostrada ao usuário.

Quanto ao uso gratuito da página, na verdade, também não se dá por completo, visto que apesar de o usuário não pagar nenhuma taxa para usar a página, ele paga indiretamente ao publicar, curtir e comentar, pois tudo que o usuário publica, se converte em informações que serão coletadas e armazenadas pelo Facebook para serem vendidas pelo seu criador a anunciantes em formato de *Facebook Ads* (HILLER, 2014). Há também a interação com as *fanpages*, as páginas comerciais do Facebook direcionadas a empresas; organizações; instituições e meios de comunicação; marca ou produto; artistas; banda ou figuras públicas; autônomos; comunidade (ALDABRA, 2016) e qualquer organização com ou sem fins

¹⁷ Algoritmo do Facebook: é um recurso utilizado para, principalmente, determinar o que é posto em primeiro no seu feed, na tela principal (RIBEIRO, 2016). O feed é um formato de dados usado em formas de comunicação com conteúdo atualizado frequentemente, como sites (sítios) de notícias ou blogs (WIKIPÉDIA, 2017).

lucrativos que deseja interagir com o cliente. Apesar de serem páginas comerciais, o usuário interage com esta assim como interage com as páginas dos amigos virtuais, podendo curtir, comentar, compartilhar e salvar, oferecendo dessa maneira, ainda que indiretamente, mais informações sobre si mesmo.

1.4.3 FACEBOOK E SUA ATUAÇÃO POLÍTICA

Para aqueles que acreditam que o Facebook é apenas mais uma rede social que possibilita interação e o contato com os amigos virtualmente, bem como conhecer e interagir com mais pessoas, participar e/ou organizar grupos e se informar por meio das *fanpages* de notícias, as denúncias sobre a atuação do Facebook relacionada à política – como a última eleição presidencial dos EUA e a aprovação do Brexit no Reino Unido – confirmam a sua atuação política, que Glenn Greenwald¹⁸ já denunciava em 2016. As declarações de Marck Zuckerberg, bem como seus últimos posicionamentos, o anúncio de mudança na página para priorizar a interação entre amigos em detrimento das páginas de notícias, o recuo e desistência frente às mudanças anunciadas demonstram que o Facebook está além de uma rede social de interação, informação e entretenimento, e revela que ela não apenas usa política e economicamente os dados de seus usuários como também permite o uso destes por outras organizações para os mesmos fins, revelando um alcance e, conseqüentemente, um poder político imensurável.

No início de 2018, Marck Zuckerberg, após as declarações que acusavam o Facebook de “ser terreno fértil para a propagação de notícias falsas”, como as que “ocorreram nas eleições de Donald Trump”, anunciou que a página mudaria e “iria dar mais espaço a conteúdo de amigos e familiares, em detrimento às postagens feitas por páginas, incluindo o conteúdo jornalístico”. Segundo Zuckerberg, as mudanças eram “baseadas em uma pesquisa realizada pela empresa e que a intenção era ‘encorajar interações significativas entre as pessoas’, ao invés de manter uma audiência a qual ele classificou como ‘passiva’, que apenas lê, assiste, e/ou replica, sem refletir” (SANTANA; ROVAI, 2018, p. 01). O anúncio causou reações por todo o mundo e alguns questionavam essa mudança, pois, segundo seus críticos,

¹⁸ Glenn Greenwald, advogado, jornalista, blogueiro, americano, que divulgou as denúncias de Edward Snowden, sobre o monitoramento ilegal das comunicações conduzidas em segredo pela Agência de Segurança Nacional - NSA (UNTERSINGER, 2013).

foi o próprio Facebook que atraiu as páginas de comunicação ao oferecer as “plataformas comerciais específicas para impulsionamento de posts” (SANTANA; ROVAI, 2018, p. 01).

Ainda no mês de janeiro de 2018, alguns dias após o anúncio das mudanças no Facebook, Zuckerberg declarou que as pessoas estavam usando menos a rede e que suas ações haviam caído (UOL, 2018); em março, anunciou o fim das mudanças e informou que não iria mais “eliminar os meios de comunicação profissionais do mural principal dos usuários” (CANO, 2018, p. 01).

As mudanças anunciadas e o recuo frente a elas nos mostram que a página há muito já não tem como foco o encontro e a união de amigos, como no período de sua criação. O Facebook, para além de uma página de postagens pessoais, há tempos vem usando politicamente e economicamente os dados de seus usuários, bem como vem sendo usada para fins políticos e econômicos como veremos a seguir. Estou falando não apenas do uso desse meio para divulgar ideais e defesas de propostas políticas praticadas pelos próprios usuários, mas do uso político que o criador e administradores da plataforma fazem no contexto geopolítico, no uso da rede como uma ferramenta política.

Em 2012, Zuckerberg divulgou na revista *Nature* que havia realizado uma experiência nas eleições legislativas dos EUA em 2010 que consistia na inserção de uma mensagem no *feed* de notícias de seus usuários, por meio da qual anunciava que seus amigos já haviam votado. A experiência revelou que 340 mil pessoas teriam ficado em casa e não teriam votado se não tivessem visto que seus amigos já haviam votado (SALAS, 2017).

Em relação ao Brasil, a *BBC* portuguesa divulgou em dezembro de 2017, após uma investigação de três meses, que “a estratégia de manipulação eleitoral e da opinião pública nas redes sociais seria similar à usada por russos nas eleições americanas, e já existiria no Brasil ao menos desde 2012” (GRAGNANI, 2017). A matéria revelou ainda como o exército de perfis falsos se organizava e atuava nas redes sociais, divulgando e conseguindo apoio para aprovação de alguns projetos e para alguns políticos candidatos nas eleições de 2014; além disso, esses perfis coordenavam ataques contra adversários desses candidatos; de acordo com a matéria, os perfis falsos comentavam em postagens de outros perfis falsos a fim de conseguir dar visibilidade – ou, como dizem, dar “força” à publicação – e conseguir alguns amigos reais, a fim de não serem descobertos. A investigação no entanto, não conseguiu levantar o valor que os internautas recebiam pelos seus trabalhos (GRAGNANI, 2017).

Em 2016, Glenn Greenwald já havia divulgado que o Facebook, após reunião com membros do governo de Israel, excluiu contas de palestinos, alegando que eles praticavam incitação ao ódio. No entanto, o mesmo não se aplicou às páginas de israelenses que publicavam postagens que incitavam o ódio aos palestinos – estes continuavam e continuam com suas páginas–, somente páginas em que a sugestão de matança estava explícita foram excluídas. Neste ano, segundo Greenwald (2018), o Facebook também tem cumprido ordens do governo Trump, e como exemplo: o jornalista cita a exclusão do perfil de Ramzan Kadyrov, líder autoritário e repressor da República da Chechênia. Seu perfil na rede fora excluído não porque incitava o ódio e ações de violência, mas porque foi “incluído numa lista de sanções dos Estados Unidos, e a empresa tinha o dever legal de tomar providências” (GREENWALD, 2018, p. 02).

Chama a atenção o fato do Facebook não estar excluindo perfis que incitam o ódio, a matança e a violência de maneira imparcial, mas, sim, de acordo com a política de quem está no poder e de quem é o mais forte no cenário político. Glenn Greenwald (2018, p. 03) pergunta: “Será que o Facebook se atreveria a censurar políticos ou jornalistas americanos que usam as mídias sociais para incitar a violência contra os inimigos dos EUA?”. Pensando nas informações sobre a atuação política do Facebook e dos últimos acontecimentos políticos no Brasil, em específico o pedido de afastamento da presidenta Dilma Rousseff (2016), podemos indagar: o que essa rede fez em relação aos discursos de ódio postados por alguns internautas e grupos que defendiam em suas páginas o uso da agressividade e violência durante o processo de afastamento, assim como contra negros, mulheres, comunidades LGBTQs, imigrantes, dentre outros?

As revelações sobre como o Facebook atua politicamente continuam, segundo Christopher Wyle, ex-funcionário da Cambridge Analytica, a “empresa usou dados do Facebook de mais de 50 milhões de norte-americanos para eleger Donald Trump” e “disse que foi o mesmo método que possibilitou a saída do Reino Unido da União Europeia” (REVISTA FORUM, 2018).

Ainda sobre a atuação e posicionamento político do Facebook, Zuckerberg, ao falar no Parlamento Europeu sobre a atuação da rede social nos processos eleitorais que ocorrerão no ano de 2018 (eleições do Parlamento Europeu, no Brasil e na Índia), afirmou que a prioridade da plataforma é “impedir que qualquer um consiga interferir em uma eleição, como os russos fizeram na corrida eleitoral do Estados Unidos em 2016”, e afirmou ainda, em relação às

eleições no Brasil, que a plataforma atuaria para garantir a integridade das eleições de 2018 (G1, 2018). Contudo, não explicou como fará isso.

O Facebook é a rede social on-line que mais cresce no mundo (G1, 2017), não à toa, nos mostra várias questões ligadas ao indivíduo e ao social: desde a elaboração de um perfil virtual; exposição da vida privada no meio público virtual; a relação usuário x rede, e usuário x usuário (ROSA; SANTOS, 2013); a convocação de atos públicos e manifestações pró e contra governos (CASTELLS, 2013); além disso, ultimamente tem mostrado sua atuação e uso político direta e indiretamente (SALAS, 2017; G1, 2018), já que atua politicamente e é também usada politicamente pelos seus navegadores. E foi nesta rede social, que li e escolhi alguns discursos de ódio postados nos comentários de internautas em matérias divulgadas em algumas *fanpages* de comunicação no período de abril de 2016 a julho de 2017, para desenvolver esta pesquisa.

2. O ÓDIO NA FORMAÇÃO DA CIVILIZAÇÃO OCIDENTAL

2.1 AMOR E ÓDIO NO PROCESSO DE CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO E DA CIVILIZAÇÃO

Ao falar sobre o processo de constituição do sujeito, Sigmund Freud (1915a/1996) afirma que um recém-nascido não consegue em seus primeiros meses de vida diferenciar o que é ele próprio, o seu ego, do que é externo. Ele apenas reage aos diversos estímulos internos e externos que o acometem e só aos poucos percebe que há sensações que provêm do seu próprio corpo e sensações externas, como o seio da mãe, que ora causam prazer; ora, desprazer (FREUD, 1915a/1996). Inicialmente, o ego não separa interno de externo e inclui todas as sensações que o bebê está sentindo, ele é “autoerótico, mas à medida que os objetos que lhe são apresentados constituem fonte de prazer, ele os toma para si próprio e expelle o que quer que dentro de si mesmo se torne causa de desprazer – mecanismo de projeção” (FREUD, 1915a/1996, p. 143), isso demonstra que “o amor deriva da capacidade do ego de satisfazer (sic) auto eroticamente alguns dos seus impulsos instintuais pela obtenção do prazer do órgão” e o “ódio provém do repúdio primordial do ego narcisista ao mundo externo com seu extravasamento de estímulos” (FREUD, 1915a/1996, p. 143). Nesta fase, o ego, por meio do ódio, mantém distante tudo que poderia ser fonte de sensação desagradável e do amor, tudo que poderia lhe proporcionar prazer (FREUD, 1915a/1996).

O recém-nascido, esse ser pulsional que ainda não diferencia os estímulos internos e externos, tenta inicialmente ter suas necessidades satisfeitas, buscando ser alimentado, protegido e amado pela mãe (ou a pessoa que cuida do pequeno *infans* nessa fase), intentando assim uma proteção narcísica primária, pois nesse momento todo o investimento libidinal é direcionado ao ego. Mas o bebê, ao receber os cuidados, proteção e amor que a mãe lhe dá, ao mesmo tempo em que tem suas necessidades de conservação satisfeitas, tem também um desejo pela mãe, pois ela é, na verdade, o primeiro objeto sexual¹⁹ do *infans* (FREUD, 1914d/1996). A criança a deseja e gostaria de tê-la. Se inicialmente não percebia que ela era um objeto externo, com o tempo se dará conta de que ela, apesar de satisfazer suas necessidades, não está sempre à sua disposição e isso faz com que perceba que a mãe é um objeto externo a ele.

O ego mantém um investimento sobre si, investimento primário, mas passa também a investir em objetos externos a fim de conseguir satisfazer-se libidinalmente, no entanto, nem

¹⁹ Para Freud (1905b/1996) a sexualidade não diz respeito apenas ao genital e não corresponde à procriação, mas à obtenção de uma satisfação.

sempre o objeto externo corresponde ao investimento, fazendo com que o ego retire a pulsão aplicada ao objeto externo e a traga de volta ao eu (FREUD, 1914d/1996). Esse processo muitas vezes é acompanhado da ambivalência do amor e ódio; o objeto inicialmente amado é agora odiado, pois não correspondeu aos desejos do ego (FREUD, 1917b /1996).

Até esse momento o processo de constituição do sujeito é marcado pela oposição entre pulsão sexual e pulsão de autoconservação e preservação do eu, porém, em *Além do princípio do prazer* (1920), Freud apresenta uma nova concepção sobre as pulsões. A pulsão sexual e a pulsão de autoconservação e preservação do eu deixam de ser vistas como opostas e passam a representar Eros, a pulsão de vida; o ódio e a agressividade passam a representar a pulsão de morte. A pulsão de morte se contrapõe à pulsão de vida e tende “para a redução completa das tensões, isto é, tende a reconduzir o ser vivo ao estado inorgânico. Voltada inicialmente para o interior e tendente à autodestruição” e “secundariamente dirigidas para o exterior, manifestando-se sob a forma agressiva ou destrutiva” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1970, p. 528). Ambas continuam a agir muitas vezes simultaneamente, dificultando, assim, a sua identificação. O autor cita como exemplo o sadismo, que às vezes está em função da pulsão de morte, mas que, no entanto, entra em “ação na função sexual” (FREUD, 1920, p. 64).

Durante a fase oral da organização da libido, o ato de obtenção de domínio erótico sobre um objeto coincide com a destruição desse objeto; posteriormente, o instinto sádico se isola, e, finalmente, na fase de primazia genital, assume, para fins da reprodução, a função de dominar o objeto sexual até o ponto necessário à efetivação do ato sexual. [...]. Onde quer que o sadismo original não tenha sofrido mitigação ou mistura, encontramos a ambivalência familiar de amor e ódio na vida (FREUD, 1920/1996, p. 64-65).

Joel Birman (2017, p. 132), afirma que “esse movimento seria marcado pela violência”, mas “o que se pretende com isso, não é o aniquilamento do outro, bem entendido, mas a afirmação da *potência de viver*. Enfim, a afirmação da potência do ser seria marcada pela violência”, ou seja, a pulsão de vida pode fazer uso dos representantes da pulsão de morte a fim de conseguir alcançar sua meta.

Isso significa que apesar de serem opostas, as pulsões ocorrem muitas vezes de maneira simultânea, e seus representantes podem ser usados tanto em função da pulsão de vida como de morte. Chemama (1995) comentando Freud (1920) afirma:

[...] as pulsões de vida reúnem uma parte das pulsões sexuais (a que permite a sobrevivência da espécie) e uma parte das pulsões do eu (a que visa à sobrevivência do indivíduo). Por outro lado, uma face das pulsões sexuais (a que coloca o indivíduo em perigo, por estar a serviço exclusivamente da espécie), das pulsões do eu (a que ameaça a espécie, porque privilegia o indivíduo) e das pulsões de objeto (a que preside a destruição do objeto, ao se assegurar de sua incorporação no seio do sujeito), de fato, uma face

escondida, deve ser considerada como fazendo parte da pulsão de morte (CHEMAMA, 1995, p. 180-181).

É possível entendermos o que Chemama está dizendo por meio da observação do bebê ainda em sua fase inicial de desenvolvimento, quando ele demonstra sua agressividade através do choro na tentativa de conseguir o que deseja, isto é, a satisfação de sua necessidade de aplacar sua fome, ser alimentado, e a satisfação sexual ao sugar o seio da mãe. O *Eu* usou da agressividade a fim de conseguir o que desejava e por meio dela também conseguiu amenizar o desprazer sentido pelo *infans*. Neste caso, o ego, por meio do representante da pulsão de morte, a agressividade, conseguiu saciar sua fome de alimento, bem como sua satisfação sexual, uma vez que o bebê, ao receber o alimento, recebeu também atenção da mãe, e em alguns casos, carinho. Geralmente, após sua mamada, o bebê dorme tranquilamente, demonstrando um estado de serenidade, de uma satisfação momentânea. Isso mostra que o “surgimento da vida seria, então, a causa da continuação da vida e, ao mesmo tempo, o esforço no sentido da morte. E a própria vida seria um conflito e uma conciliação entre estas duas tendências” (FREUD, 1923b/1996, p. 53).

O pequeno *infans* continua seu desenvolvimento físico, psíquico e por volta dos três anos de idade realizará suas primeiras identificações²⁰. No caso do menino, sua primeira identificação será com o pai, e no caso da menina, com a mãe. O menino toma seu pai como modelo e deseja ser como ele, ao mesmo tempo em que deseja ter sua mãe como objeto sexual – esses desejos ocorrem simultaneamente durante um certo período. No entanto, o menino percebe que seu pai o impede de ter sua mãe, seu primeiro objeto sexual, e assim, experimenta ao mesmo tempo amor e ódio em relação ao pai; pois o ama e o admira e tenta ser como ele, mas também o odeia, porque este o impede de realizar seu desejo. “A identificação, na verdade é ambivalente desde o início; pode tornar-se expressão de ternura com tanta facilidade quanto um desejo do afastamento de alguém (FREUD, 1921/1996, p. 115). Nesse caso, o menino gostaria de ser como seu pai, mas pode ocorrer também uma identificação da criança com o objeto sexual que deseja, com a mãe, visto que “onde há repressão e os mecanismos do inconsciente são dominantes, a escolha do objeto retroaja para a identificação: o ego assume as características do objeto” (FREUD, 1921/1996, p. 116). Há ainda a identificação que ocorre por meio de “uma qualidade comum partilhada com alguma pessoa que não é objeto de instinto sexual” (FREUD, 1921/1996, p. 116), por exemplo, entre indivíduos que compartilham dos mesmos ideais. Assim, os laços entre os membros de um

²⁰ Para a psicanálise, a identificação é a “mais remota expressão de laço emocional por outra pessoa” (FREUD, 1921/1996, p. 115)

grupo e desses para com seu líder podem advir deste terceiro modo de identificação (FREUD, 1921/1996). Para o autor, “cada indivíduo é uma parte componente de numerosos grupos, acha-se ligado por vínculos de identificação em muitos sentidos e construiu seu ideal do ego segundo modelos mais variados” (FREUD, 1921/1996, p. 139). Isso quer dizer que o indivíduo “partilha de numerosas mentes grupais – as de sua raça, classe, credo, nacionalidade, etc. – podendo também elevar-se sobre elas, na medida em que possui um fragmento de independência e originalidade” (FREUD, 1921/1996, p. 139). Ainda sobre o primeiro exemplo de identificação, é preciso explicar que o menino, ao reconhecer a autoridade que o barra e por medo de perder seu amor, se submete à repressão, se identificando com o pai e o ódio que sente por este que o impede de realizar seu desejo; retorna ao eu, agora constituindo uma outra instância psíquica, o superego (FREUD, 1923b/1996).

O superego é o “herdeiro do complexo de Édipo, e, assim, constitui também a expressão dos mais poderosos impulsos e das mais importantes vicissitudes libidinais do id” (FREUD, 1923b/1996, p. 48). O ego a fim de dominar o complexo de Édipo, erigiu esse “ideal de ego”, ao mesmo tempo, se assujeitou ao id, pois o superego “representa o mundo interno, o id” (FREUD, 1923b/1996, p. 48), isso significa que o ego representa o mundo externo e o superego, o mundo interno; e que os conflitos sentidos pelo homem, inclusive o sentimento de culpa, decorrem exatamente dos conflitos entre o mundo externo e interno.

De acordo com Freud (1923b/1996), as experiências do ego, quando repetidas com “bastante frequência e com intensidade suficiente em muitos indivíduos, em gerações sucessivas, transformam-se, [...], em experiências do id, cujas impressões são preservadas por herança” (FREUD, 1923b/1996 p. 51), isso quer dizer que o id pode ser herdado e ter “abrigado resíduos das existências de incontáveis egos; e quando o ego forma o seu superego a partir do id, pode talvez estar apenas revivendo formas de antigos egos e ressuscitando-as” (FREUD, 1923b/1996, p. 51).

Para o autor, “o superego de uma época da civilização tem origem semelhante à do superego de um indivíduo. Ele se baseia na impressão deixada atrás de si pelas personalidades dos grandes líderes” (FREUD, 1930a/1996, p. 144), ou seja, assim como o indivíduo se identifica inicialmente com os pais e desse processo origina-se seu superego, a sociedade se identifica com seus líderes religiosos, políticos, dentre outros, na formação de um “superego” coletivo. Há ainda mais um ponto de concordância entre o superego individual e o cultural: ambos estabelecem exigências ideais rígidas, e a simples ideia de desobedecer essas exigências, faz com que esses, indivíduos e ou coletivos, sejam muitas vezes barrados pelo

sentimento de culpa (FREUD, 1930a/1996). E é por isso, que muitas vezes é mais fácil observar e perceber características do superego no comportamento de um grupo social do que no de um indivíduo isolado (FREUD, 1930a/1996).

Por fim, em *Por que a guerra* (1933b/1996), ao responder à pergunta “Existe alguma forma de livrar a humanidade da ameaça da guerra?” feita por Einstein, Freud explica mais uma vez que o homem carrega consigo pulsões ligadas à vida, à sexualidade, à preservação e união (Eros) e ao ódio e agressividade (pulsão de morte), que tende a matar e destruir; esclarece que a vida humana se dá exatamente na relação de ambivalência entre estas, uma vez que é por meio da agressividade que o Eu consegue se preservar e se conservar (FREUD, 1933b/1996), demonstrando uma imbricada relação, visto que a agressividade é usada nesse caso a fim de manter a vida.

Ainda de acordo com o pensamento freudiano, se dermos uma rápida olhada na história da humanidade veremos que discussões, conflitos e até mesmo guerras entre indivíduos, grupos sociais e países sempre foram uma constante. O autor não acredita que os homens, apesar do desenvolvimento da humanidade e dos avanços tecnológicos, irão parar de lutar e guerrear uns com os outros, mas afirma que é possível desviar os impulsos agressivos do homem “num grau tal que não necessitem encontrar expressão na guerra” (FREUD, 1933b/1996, p. 205).

2.2 A EXPRESSÃO DO ÓDIO NA FORMAÇÃO DA SOCIEDADE MODERNA E CONTEMPORÂNEA

A ambivalência de ódio e amor constatada na formação do sujeito ocorre também nas relações sociais e afetivas dos indivíduos, por isso, ao discorrer sobre um, fala-se ainda que indiretamente sobre o outro. A expressão dos vínculos afetivos, dos sentimentos e o estabelecimento dos laços sociais entre os indivíduos na vida privada muitas vezes vai além dessa esfera, podendo ser vista na vida pública.

De acordo com Vladimir Safatle (2016, p. 15-16),

Talvez precisemos partir da constatação de que sociedades são, em seu nível mais fundamental, circuitos de afetos. Enquanto sistema de produção material de formas hegemônicas de vida, sociedades dotam tais formas de força de adesão ao produzir continuamente afetos que nos fazem assumir certas possibilidades de vida a despeito de outras. Devemos ter sempre em mente que formas de vida determinadas se fundamentam em afetos específicos, ou seja, elas precisam de tais afetos para continuar a se repetir, a impor seus modos de ordenamento definindo, com isso, o campo dos possíveis. Há uma adesão social construída através da afecção.

A maneira como o homem se relaciona em cada momento histórico revela como ele convive com a sua família, com seu grupo comunitário e como é a vida na sociedade em que este vive. O agenciamento dos afetos, a forma do liame social e a demonstração desses ao longo do processo de desenvolvimento da Civilização Ocidental ocorrem de maneiras diferentes, pois o circuito de afeto influencia e define o modelo de vida social, política, cultural e econômica de cada época (SAFATLE, 2016). De acordo com Eva Illouz (2011, p. 9) o afeto “é a energia interna que nos impele a agir, que confere um ‘clima’ ou uma ‘coloração’ particulares a um ato”. E o que faz o afeto “transportar essa ‘energia’ é o fato de ele sempre dizer respeito ao eu e à relação do eu com outros culturalmente situados” (ILLOUZ, 2001, p. 9).

Apesar das mudanças nas relações sociais, alguns afetos que se desenvolveram ao longo do desenvolvimento humano persistem, mudando apenas a maneira como se apresentam. Afinal, há uma pré-história que antecede o sujeito, que é “dada pelas relações parentais e pela transmissão cultural” (VASCONCELOS; LIMA, 2015, p. 86), e esse pode dar continuidade à herança recebida, bem como pode criar uma nova história.

Para Safatle (2016), é o circuito de afetos que influencia e define o modelo de vida do indivíduo e, conseqüentemente, da sociedade em que vive. Já para Norbert Elias (1939), em *O Processo Civilizador*, ao elucidar como as sociedades medievais e as contemporâneas lidavam com o sentimento de ódio e liberdade, foram as mudanças políticas e econômicas que causaram mudanças nos modos sociais, culturais e nas relações sociais da época. De acordo com o autor, alguns costumes e hábitos que eram aceitos e bem-vistos em uma dada época passaram a ser reprimidos e inaceitáveis em outro período histórico. Segundo Elias (1939/2011, p. 183), na sociedade medieval “A pilhagem, a caça de homens e animais – todas eram necessidades vitais que, devido à estrutura da sociedade, ficavam à vista de todos. E assim, para os forte e os poderosos, formavam parte dos prazeres da vida”.

[...] Explosões de crueldade não excluía ninguém da vida social. Seus autores não eram banidos. O prazer de matar e torturar era socialmente permitido. Até certo ponto, a própria estrutura social impelia seus membros nessa direção, fazendo com que parecesse necessário e praticamente vantajoso comportar-se dessa maneira (ELIAS, 1939/201, p. 185).

O início desse período é marcado pela expressão dos sentimentos, pelo prazer em guerrear e pilhar o outro, o “vitorioso de hoje era derrotado amanhã por algum acidente, capturado e sua vida corria perigo” (ELIAS, 1939/2011, p. 185), era uma perpétua ascensão e queda, em que prevalecia a expressão da agressividade.

Elias (1939/2011, p. 185) explica que a “maior parte da classe governante secular da Idade Média levava a vida de chefes de bandos armados” e “o guerreiro da Idade Média não amava só guerra, vivia dela”, no entanto, esse guerreiro que sentia prazer nas guerras, lutas e saques, experimentava também sentimentos ambivalentes, pois vivia um momento marcado pela

intensidade da religiosidade, o grande medo do inferno, o sentimento de culpa, as penitências, as explosões desmedidas de alegria e divertimento, a súbita explosão de força incontrolável do ódio e da beligerância – tudo isso, tal como a rápida mudança de estados de ânimo, é na realidade sintoma da mesma estrutura social e de personalidade. Os instintos, as emoções, eram liberados de forma mais livre, mais direta, mais aberta, do que mais tarde (ELIAS, 1939/2011, p. 190).

Os sentimentos eram experimentados e vividos intensamente, sua demonstração era permitida e comum entre os indivíduos dessa época, eram, inclusive, valorizados, pois segundo ele, “quem quer que não amasse ou odiasse ao máximo nessa sociedade, quem quer que não soubesse defender sua posição no jogo das paixões, podia entrar para um mosteiro, para todos os efeitos” (ELIAS, 1939/2011, p. 190).

A expressão de sentimentos e os modos de convívio ocorriam entremeados ao processo socioeconômico da época, ao modo de organização feudal, em que quase todas as necessidades do senhor feudal eram supridas pelas suas terras, ao passo que a demonstração das emoções era permitida e estimulada.

No século XVII, outra organização social começa a surgir e com ela inicia-se uma “hierarquia social mais rígida” (ELIAS, 1939/2011, p. 87), uma nova aristocracia vai se formando, e seus membros vão se submetendo às pressões dos demais membros e do controle social. O convívio nessa nova sociedade faz com que as pessoas sejam mais sensíveis às pressões das outras, “o código do comportamento torna-se mais rigoroso e aumenta o grau de consideração esperado dos demais” (ELIAS, 1939/2011, p. 87). Essa mudança de comportamento acompanhava a nova relação de poder que aos poucos foi se constituindo e se estabelecendo. Esse período é marcado pela ascensão e fortalecimento do poder real e de uma nobreza palaciana em detrimento da nobreza ligada à terra, acompanhada da ascensão de uma burguesia comercial. Esse momento de transição é acompanhado pela instituição de novas maneiras de comportamentos e, consequentemente, do controle das emoções.

No primeiro caso, o poder social da Casa isolada, que era função de sua capacidade econômica e militar e da força física e perícia do indivíduo, determinava a alocação dos recursos: nessa livre competição tornava-se indispensável o uso direto da força. Na última, destinação de recursos é, em última análise, decidida pelo homem cuja Casa ou cujos predecessores emergiram, pela violência, vitoriosos da luta, de modo que ele, nesse momento, exerce o monopólio da força. Devido a esse monopólio, o

emprego direto da força se vê excluído de quase toda a competição, entre membros da nobreza, pelas oportunidades de que o príncipe dispõe para distribuir. Os meios de luta foram refinados ou sublimados. [...] E os indivíduos assim oscilam entre a resistência à compulsão à qual estão submetidos, o ódio à dependência em que vivem e à falta de liberdade, a nostalgia da livre rivalidade entre cavaleiros, por um lado e o orgulho pelo autocontrole que adquiriram ou a satisfação ante as novas possibilidades de prazer de que desfrutaram, por outro (ELIAS, 1939/1993, p. 104).

Isso significa que o novo Estado moderno emergente, a monarquia, passou a deter o monopólio legal do uso da força, pois os indivíduos, para poder viver nessa nova organização social, tiveram que se submeter à autoridade do Estado – neste caso, ao rei – e deixar de agir de forma violenta entre si, tendo assim que aceitar as restrições impostas ao seu modo de vida. No entanto, abrir mão dos desejos de liberdade, e particularmente da expressão da agressividade, não é algo fácil. Segundo Freud (1930a/1996), alguns indivíduos lidam com essas restrições se colocando contrários às injustiças existentes na sociedade e, desse modo, contribuindo com o desenvolvimento da civilização, mas há também aqueles que não aceitam se submeter a tais restrições e dirigem sua agressividade a “exigências específicas da civilização ou contra a civilização em geral” (FREUD, 1930a/1996, p. 102).

Essa nova organização social, política e econômica que precede e que dá condições para a implantação do Estado²¹ é marcada por uma crescente divisão de funções na sociedade, de uma interdependência entre os grupos sociais, acompanhada de uma ambivalência declarada ou latente entre os sentimentos hostis e amistosos (ELIAS, 1939/1993). “Nessa situação, todas as pessoas, todos os grupos, estados ou classes eram, de alguma maneira, dependentes uns dos outros. Eram amigos, aliados ou parceiros em potencial; e, ao mesmo tempo, adversários, concorrentes ou inimigos em potencial” (ELIAS, 1939/1993, p. 145). Preservar a existência do modelo político e econômico que estava se organizando significava também preservar a existência social, uma vez que não se vivia mais como no regime feudal do início da Idade Média, em que se conseguia viver a partir do que era produzido no feudo e em que era permitida a expressão da agressividade e hostilidade. Nesse novo modelo, havia um coordenador central supremo que tinha o poder de regulamentar o modo de vida, a organização política e econômica, mas que também só existia a partir dessa sociedade que reconhecia seu poder e se submetia a ele. É uma organização marcada pelas relações entremeadas, em que uma não existia sem a outra, se uma delas deixasse de existir, ambas

²¹ “Por Estado entende-se um agrupamento de pessoas que vivem num território definido, organizado de tal modo que apenas algumas delas são designadas para controlar, direta ou indiretamente, uma série mais ou menos restrita de atividades desse mesmo grupo, com base em valores reais ou socialmente reconhecidos e, se necessário, na força. [...] ‘Na concepção sociológica, o Estado é a instituição que organiza a vontade de um povo, politicamente constituído, no que diz respeito a seus interesses coletivos’” (BALLARD, 1936 apud DICIONÁRIO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 1986, p. 416).

sofreriam as consequências. O regime monárquico terá seu fim marcado pela decadência da nobreza da época, da ascensão da burguesia e, conseqüentemente, de mais uma mudança nos hábitos e modos, bem como nas novas relações que se estabeleceram a partir desse período.

O controle sobre os sentimentos e as novas maneiras de se relacionar apontadas por Norbert Elias (1939/2011) continuam de maneira rígida no século XIX até o começo do século XX. Segundo Peter Gay (1995, p. 496), na era vitoriana “todo mundo sabia que a única esperança da humanidade estava na mais enérgica intervenção da razão secundada pela vontade. Na civilização moderna “homens e mulheres [...] foram os primeiros a erigir defesas cada vez mais sofisticadas contra a tradução direta dos desejos instintivos em ação” e em geral “usavam as palavras como punhais, mas não usavam punhais” (GAY, 1995, p. 496).

Para Henry Ward Beecher (1877 apud GAY, 1995, p. 498), “se não pudermos ensinar os indivíduos e as massas a terem amor-próprio e autocontrole, estaremos completamente arruinados”. “[...] O autocontrole e a atividade com propósitos definidos eram as duas faces de uma mesma moeda” (GAY, 1995, p. 501). No entanto, conseguir esse controle não é algo fácil, pois para viver em sociedade o homem precisa lidar com uma constante insatisfação. Ele ameniza seu descontentamento por meio das satisfações paliativas, conseguidas através do processo de sublimação, ou seja, direcionando suas pulsões para a execução de “atividades psíquicas superiores, científicas, artísticas ou ideológicas” (FREUD, 1930a, p. 103), contribuindo dessa maneira no processo de desenvolvimento da vida civilizada.

De acordo com Peter Gay (1995, p. 43), “toda cultura, toda classe, todo século constrói álibis para a agressão e cada um desses estratagemas defensivos tem uma história”. Na modernidade, o uso do ódio é defendido a partir de três importantes justificativas:

[...] a primeira, originou-se em uma moderna teoria biológica e chegou a permear a vida econômica, política, literária e até mesmo privada das décadas vitorianas; a segunda, a construção do Outro conveniente, era uma composição de ‘descobertas’ pseudocientíficas relativamente recentes e dos habituais e agradáveis preconceitos; a terceira, o culto a masculinidade, era uma adaptação no século XIX do ideal aristocrático de bravura (GAY, 1995, p. 43).

Enquanto alguns membros da sociedade desse período defendiam, estimulavam e justificavam a expressão do ódio e da agressividade, outros membros defendiam sua contenção, pois para esses “a agressão contra os outros parecia ser contra si mesmo” (GAY, 1995, p. 44).

No entanto, esse pensamento não foi suficiente para barrar o uso do ódio por uma parcela da sociedade nesse período, enquanto alguns “principalmente da classe média

defendiam o autocontrole, o exercício da filantropia privada, as campanhas de serviços sociais ou cruzadas em prol de reformas políticas” (GAY,1995, p. 45), outros se apropriaram das teorias de Darwin para legitimar o uso da violência e do predomínio de homens sobre mulheres e dos brancos europeus sobre outras etnias, justificando o “domínio econômico, social ou militar” de uma classe e/ou grupo social sobre outras. Segundo o historiador, para Darwin, a sobrevivência do mais apto não significava a sobrevivência do melhor, mas daquele que conseguiu desenvolver mais condições de adaptação ao meio. Para Gay (1995), a ambivalência é a marca desse século, que inicialmente parecia ser o maior século de todos, mas que foi, segundo ele, o século mais perverso de “todos os séculos” (GAY,1995, p. 45). O autor afirma que os magnatas desse período, os “barões ladrões”²², acreditavam que a desigualdade econômica era uma ordenação divina e não viam nenhuma contradição em sua forma agressiva nos negócios e a realização de atividades filantrópicas. Esse século, assim como os anteriores, demonstra como os homens vêm e tratam o seu próximo, tomando-o apenas como

[...] um ajudante potencial, ou um objeto sexual, mas também alguém que os tenta a satisfazer sobre ele a sua agressividade, a explorar sua capacidade de trabalho sem compensação, utilizá-lo sexualmente sem seu consentimento, apoderar-se de suas posses, humilhá-lo, causar-lhe sofrimento, torturá-lo e matá-lo (FREUD, 1930a/1996, p. 116).

“A intenção era sempre a mesma: seja nação, província ou cidade, seja religião, classe ou cultura – quanto maior o amor por si mesmo, maior o direito de odiar o Outro” (GAY, 1995, p. 76). Amor e ódio eram e ainda são usados para unir os membros dos grupos, pois enquanto esses se amam, direcionam todo seu ódio ao outro que não pertence a sua comunidade. A exemplo do que ocorre na religião, pois “mesmo que esta chame a si mesma de religião do amor, este amor é para com os membros dessa religião”, e o ódio aos que dela não fazem parte (FREUD,1921/1996, p. 110).

Mais um aspecto importante em relação ao ódio diz respeito ao seu uso político. Segundo Peter Gay (1995, p.79), “através dos séculos, os políticos vêm explorando esse traço humano. Sabendo que o ódio pode ser cultivado com um propósito, eles constroem inimigos para promover a concórdia interna”; para preservar a paz interna, políticos fomentavam a guerra a outra nação, ou seja, uniam os membros sobre os quais governava ao direcionar o ódio destes ao outro pertencente a outro país, a outra cultura. “A agressão se transformou na

²² GAY, Peter. **A experiência burguesa da rainha Vitória a Freud: o cultivo do ódio**. Tradução: Sergio Goes de Paula, Viviane de Lamare Noronha. São Paulo: Companhia das Letras, [1988] - 1995. v. 3, p. 37.

política autoprotetora (sic) de grandes raças em perigo” (GAY, 1995, p. 86) e era fomentada por quem governava essas raças.

Outro álibi usado no século XIX se apresentava por meio das “explicações científicas para odiar ou desprezar os estrangeiros a partir do “argumento da raça” (GAY, 1995, p. 79), da defesa da superioridade de algumas raças em relação a outras. Tais explicações “satisfazia[m] um apetite que ia além da precisão científica”, pois “liberava a agressão” (GAY, 1995, 84) e eram usadas para justificar o uso da violência sobre povos e grupos de outras etnias e raças.

J. A. Hobson (1901 apud GAY, 1995, p. 526), no meio da Guerra dos Bôeres²³, observou que não havia nada de novo naquele “patriotismo invertido pelo qual o amor pela própria nação se transforma no ódio por outra e no violento desejo de destruir os membros individuais daquela outra nação”.

O uso político de álibis que justificavam a violência e o domínio sobre outros povos tinha êxito exatamente porque os ditos selvagens lidavam com as guerras e, conseqüentemente, com a agressividade de uma maneira diferente do povo dito civilizado. Enquanto estes, após guerras e massacres de outros povos, voltavam para suas casas, felizes, contando seus êxitos, não tendo ninguém que questionasse seus feitos na guerra (Freud, 1915f/1996), os segundos,

[...] os selvagens-australianos, boximanes, fueguinos - estão longe de serem assassinos implacáveis; quando voltam vitoriosos da guerra não pisam em suas aldeias, nem tocam em suas esposas até que tenham expiado os assassinatos que perpetraram na guerra por penitências, quase sempre longas e tediosas. É fácil, naturalmente, atribuir isso à sua superstição: o selvagem ainda teme os espíritos vingativos dos assassinos. [...] por detrás dessa superstição jaz oculta uma veia de sensibilidade ética que foi perdida por nós homens civilizados (FREUD, 1915f/1996, p. 305).

Para o homem civilizado, o “amor ao próprio país e o ódio aos inimigos se mostraram as mais potentes racionalizações para a agressão que o longo século XIX produziu, conquistando assim a dúbia honraria de ser o álibi dos álibis” (GAY, 1995, p. 519); prova disso foi a guerra de 1914, que “demonstrou mais uma vez a antiga verdade de que uma comunidade de pessoas que amam é, ao mesmo tempo, uma comunidade de pessoas que odeiam” (GAY, 1995, p. 521).

Norbert Elias, Peter Gay e Sigmund Freud mostram como é difícil ao homem civilizado abrir mão de sua liberdade e dos seus desejos para poder viver em sociedade, também jogam luz sobre como este elabora álibis a fim de justificar a expressão do ódio ao

²³ Guerra dos Bôeres: dois conflitos militares ocorridos na África do Sul, em 1899 e 1902, entre o Império Britânico e colonos holandeses (SUA PESQUISA, s.d.).

outro, a exploração e o seu domínio; e como os vínculos afetivos se estabelecem de acordo com o desenvolvimento econômico e da organização política de cada período histórico.

E foi nesse período retratado por Elias (1939/1993), marcado por ambivalências e contradições, que os portugueses colonizaram o Brasil. Inicialmente, apoderaram-se da mão de obra indígena, eliminando aqueles que não se rendiam ao seu poder; em seguida, a escravidão de homens e mulheres de alguns países africanos, com o intuito de enriquecer e assim poder participar da nova nobreza que se instaurava em Portugal, bem como dar vazão a sua agressividade e viver a sua liberdade, o que já não era mais permitido e bem visto entre os membros da nova corte. Os portugueses, ao mesmo tempo em que expandiam os domínios de Portugal, usavam da agressividade e da violência para dominar os povos que aqui encontraram e os africanos que para cá trouxeram; o que demonstra a ambivalência que há entre as pulsões de vida e morte, bem como seus representantes no processo de colonização e desenvolvimento do Brasil.

2.3 ÓDIO E AGRESSIVIDADE NO BRASIL

Antes de falar sobre o discurso de ódio e a expressão desse sentimento entre os brasileiros no Facebook, apresento um breve recorte sobre o processo de colonização e desenvolvimento do Brasil, com o intuito de melhor compreender como colonizador e colonizados²⁴ viviam, como expressavam seus sentimentos, principalmente, ódio e amor; como se organizaram e desenvolveram a economia, a cultura e a sociedade brasileira. Essas questões interessam, pois os modos e hábitos dos membros de uma sociedade e as relações afetivas que se estabelecem estão entrelaçados aos modelos político e econômico de cada época; também porque somos indivíduos que trazem consigo traços filogenéticos e ontogenéticos, ou seja, trazemos heranças de nossos antepassados (FREUD, 1923b/1996); estamos constantemente reeditando experiências, elaborando e criando novas formas de lidar com nossas frustrações, a fim de conseguirmos viver em sociedade; e por fim, por sabermos que por trás do conteúdo manifesto há um conteúdo latente, e que o que fora usado para recalcar pode também ser usado como meio de retorno do que fora reprimido (FREUD, 1907/2015). Visto que a constituição do sujeito está implicada em “última instância, a um

²⁴ Gostaria de esclarecer que não abordo como os povos indígenas viviam antes e durante o período de colonização e desenvolvimento do país; também não elucido sobre a vida dos africanos escravizados que trouxeram para o Brasil, pois a apesar da importância deste tema, neste recorte não me aprofundo a esses temas. Minha proposta é tentar conhecer a maneira como o colonizador vivia e indiretamente como este se relacionava com os povos indígenas e os africanos escravizados, consequentemente os descendentes deste convívio, a fim de melhor compreender o que ocorre atualmente.

entrelaçamento de gerações” e “os afetos, a revivência de conflitos infantis, a reatualização do narcisismo dos pais e a reedição de histórias familiares decorrentes do encontro de gerações supõem a existência de uma herança psíquica que é transmitida de geração a geração” (VASCONCELOS; LIMA, 2015, p. 86), e também de uma herança simbólica, uma vez que há uma transmissão cultural de uma geração para outra geração. O indivíduo, ao se desenvolver, recebe influência da cultura na qual está inserido. Claro que ela não é estática, as sociedades se transformam, “abrindo-se à produção de formas singulares de vida” e, assim, permitindo que “os afetos começam a circular de outra forma, a agenciar-se de maneira a produzir outros objetos e efeitos” (SAFATLE, 2016, p. 16).

Uma das primeiras características que aparece nos textos sobre a colonização do Brasil confirma o que Peter Gay (1995) apontou em seu trabalho, ou seja, a criação de um álibi para justificar o ódio ao outro.

O primeiro grande álibi usado pelos colonizadores no Brasil e em toda a América Latina refere-se à salvação religiosa. Os que aqui aportaram acreditavam estar a serviço de Deus, ao salvar as almas dos homens que ainda viviam, segundo eles, como selvagens, ao mesmo tempo em que buscavam encontrar metais preciosos que os enriquecessem.

Segundo Raymundo Faoro (1958/1977, p.56),

[...] a religião, no século XV, em Portugal, era a expressão ardente da causa nacional, da independência e da missão do reino: elo que congregava não apenas o homem a Deus, mas o homem à pátria. Mais do que uma obra de grupos, empresa de interesses, a conquista se caracterizou como manifestação do capitalismo de Estado. [...]. Todos colaboraram na grande arrancada, submissos, famintos de honras e de saques, ávidos de lucros, ardentes de fé - todos por si sob a bandeira real, que os cobria e lhes dava cor, vida e energia.

Os homens tinham, assim, o álibi ideal, afinal nada mais mobilizador do que acreditar estar sobre a proteção de Deus e a serviço Dele. Essa crença dava aos seguidores a coragem e a certeza de estarem fazendo o bem e permitia a união dos membros do grupo para enfrentar as adversidades das viagens e conquistas, uma vez que todos eram irmãos e protegidos pelo mesmo pai (FREUD, 1921/1996). A crença em um deus e em sua defesa é o que une os fanáticos religiosos; o amor é para com seus “irmãos de fé” e o ódio, ao estranho. Freud (1921/1996) já havia falado sobre a mobilização que é possível por meio da religião, da identificação com a imagem de Deus e a crença de que os que não O seguem não merecem o amor, mas o ódio; no caso dos colonizadores, para eles os que não eram cristãos eram considerados pagãos, pecadores e hereges, e por isso podiam ser perseguidos, escravizados e até mesmo eliminados.

Esses navegadores que aqui chegaram definiam-se “como os expansores da cristandade católica sobre os povos existentes e por existir no além-mar” (RIBEIRO, 1995, p. 39), dando assim uma característica de nobreza às ações mercantis que os moviam. Esse álibi permitia a expressão e o uso da violência, da agressividade, bem como do domínio e exploração dos povos que foram conhecendo ao longo de suas viagens.

Para Darcy Ribeiro (1995, p. 58), “esses discursos respondiam à necessidade igualmente imperativa de atribuir alguma dignidade formal à guerra de extermínio que se levava adiante, à brutalidade da conquista, à perversidade da eliminação de tantos povos”. Os portugueses elaboraram uma “teologia alucinada e messiânica, que via na expansão ibérica, com a sucessiva descoberta de dilatadas terras ignotas e de incontáveis povos pagãos, uma missão divina que se cumpria passo a passo” (RIBEIRO, 1995, p. 58). Após o período de descobrimento e início do processo de colonização, os exploradores continuavam a usar o argumento de que estavam salvando almas, pois justificavam seu enriquecimento por meio da exploração do trabalho escravo, afirmando que os escravos estavam, por meio do trabalho, se salvando “para a vida eterna” (RIBEIRO, 1995, p. 71). Os portugueses que aqui chegaram em busca de metais preciosos e do enriquecimento fácil eram movidos pela crença de estarem fazendo um bem aos nativos da terra e acreditavam que estavam os salvando. Esses lusitanos escravizaram os povos que aqui viviam e exterminaram os que se opunham à “salvação”, assim, se apossando da terra, dando início a um sistema patriarcal de colonização, “representado pela casa-grande”, que “exprimiu uma imposição imperialista da raça adiantada à atrasada, uma imposição de formas europeias (já modificadas pela experiência asiática e africana do colonizador) ao meio tropical” (FREYRE, 1933/2013, p. 35), fundando uma nova ordem econômica e social.

Freyre cita Bell (1915) e Cerejeira²⁵ e nos apresenta importantes informações sobre o português que aportou nas terras brasileiras.

O caráter português é como um rio que vai correndo muito calmo e de repente se precipita em quedas de água: daí passar do ‘fatalismo’ a ‘rompantes de esforço heroico’; da ‘apatia’ a ‘explosões de energia na vida particular e a revoluções na vida pública’; da ‘docilidade’ a ‘ímpetos de arrogância e crueldade’; da ‘indiferença’ a ‘fugitivos entusiasmos’, ‘amor ao progresso’ [...] alternando a indolência com o amor da aventura e do esporte (FREYRE, 1933/2013, p. 69).

Se há povo algum dado à preguiça, sem ser o português, então não sei eu onde ele exista [...]. Esta gente tudo prefere suportar a prender uma ‘profissão qualquer’. Tão

²⁵ Gilberto Freyre, ao citar Gonçalves Cerejeira, nos informa o nome de sua obra, *O humanismo em Portugal*, mas não dá informações em relação ao ano em que ela foi publicada.

grande indolência, à custa da escravidão: ‘Todo o serviço é feito por negros e mouros cativos’ (FREYRE, 1933/2013, p. 319).

Ainda sobre os portugueses e a característica da sociedade que se formava no Brasil, Prado Júnior (1942/1981, p. 289) afirma que “a aristocracia colonial tomara os caracteres de todas as aristocracias: o orgulho, a tradição, pelo menos de família e do sangue que lhe corre nas veias”, e que a sociedade colonial foi o resultado de uma “indolência” do “ócio dos casos extremos”, de “uma atitude retardada” e “um mínimo de dispêndio de energia” (PRADO JÚNIOR, 1942/1981, p. 347); além disso, “nenhum homem livre se rebaixa a empregar os músculos no trabalho” (PRADO JÚNIOR, 1942/1981, p. 347), tudo era feito pelos escravos e todos, inclusive esposa, filhos e parentes, da casa-grande estão a serviço do senhor (FREYRE, 1933/2013).

Os portugueses traziam consigo a disposição para as guerras, aventuras e conquistas, acompanhada do enriquecimento rápido e a recusa a qualquer tipo de trabalho, uma vez que nesse período predominavam duas concepções em relação ao trabalho; de acordo com a primeira, “o trabalho era uma característica das classes mais baixas” (ELIAS, 1939/1993, p. 211); já a segunda competia ao prestígio de classe. Nesse período, se um nobre resolvesse obter riqueza pelo comércio tinha que renunciar ao seu título de nobreza e, assim, passar a fazer parte da classe burguesa. Essa era a maneira de manterem a distância entre a nobreza e a burguesia emergente, uma vez que “só a vida na sociedade cortesã poderia manter a distância a que se sentiam dos demais” (ELIAS, 1939/1993, p. 223). O senhor do engenho, à sua maneira, repetia nas terras longínquas as características e costumes da corte.

Segundo Gilberto Freyre (1933/2013, p. 269), “ódio que se manifestou mais tarde no Brasil nas guerras aos bugres e hereges [...] cristãos contra bugres”, era quase o mesmo ódio dos cristãos contra os hereges, demonstrado no período em que os cristãos conseguiram derrotar os mouros. O discurso de ódio aos hereges unia os colonizadores e era usado não apenas contra os índios, mas também contra espanhóis, ingleses, franceses e holandeses no período de colonização (FREYRE, 1933/2013).

O ódio aos espanhóis, aos índios que aqui viviam felizes e não se importavam com riquezas, aos africanos, que eram considerados povos pagãos, amparado na justificativa de salvar almas e no interesse de enriquecer, viabilizou o domínio e a exploração das terras brasileiras, bem como dos nativos e escravos que trouxeram, negando qualquer possibilidade da admissão da semelhança entre eles, e, consequentemente, do seu reconhecimento. A

colonização é marcada pela satisfação da pulsão de vida (expansão e continuidade de uma cultura) e pulsão de morte e seus derivados (ódio, destruição, agressão, domínio do outro).

Outra marca importante do início do período de colonização diz respeito aos indivíduos filhos dos senhores, os primeiros brasileiros/primeiras brasileiras e seus descendentes; visto que o filho de pais brancos nascido no Brasil, o “mazombo”, ocupava “em sua própria sociedade uma posição inferior com respeito aos que vinham da metrópole” e “se vexava muito a sua condição de filho da terra, recusando o tratamento de nativo e discriminando o brasilíndio mameluco ao considerá-lo como índio (RIBEIRO, 1995, p. 128). Os “mazombos” não se reconheciam como “mazombos”. E os portugueses não os reconheciam como lusitanos. Os brasileiros são marcados por esse traço. Se não são portugueses, mas também não são índios e negros, uma vez que não reconhecem esses como homens, e sim como escravos, quem são afinal? A que grupo pertencem? Essa é uma questão importante em relação ao povo brasileiro, à sua identidade, à sua constituição enquanto sujeito; mas esse ponto será analisado superficialmente nesta pesquisa, apenas na relação com o tema deste estudo, pois não é possível trata-lo neste momento, no entanto, apenas adiaremos essa questão, pois pretendemos pesquisar a temática em outro projeto.

A maneira como os portugueses viviam, no que acreditavam e como se organizavam no início da colonização estabeleceu a diferença entre a colônia portuguesa e as colônias espanholas, e mais do que isso: deu origem ao pensamento político, econômico, cultural e social que se desenvolveu e ainda hoje se desenvolve no Brasil. Para Prado Júnior (1942/1981, p. 140), “a razão da diferença está, não pode haver outra, na natureza do colono português, e sobretudo no regime político e administrativo que a metrópole impôs à sua colônia”. Esse fora sempre, pelo menos no último século, o de isolar o Brasil e mantê-lo afastado do mundo, chegando nas terras brasileiras somente o reflexo do “já baixo nível intelectual do Reino” (PRADO JÚNIOR, 1942/1981, p.140), visto que Portugal era “cheio de conquistas e glórias”, mas no “campo do pensamento, era o ‘reino cadaveroso’, o ‘reino da estupidez’ [...]” (FAORO, 1958/1977, p. 205). Assim, a metrópole mantinha a ignorância e o baixo nível cultural da colônia, contribuindo na manutenção da “supremacia do senhor de engenho, supremacia esbanjadora, envolta em luxúria e muitas vezes cruel (FAORO, 1977, p. 63), bem como determinava e controlava o seu processo econômico e político.

Segundo Prado Júnior (1942/1981, p. 142), o “mal era mais profundo”, pois não se tratava apenas de educar a população originária do processo de colonização, e sim de reformas profundas no modelo econômico e social, e que a muito custo poderia conseguir

modificar o sistema (PRADO JÚNIOR, 1942/1981). Vejamos como o autor descreve a colônia brasileira:

[...] a imensa maioria da população livre da colônia. Compõe-se sobretudo de pretos e mulatos forros ou fugidos da escravidão; índios destacados de seu *habitat* nativo, mas ainda mal ajustados na nova sociedade em que os englobaram; mestiços de todos os matizes categorias, que, não sendo escravos e não podendo ser senhores, se veem repelidos de qualquer situação estável, ou pelo preconceito ou pela falta de posições disponíveis; até brancos, brancos puros, e entre eles, [...] até rebentos de troncos portugueses, [...] arrastando-se na indigência; os nossos *poor white* (*italico do autor*), detrito humano segregado pela colonização escravocrata e rígida que nos vitimou. Uma segunda parte da população vegetativa da colônia é daqueles que, nas cidades, mas sobretudo no campo, se encostam a algum senhor poderoso, e em troca de pequenos serviços, às vezes até unicamente de sua simples presença, própria a aumentar a clientela do chefe e insuflar-lhe a vaidade, adquirem o direito de viver à sua sombra e receber dele proteção e auxílio. São então chamados agregados, os moradores dos engenhos. Finalmente a última parte, a mais degradada, incômoda e nociva é a dos desocupados permanentes, vagando de léu em léu à cata do que se manter e que, apresentando-se a ocasião, enveredam francamente pelo crime (PRADO JÚNIOR, 1942/1981, p. 282-283, *grifo nosso*).

Por fim, os grandes proprietários rurais que “formarão uma classe à parte e privilegiada” (PRADO JÚNIOR, 1942/1981, p. 289), originária da aristocracia colonial e que trazia consigo as características das aristocracias: “o orgulho, a tradição, pelo menos de família e do sangue que lhe corre nas veias” (PRADO JÚNIOR, 1942/1981, p. 289). Essa constituição social do Brasil descrita por Prado Júnior é resultado do modelo econômico, político e social desenvolvido no país desde seu processo de colonização.

Os atos da administração portuguesa com relação à colônia tinham por objeto favorecer as atividades que enriqueciam o seu comércio, pois para eles o Brasil era responsável por lhes fornecer “ouro e diamantes, açúcar, tabaco e algodão” (PRADO JÚNIOR, 1942/1981, p. 126), por isso sempre se opunham a tudo o que fosse contrário a essa ideia. “Bastava que os colonos projetassem outra coisa que ocupar-se em tais atividades, e lá intervinha violentamente a metrópole a chamá-lo à ordem: o caso das manufaturas, da siderurgia, do sal, de tantos outros, é bastante conhecido” (PRADO JÚNIOR, 1942/1981, p. 126).

Darcy Ribeiro (1995), ao falar do processo econômico desse período, divide as ações empresariais em quatro ordens: a primeira e que manteve uma alta eficácia operativa foi a “empresa escravista, dedicada seja à produção de açúcar, seja à mineração de ouro, ambas baseadas na força de trabalho importada da África. A segunda, também de grande êxito, foi a empresa comunitária jesuítica, fundada na mão-de-obra servil dos índios” (RIBEIRO, 1995, p. 176). A terceira apresentava uma rentabilidade menor, “inexpressiva como fonte de enriquecimento”, mas que tinha um consumo no mercado interno, as “microempresas de

produção de gêneros de subsistência e de criação de gado, baseada em diferentes formas de aliciamento de mão-de-obra, que iam de formas espúrias de parceria até a escravização do indígena, crua ou disfarçada” (RIBEIRO, 1995, p. 176). E a quarta, “constituída pelo núcleo portuário de banqueiros, armadores e comerciantes de importação e exportação. Esse setor parasitário era, de fato, o componente predominante da economia colonial e o mais lucrativo dela” (RIBEIRO, 1995, p. 176), intermediava as tarifas do comércio entre o Brasil, a Europa e a África no “tráfico marítimo, no câmbio, na compra e venda” (RIBEIRO, 1995, p. 177). Mais da “metade do açúcar e do ouro que aqui se produzia” era “trocado[a] por escravos caçados na África a fim de renovar o estoque de mão-de-obra necessário à produção do açúcar e da exploração das minas de ouro” (RIBEIRO, 1995, p. 178).

Assim como Prado Júnior (1942/1981), Darcy Ribeiro (1995) afirma que “as cidades e vilas, independentemente de seu tamanho, constituíam agências de uma civilização agrário-mercantil, cujo papel fundamental era gerir a ordenação colonial da sociedade brasileira, integrando-a no corpo de tradições religiosas e civis da Europa pré-industrial, fazendo-a render proventos à Coroa portuguesa” (RIBEIRO, 1995, p. 197). Eram núcleos que recebiam as tradições orientais e as repetiam, pois eram proibidos de criarem sua própria tradição (RIBEIRO, 1995).

Essa política que reduzia o Brasil a simples “produtor de alguns gêneros destinados ao comércio internacional, acabou por se identificar a tal ponto com a sua vida, que já não se apoiava unicamente em nossa subordinação de colônia, já não derivava apenas da administração do Reino” (PRADO JÚNIOR, 1942/1981, p. 126). Os colonizadores se identificaram com essa posição e mesmo quando houve a Independência, continuaram a mantê-la. De acordo com Prado Júnior (1942/1981), chegamos ao final do período colonial com uma sociedade composta por uma pequena minoria de senhores brancos ou quase brancos, “verdadeiros empresários, de parceria com a metrópole, da colonização do país; senhores da terra e de toda sua riqueza; do outro lado, a grande massa da população, a sua substância, escrava ou pouco mais que isto: máquina de trabalho apenas, e sem outro papel no sistema” (PRADO JÚNIOR, 1942/1981, p. 127). O Estado passou então a vender cargos públicos, antes destinados à nobreza ociosa, a burgueses emergentes que eram mantidos afastados por meio dos preconceitos (FAORO, 1958/1977). Esses, ao ascenderem socialmente, passaram a defender o Estado e se uniram à “exploração da economia em proveito da minoria que orienta, dirige, controla, manda e explora”, a burguesia na verdade “se converte em apêndice da nobreza”, enquanto ela “suga o Estado, monopoliza o luxo e

ostenta a arrogância de cabedais sem raízes. Tudo circula sobre si mesmo [...]” (FAORO, 1958/1977, p. 234).

A história da colonização do Brasil deixa claro que o povo, a nação brasileira surgiu como, dissera Darcy Ribeiro, (1995) “da concentração de uma força de trabalho escrava, recrutada para servir a propósitos mercantis alheios a ela, através de processos tão violentos de ordenação e repressão que constituíram, de fato, um continuado genocídio e um etnocídio implacável” (RIBEIRO, 1995, p. 23). O mais espantoso para o autor, e para mim, é que os brasileiros, “orgulhosos de sua tão proclamada, como falsa, ‘democracia racial’, raramente percebem os profundos abismos que aqui separam os estratos sociais” (RIBEIRO, 1995, p. 24). O mais “grave é que esse abismo não conduz a conflitos tendentes a transpô-lo, porque se cristalizam num *modus vivendi* que aparta os ricos dos pobres, como se fossem castas e guetos [...]” (RIBEIRO, 1995, p. 24). “Os privilegiados simplesmente se isolam numa barreira de indiferença para com a sina dos pobres, cuja miséria repugnante procuram ignorar ou ocultar numa espécie de miopia social, que perpetua a alternidade” (RIBEIRO, 1995, p. 24).

Apesar do distanciamento, os privilegiados, ao perceberem qualquer manifestação do povo, agem, assim como a Coroa portuguesa agia quando percebia alguns atos de tentativa de autonomia dos colonos, com ações de intensa violência e repressão.

O povo brasileiro pagou, historicamente, um preço terrivelmente alto em lutas das mais cruentas de que se tem registro na história, sem conseguir sair, através delas, da situação de dependência e opressão em que vive e peleja. Nessas lutas, índios foram dizimados e negros foram chacinados aos milhões, sempre vencidos e integrados nos plantéis de escravos. O povo inteiro, de vastas regiões, às centenas de milhares, foi também sangrado em contra-revoluções (sic) sem conseguir jamais, senão episodicamente, conquistar o comando de seu destino para reorientar o curso da história (RIBEIRO, 1995, p. 25-26).

É possível constatar por meio dessa afirmação que o povo ou os menos favorecidos sempre lutaram para sair dessa situação, mas sempre foram oprimidos violentamente pelos seus opressores, “às vezes dadivosos, mas sempre frios e perversos, e, invariavelmente, imprevisíveis” (RIBEIRO, 1995, p.24) e sempre se mantiveram no poder, independente do modelo político vigente.

Assim, “as elites dirigentes, primeiro lusitanas, depois luso-brasileiras e, afinal, brasileiras, viveram sempre e vivem ainda, sob o pavor pânico do alçamento das classes oprimidas” (RIBEIRO, 1995, p.23). A “expressão desse pavor pânico” das elites dirigentes em relação ao povo (índios; negros; filhos de portugueses e índios; filhos de portugueses e negros; filhos de índios e negros, e seus descendentes) é visível por meio da “brutalidade

repressiva contra qualquer insurgência e a predisposição autoritária do poder central, que não admite qualquer alteração da ordem vigente” (RIBEIRO, 1995, p. 24).

Outra característica das elites brasileiras²⁶ mostra que elas sempre se mantiveram no poder e foram e ainda são dependentes do Estado. Segundo Bresser (2012a), em alguns períodos essa dependência foi, inclusive, maior, como 1964 e em 1990, quando o Brasil voltou, “por algum tempo, à condição semicolonial que tivera antes de 1930” (BRESSER, 2012a). Ainda de acordo com o autor, apesar da dependência, em alguns momentos as elites defenderam uma política nacionalista, “como em boa parte do período entre 1930 e 1960 e após os anos 2000, porque o atendimento de seus interesses depende do desenvolvimento do país” (BRESSER, 2012b). Bresser (2012b) sinaliza ainda que as elites brasileiras são marcadas pela ambiguidade: “ao mesmo tempo que admira o que vem dos países ricos e despreza seu próprio povo, recebe suporte dentro das fronteiras do país – basicamente por meio de suas relações com o Estado e dos rendimentos de um mercado interno” (BRESSER, 2012b) e nunca defenderam uma política de nação, de um país forte e independente, com um Estado que promovesse políticas para todos; pelo contrário: o que fazem é usar o Estado para garantirem suas riquezas e a exploração do país, como seus antepassados (SOUZA, 2015). As elites brasileiras sempre conseguiram o que almejavam, e as demais classes sociais, principalmente as mais pobres, sempre foram preteridas. Apenas nos anos 2001 é iniciada uma modesta política voltada às classes menos favorecidas, com o programa Bolsa Escola (2001)²⁷ e o programa Auxílio-gás (2001)²⁸; foi somente a partir de 2003, quando esses programas foram revistos, que foi implantada uma política voltada às classes sociais menos favorecidas a partir de um conjunto de ações promovidas com a criação do Programa Bolsa Família, do Ministério do Desenvolvimento Social, e do Cadastro Único para Programas Sociais do Governo Federal (MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL, 2017), acompanhado de uma política pública nacional mais distributiva, marcada pelo aumento do salário mínimo; o apoio do BNDES à empresa nacional (BRESSER, 2012a); o Programa Minha Casa Minha Vida; investimento na educação por meio da consolidação e construção de

²⁶ Para Luis Carlos Bresser, as elites brasileiras (burguesas, políticas e intelectuais) do país são “nacional-dependentes” (BRESSER, 2012b).

²⁷ Programa Bolsa Escola: criado em 2001, funcionava como um programa de transferência de recursos para a manutenção das crianças nas escolas. Para gozar dos direitos da bolsa, era preciso apresentar frequência na sala de aula de no mínimo 85% e possuir renda inferior a R\$ 90,00 [valor exigido em 2001] (BOLSA FAMÍLIA, 2018).

²⁸ Auxílio-gás: o governo transferia 15,00 para as famílias de baixa renda a cada dois meses. Era a forma encontrada para o combate à falta de acesso aos alimentos das famílias carentes (BOLSA FAMÍLIA, 2018).

universidades e institutos federais de educação; financiamento para estudos universitários em instituições particulares; implantação do sistema de cotas nas universidades, dentre outros. Essa política econômica e social garantiu não apenas o enriquecimento das elites brasileiras, mas também crescimento da classe média, a redução da pobreza (ESTADO DE S. PAULO, 2016), e o início de uma mudança na realidade social do país. Isso não quer dizer que tenham conseguido estancar todos os problemas sociais, mas que viabilizaram que uma parcela da população brasileira, sempre esquecida e marginalizada, conseguisse, por meio do seu trabalho e das políticas públicas implantadas, ascender socialmente e ocupar lugares antes quase impossíveis.

Apesar das elites brasileiras continuarem a ganhar no governo Lula, as mudanças que o então presidente realizou em seu governo, e deu continuidade com sua candidata eleita (2011-2015) e afastada do mandato em 2016, causaram incômodo entre as classes mais abastadas no país, uma vez que elas, como vimos anteriormente, por diferentes autores, são marcadas pelo conservadorismo, pela exploração, e em nenhum momento histórico pensou em construir um país forte e autônomo; na verdade, em todos os momentos políticos ao longo da história, esses setores da sociedade apoiaram apenas movimentos que viabilizassem e reafirmassem seu enriquecimento. De acordo com Jessé Souza (2015), essas elites e uma parcela da classe média sentiu um desconforto e uma não aceitação desses outros que passaram a circular e frequentar seus meios sociais – universidades, shoppings, aeroportos, entre outros (SOUZA, 2015).

As elites brasileiras, acompanhadas de uma parcela da classe média que em 2013 já havia ido às ruas agindo como “tropa de choque” dos interesses dos endinheirados, bem como por interesses próprios ²⁹(SOUZA, 2015, p. 245), voltaram às ruas em 2015 com um discurso contra a corrupção e em 2016, ainda com esse discurso, apoiaram o pedido de *impeachment* da presidente Dilma Rousseff.

Segundo Jessé Souza (2015, p. 244), uma parcela da classe média brasileira

explora os excluídos sociais em serviços domésticos que lhe permitem poupar tempo livre para incorporar ainda mais conhecimento e capital cultural para a reprodução indefinida de seus privilégios – enquanto condena os excluídos à reprodução da miséria -, e que pode ‘posar’ de humana, corajosa e virtuosa, ao sair às ruas para condenar sempre um ‘outro’ que não nós mesmos.

²⁹ Essas elites se sentiam incomodadas e ameaçadas pelas mudanças que ocorriam; tiveram seu candidato a presidente derrotado no segundo turno das eleições presidenciais de 2014, pela candidata apoiada pelo ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

É uma classe marcada pela “apropriação de capital cultural altamente valorizado e indispensável para a reprodução de mercado e Estado” (SOUZA, 2015, p. 24), mas que não admite suas benesses e que acredita ter chegado aonde chegou por meio da meritocracia, “nas frações conservadoras da classe média o desprezo e o ódio às classes populares, que só agora se expressa abertamente, sempre foram a regra. São sentimentos típicos de toda sociedade de raiz escravocrata que nunca criticou essa herança” (SOUZA, 2016, p. 54-55). Sociedades oriundas do sistema colonizador apresentam dificuldades em dialogar, em escutar o outro, daí a dificuldade e pobreza do debate no Brasil (DUNKER, 2017).

Contudo, de acordo com Eliane Brum (2015), não há neste cenário apenas ricos contra pobres e vice-versa, como alguns tentam afirmar. Apesar de ter conseguido enormes avanços em algumas áreas, o Partido dos Trabalhadores durante o período em que esteve no poder, decepcionou e frustrou vários militantes, desde algumas lideranças, bem como aquele militante de base, que dedicou sua vida na construção deste partido e se viu desiludido ao perceber que o seu partido estava deixando de lado seus ideais, sua base, suas bandeiras de lutas e inclusive se envolvendo em corrupções (BRUM, 2015). Hélio Bicudo, Vlademir Palmeira, Plínio Arruda Sampaio, são ex-petistas, dentre os vários militantes históricos que deixaram a legenda que ajudaram a fundar (FOLHA.UOL.COM.BR, 2018). Além dos ex-petistas, alguns políticos das bases de sustentação e alianças, como o PSD, através de seu vice-presidente, Roberto Amaral, também teceram suas críticas ao governo petistas e apontavam para os erros do PT no Planalto (GAMA & BRAGA, 2013). Apesar de concordarem com os avanços na distribuição de renda da população durante governo do PT, esses destacam os desvios éticos que comprometeram o prestígio desse partido após um longo período no poder.

O governo do PT, conseguiu tirar o Brasil do mapa da fome e viabilizou a realização de alguns sonhos almejados a tempo por muitos brasileiros: como a compra da casa própria, o acesso à universidade, etc.(BRESSER, 2012b). Contudo essa forma de governo também recebia críticas, por aqueles, que apesar de reconhecerem algumas políticas defendidas pelo governo, já não acreditavam mais no PT e em suas lideranças e por isso já não iam mais as ruas em defesa deste governo (BRUM, 2015; GAMA & BRAGA, 2013), bem como dos que que não concordavam com a política social e econômica desenvolvida e que chegavam a expressar seu desconforto com o convívio com esses indivíduos que conseguiam ascender socialmente (SOUZA, 2015). E é neste clima de luta, em que alguns tentavam realizar seus sonhos, desilusões e medidas de ajuste fiscal, defendida pela presidenta Dilma, que Hélio

Bicudo, ex-petista, juntamente com Janaína Paschoal, ingressou com o pedido de impeachment da Presidenta Dilma Rousseff no Congresso Nacional” (JUSBRASIL.COM.BR, 2016).

Acredito que esse pequeno recorte oferece informações suficientes sobre o Brasil, seu desenvolvimento, as relações políticas, econômicas, culturais e sociais do povo brasileiro, para que se realize o estudo de caso que irei apresentar no capítulo três.

Cabe ainda lembrarmos que essas últimas mudanças econômicas, políticas e afetivas ocorrem em um momento marcado pela mudança na maneira como nos informamos, nos comunicamos e com a naturalização da demonstração da vida privada no meio público via redes sociais on-line, ou seja, está havendo também, uma mudança no “conceito de intimidade, de espaço público e privado” (KALLAS, 2016, p. 55).

E para quem gostaria de estudar um pouco mais sobre o Brasil, há outros autores³⁰, além dos citados, que discorrem tanto sobre o processo de colonização, formação do povo brasileiro, assim como as demais questões ligadas a todo contexto sócio-histórico do país.

³⁰ Celso Furtado - O mito do desenvolvimento econômico (1976); Darcy Ribeiro - Teoria do Brasil (1972); Florestan Fernandes - A revolução burguesa no Brasil (1975); Jessé Souza - Os batalhadores brasileiros (2012), A ralé brasileira (2018); Lília M. Schwarcz e Heloiza M. Starling - Brasil uma biografia (2015); Limeira Tejo - Retrato sincero do Brasil (1950); Kabengele Munanga – Rediscutindo a mestiçagem no Brasil (1999); Octavio Souza - Fantasia de Brasil (1994); Roberto DaMatta – Carnavais, Malandros e Heróis (1979), O que faz o Brasil, Brasil?(1984); Sérgio Buarque de Holanda- Raízes do Brasil (1936); Victor Nunes Leal- Coronelismo, enxada e voto (1948).

3. A MÍDIA E A COBERTURA DO PEDIDO DE AFASTAMENTO DA PRESIDENTA DILMA ROUSSEFF

Ao acompanhar esse processo político e sua cobertura nos meios de comunicação tradicionais, nas redes sociais on-line e nas várias publicações no Facebook nesse período, constatei o que fora dito por Roberto Amaral (2002). O pesquisador afirma que os meios de comunicação tradicionais brasileiros têm lado e, de certa forma, funcionam como um partido político defendendo sua ideologia (AMARAL, 2002).

Apesar do crescente número de blogs e *fanpages* da mídia alternativa, como *Jornalistas Livres*, *Mídia Ninja*, *Geledés*, entre outros, muitos internautas ainda se informam nas mesmas fontes. De acordo com uma pesquisa divulgada pela Amazon no ano de 2017, o site d'*O Globo* e *UOL* estão entre os seis sites mais acessados (AGRELA, 2017), ou seja, os sites que pertencem ao grande grupo midiático das organizações Globo e à associação Abril-Folha de São Paulo “continua[m] a pautar muitos comportamentos, [...], mesmo na rede”, em que muitos “têm no G1, Globo.com, UOL e Terra como principal referencial de informação” (REBOUÇAS, 2013).

Para Barbosa e Martins (2016, p.02),

A abordagem proposital contribui também para reforçar o discurso, nas redes sociais, de que os contrários ao impeachment são militantes pagos, beneficiários do Bolsa Família (como se isso os fizesse cidadãos de segunda categoria) e gente incapaz de tomar uma decisão refletida sobre o por que defender o Estado Democrático de Direito no País. Como a mídia também invisibiliza as inúmeras declarações de juristas, pesquisadores, professores universitários, artistas, profissionais liberais, advogados e jornalistas que são contra o golpe, o caminho fica aberto para este discurso, que beira o fascismo.

Nesse sentido, parece-me que esse tipo de abordagem jornalística tende não apenas a fomentar e formar somente uma versão dos fatos políticos e econômicos, mas, de certa maneira, inibir possíveis questionamentos do público que se informa nesses meios, visto que neste caso, ao divulgarem apenas as notícias favoráveis ao pedido de afastamento da presidente Dilma Rousseff, deram a impressão de que existia apenas uma versão sobre o processo, induzindo muitos a verem apenas uma parte do todo; direcionando, assim, o olhar da audiência aos seus interesses e consequentemente tolhendo a possibilidade de diálogo sobre esse processo político, uma vez que a “noção básica de ‘ouvir o outro lado’ foi liquidada”, assim como as “regras básicas do jornalismo foram mandadas às favas” (LOPES, 2016, p. 123).

Segundo Amaral (2002, p. 83) “os meios de comunicação deixam de reportar para inferir no fato, e passam a ser o fato; não narram, invadem o andamento do fato em narração;

não informam, formam opinião; não noticiam, opinam. São o novo espaço da pólis, com pensamento próprio, com projeto próprio”. Para Beluzzo (2000), os meios de comunicação tradicionais no Brasil desempenham não apenas o papel de informar, mas de orientar as “massas desarvoradas” (BELUZZO, 2000). Essa prática tem ocorrido também nas redes sociais on-line, por meio de sites e *fanpages* que a mídia tradicional mantém na internet, visto que essa mantém sua tradicional postura política em todos os seus meios de comunicação. No caso do Facebook, que direciona conteúdos aos seus usuários por meio do uso de algoritmo, ocorre uma contribuição para que seus usuários vejam sempre as notícias das *fanpages* que acessam com frequência e, conseqüentemente, se mantenham em suas bolhas ideológicas, inviabilizando, assim, a possibilidade de diálogo com internautas de outras bolhas.

A mídia tradicional brasileira usou todos os meios de comunicação, inclusive as redes sociais on-line, para divulgar e formar opinião favorável ao pedido de afastamento da presidenta Dilma Rousseff (OLIVERIRA, 2016). O jornal a Folha de São Paulo, em um de seus editoriais, chegou a sugerir à presidenta eleita que apresentasse um pedido de renúncia (FOLHA DE SÃO PAULO, 2016), e as revistas do grupo Abril-Folha não deram trégua em suas editorações, sempre atacando a presidente, membros do seu governo e partido. Além disso, os meios de comunicação ligados ao grupo Globo também não pouparam esforços ao defender o pedido de afastamento; mais uma vez, deixando claro de que lado estavam demonstrando que a mídia tradicional brasileira deixou de reportar os fatos para inferir sobre eles (AMARAL, 2002), exercendo um papel importante e decisivo no processo político do país. Alguns internautas demonstram uma percepção em relação à participação da mídia tradicional no pedido de afastamento, como neste comentário:

Internauta 1:

Você até pode ir às ruas pelo “Fora Temer” ou “Fora Cunha” depois que você der força para a substituição da Dilma pelo Temer, mas irá sozinho. A Globo, a Veja, a Band, o Estadão não estarão com você. A PM não vai fazer selfie com você (mais provável que lhe desça o cacete), o metrô não vai liberar a catraca, o PMDB e o PSDB não estimularão seu protesto; MBL, Vem pra Rua e Revoltados on Line ficarão mudos, a classe média não vai bater panela, e, se bater, a Globo não vai mostrar. (Comentário retirado do post do vídeo “Manifestantes pró-impeachment comemoram o resultado da votação na Câmara” (EL PAÍS BRASIL, 2016c).

Percebe-se, ainda, a partir de outros comentários como esse retirados do post sobre o ataque a um grupo indígena no estado do Maranhão, o questionamento em relação à imprensa sobre o que vem divulgando e em que tem se mantido focada.

Internauta 2: Cade a grande imprensa bazuca?.

Internauta 3: Alo rede globo, larga o patinho e pedalinho e vamos para a rua trabalhar de verdade.

Internauta 4: Globo não faz mais nada, só fala da corrupção do Brasil. Não, só fala da corrupção do PT, que é pra esconder a do PSDB.

Internauta 5: Nossa única esperança é a mídia internacional já que a nacional apoia a direita assassina.

Internauta 6: Absurdo que a gente vê em nosso país, tem que denunciar mesmo aos órgãos internacionais para que coisas assim sejam banidas para sempre aqui no Brasil....

Internauta 7: A Comissão da Pastoral da Terra já havia feito a denúncia hoje pela manhã. Ruralistas covardes e FDPs. (Comentários 2 a 7 são referentes ao ataque ao grupo indígena no Maranhão (MÍDIA NINJA, 2017).

Os navegadores comentam sobre a diferença entre a maneira como a mídia internacional e nacional divulgam o que ocorre no país, assim como o fato de a imprensa nacional priorizar um único conteúdo, neste caso, “a corrupção do Brasil”, “a corrupção do PT”, e deixa de informar sobre as demais questões que ocorrem no país. A escolha pela mídia internacional para obter informações sobre seu o país demonstra também que o público consumidor de notícia já não acredita mais na mídia tradicional, na sua imparcialidade ao informar. É possível perceber, ainda, um descrédito para com os órgãos brasileiros, visto que alguns propõem denúncias a órgãos internacionais, a fim de barrar atos de violência, demonstrando que alguns cidadãos estão perdendo a confiança no processo democrático.

Segundo Lima (2013), os meios de comunicação podem, além de desacreditar o processo da democracia, provocar expressões contrária a ela, bem como a defesa de sistemas ditatoriais, dentre outros. Campello de Souza (1988, p. 586-587), cita o que aconteceu na “Alemanha e na Áustria na década de 1930” em que “o processo de avaliação negativa do sistema democrático estava tão disseminado que, quando alguns setores vieram em defesa do regime democrático, eles já se encontravam reduzidos a uma minoria para serem capazes de impedir a ruptura”.

Esse tipo de discurso já deu mostras do que pode gerar, no entanto, a mídia tradicional brasileira tem feito uso dessa prática ao apresentar de modo homogeneizado os dados e ao poupar alguns setores, causando muitas vezes a impressão de que “corrupção, cinismo e desmandos são monopólio dos políticos, dos partidos ou Congresso” (CAMPELLO DE SOUZA, 1988, p. 588-589) e, acrescentaríamos, de alguns partidos políticos, assim como a hegemonia de um discurso.

A forma como os meios de comunicação tradicionais divulga o que ocorre no país, bem como sua programação, é uma discussão que vem sendo tratada há tempos, no entanto, apesar da necessidade de mudanças, os “governos em diferentes oportunidades, tentaram extrair das empresas” – de comunicação – “novos princípios auto-regulatórios (sic), sempre

sem êxito” (LEAL FILHO, 2016). Esse panorama causa preocupação a muitos, pois havemos de nos lembrar que nosso país carrega em sua história as marcas da dominação, do genocídio, do racismo, da intolerância, que foi forjada a partir do regime escravocrata, viveu uma ditadura por vinte e um anos, e que está vivendo no regime democrático há apenas trinta e três anos.

Assim, após observar como a imprensa tradicional cobriu os atos a favor e contra o pedido de afastamento da presidente Dilma Rousseff, resolvi coletar comentários nas publicações do *El País Brasil*, em sua página no Facebook, pois o jornal publicou simultaneamente em sua *timeline* os movimentos pró e contrários ao pedido de afastamento, sem nota editorial nos vídeos. O *El País* é um jornal espanhol considerado por alguns de “posição mais centro-esquerda” (GARCIA, 2013, p. 01); por outros, ideologicamente “cada vez mais à direita” (MENEZES, 2017, p. 01). Quanto ao Brasil, há os que acreditam que em “relação à política brasileira, tem se portado, ao longo dos anos de forma razoavelmente correta” (MENEZES, 2017, p. 01). Segundo Juan Luis Cébrian, criador e primeiro editor do jornal, “o El País queria, quer ser e é um jornal que conta as coisas que incomodam o poder”. E ao criar o jornal “queria fazer um jornal de perfil equilibrado e sucinto, um jornal sóbrio, bem escrito, documentado, em suas análises e plural em suas opiniões” e que fosse “lido e respeitado, tanto pela elite como pelas pessoas comuns, que desempenhasse um papel essencial na formação da opinião pública” (ARIAS, 2017, p. 01). No Brasil, a versão em língua portuguesa começou em 2013, chegando a ter em abril de 2016 cerca de 3,3 milhões de leitores (GODOY, 2016); de acordo com informações do próprio *El País Brasil*, a publicação está entre os seis jornais mais lidos no país, chegando a 6,5 milhões de leitores no mês de setembro de 2017 (EL PAÍS BRASIL, 2017).

As falas que serão apresentadas neste capítulo foram coletadas na página do *El País Brasil* no Facebook, nos comentários postados nas publicações de cinco vídeos que divulgaram as manifestações a favor e contra o pedido de afastamento da presidenta Dilma Rousseff em 2016:

- “Manifestantes a favor do impeachment, na Esplanada dos Ministérios, comemoram os votos favoráveis ao impedimento” (17/04/2016).
- “No vale do Anhangabaú, em São Paulo, manifestantes contrários ao impeachment de Dilma receberam a notícia da aprovação do processo na Câmara com tristeza e emendaram: ‘a luta continua’” (17/04/2016).
- “Manifestantes pró-impeachment comemoram o resultado da votação na Câmara” (17/04/2016).

- “Na avenida Paulista, em frente ao MASP, manifestantes contrários ao impeachment de Dilma Rousseff começam a se reunir no início da noite desta quarta. O fotógrafo Maurício Pisani mostra como estava o lugar por volta das 19h” (11/05/2016).
- “Por volta das 20h, manifestantes pró-impeachment se reuniram em frente à Fiesp na Avenida Paulista. O fotógrafo Maurício Pisani conta que já há bonecos infláveis e carros de som” (11/05/2016).

Também compõem o escopo da pesquisa mais seis publicações que, apesar de não serem alusivas diretamente ao pedido de afastamento, estão relacionadas a questões políticas da área de segurança pública, assentamento rural, demarcação de terras indígenas, imigração, e consequentemente à política social de cidadania e direitos humanos desenvolvidas nos últimos anos. Os comentários nessas publicações exibem o conteúdo que estamos analisando, viabilizando, assim, uma análise mais abrangente do discurso de ódio no Facebook. São elas:

- Rede de Informações Anarquistas, que divulgou o vídeo “Polícias Militares executam de forma explícita e a luz do dia duas pessoas que já se encontravam rendidas e desarmadas na comunidade da Pedreira” (30/03/2017).
- Senador Lindberg Farias, que divulgou a nota da Comissão da Pastoral da Terra (22/04/2017).³¹
- Comissão da Pastoral da Terra, que publicou o vídeo em que divulgava o ocorrido (23/04/2017).
- Brasil247 na publicação “Dilma pede punição aos responsáveis, diretos e mandantes, de chacina que deixou 9 mortos em MT” (24/04/2017).
- Mídia Ninja em “Dezenas de fazendeiros e jagunços atacaram um grupo indígena, da etnia Gamela, decepando mãos com golpes de facão e ferindo à bala um número ainda desconhecido de índios” (1º/05/2017).
- Direita de São Paulo no vídeo “Marcha contra a Lei da Imigração” (02/05/2017).

³¹ No endereço <<https://www.facebook.com/search/top/?q=massacre%20colniza>> é possível acessar várias publicações sobre o “Massacre de nove trabalhadores rurais no município de Colniza-MT” (19/04/2017); não é possível estabelecer o número exato de publicações, pois parei de visualizar ao acessar o nonagésimo post. Contudo, percebi que entre as várias publicações, apenas as páginas da Comissão da Pastoral da Terra, Mídia Ninja, Movimento Sem Terra e de alguns políticos (Eduardo Suplicy, Janaína Riva, Lindberg Farias, Maria do Rosário, Marina Silva e Time Lula) haviam comentários. Dito isso, esclareço que optei por recortar os comentários publicados nas páginas do Senador Lindberg Farias e Comissão da Pastoral da Terra.

E por fim, acrescento a análise de quatro posts em que os internautas anunciavam em sua *timeline* no Facebook que estavam desfazendo a amizade com aqueles que tinham posicionamento político divergente do seu.

Mantive os recortes com a mesma formatação em relação às letras maiúsculas e ou minúsculas, aos erros ortográficos, tentando mantê-los o mais próximo possível de quando são visualizados, pois a maneira como escrevem também tem um significado e efeito. Neste capítulo faço uso da expressão “pedido de afastamento da presidente Dilma Rousseff” e/ou apenas “pedido de afastamento”, quando me refiro ao *impeachment* / Golpe de 2016; mantive o termo *impeachment* e/ou golpe na fala do internauta, pois a diferença na nomeação desse processo já deixa clara a sua posição. Quanto aos nomes citados são todos fictícios, pois apesar de retirar todo o conteúdo do Facebook, onde todos podem visualizar o nome, optei por não divulgar os nomes.

3.1. ENQUANTO XINGAM NÃO DERRAMAM SANGUE

Internauta 8:

Olha o tipo dos manifestantes, não tem um só cidadão, só vagabundinhos, viciados em maconha somente.

Internauta 9:

Não sou prepotente e nem sou ou tenho preconceito, mas uma coisa é ser ordeiro, respeitador, ético, coerente e outra é ser anarquista, querer ser bizarramente diferente, procura ser gente, trabalhar de verdade e não ser sustentado por programas sociais que só serviram pra afundar a nação e não tirou ninguém da pobreza, e também se esconder numa faculdade de um sistema educativo falido.

Internauta10:

Veja vc mesma as imagens dos pro Dilma e depois veja dos contra Dilma, veja a diferença, não tem jovens fazendo questão de serem bizarros não, tem pai de família, trabalhadores e gente que se ocupa da vida... (Comentários 8,9 e 10 foram retirados do post do vídeo “No vale do Anhangabaú [...]” (EL PAÍS BRASIL, 2016b).

Internauta 11:

é, nos pro golpe tem muita gente boa, todos formatados, brancos, “bem vestidos”, palmas pra diversidade. [...] E os que salvam a empresa com incentivos do governo (mas ah se for programas sociais!), sonegam impostos e apontam o dedo para uma mulher que não tem nada formalizado contra ela. Só gente boa [...]. Que alívio de estar do lado de cá, colorido, vivo, de gente que rala pra caramba e ainda se desdobra e encontra tempo para se engajar no que acredita, que vai nas ruas pelo discurso da democracia e da tolerância, e que tem história e suor. (Comentário retirado do post do vídeo “No vale do Anhangabaú [...]” (EL PAÍS BRASIL, 2016b).

Os primeiros comentários descrevem a maneira como os internautas a favor do pedido de afastamento se percebem, bem como veem os manifestantes contra o afastamento, e a tentativa de deixar claro que há uma diferença entre ambos. Enfatizando que entre os

primeiros as pessoas são trabalhadoras e éticas e entre os segundos há “vagabundos, que dependem dos programas sociais”. O internauta 11 responde afirmando que do seu lado também há pessoas que trabalham e vão às ruas pelo que acreditam. De acordo com Ortellado, Solano e Moretto (2016), os manifestantes dos movimentos a favor e contra o afastamento que foram às ruas em São Paulo (SP) são socioeconomicamente muito parecidos; e é justamente essa proximidade, essa semelhança, que tem feito com que a antiga classe média viva sob o temor de ser confundida com os novos batalhadores (DUNKER, 2015; SOUZA, 2016). É possível percebermos nesses discursos a expressão do narcisismo das pequenas diferenças (FREUD, 1921/1996), ou seja, a tentativa de indivíduos próximos – do mesmo país, trabalhadores – se diferenciarem do outro, de não se misturar com eles e da tentativa de ignorar o que possuem em comum.

Para Bauman (1998), na pós-modernidade, as fronteiras entre as classes sociais passaram a ser mais desejadas, uma vez que as mudanças sociais deste momento de certa maneira obscureceram e eclipsaram as linhas fronteiriças; no caso do Brasil as elites e parte da classe média, que sempre mantiveram uma distância dos pobres e prestadores de serviços, como fora ilustrado por Dunker (2015) ao enfatizar que em “nossos condomínios primamos pela distinção entre elevadores e entradas de saídas ‘sociais’, e de ‘serviço’, do outro” (DUNKER, 2015, p. 49), e que de certa maneira se mantinham em seus condomínios e em espaços que tinham como seus, não estão mais conseguindo manter as fronteiras que outrora foram tão claras. De acordo com Souza (2016, p. 97), “o compartilhamento dos mesmos espaços sociais irrita e incomoda ainda mais com a nova postura e atitude das classes populares de desafiar o olhar incômodo, como comprovam iniciativas como os rolezinhos³²”. O simples fato de ter que conviver com pobres nos lugares (universidades, shoppings, aeroportos, etc.) antes reservados à classe média fez com que viesse à tona um preconceito de classe que se mantinha escondido do debate público (SOUZA, 2016). Para alguns, o simples fato de conviver com estranhos é quase que inadmissível, uma vez que para esses “tocar o viscoso é arriscar a ser dissolvido na viscosidade” (SARTRE, 1969, apud BAUMAN, 1998, p. 39), é correr o risco de ser confundido com o viscoso e de perder o espaço que acredita ser seu por direito e mérito³³ (BAUMAN, 1998; SOUZA, 2015), é correr o risco de ser confundido com pobre, uma vez que agora eles circulam e consomem o mesmo que a classe média (SOUZA, 2016).

³² Rolezinhos: “adolescentes das periferias urbanas que se reúnem em grande número para passear nos shoppings centers de suas cidades” (MACHADO-PINHEIRO; SCALCO, 2014, p. 01).

³³ Jessé Souza (2015) em *A Tolice da Inteligência Brasileira*, discorre sobre a meritocracia brasileira.

Vejamos mais alguns comentários:

Internauta 12: Quanto vagabundo o Brasil tem hein... Ninguém trabalha no dia seguinte. Partido dos trabalhadores que não trabalham.

Internauta 13: Vão chorar na cama kkkkkk. Só marginais

Internauta 14: Bando de idiotas, vão trabalhar seus imbecis. (Comentários 12, 13 e 14 foram retirados do post do vídeo “Por volta das 20h, manifestantes pró-impeachment se reuniram em frente à Fiesp [...]” (EL PAÍS BRASIL, 2016e).

Internauta 15: Vão trabalhar vagabundosssss. (Comentário retirado do post do vídeo “Manifestantes pró-impeachment comemoram [...]” (EL PAÍS BRASIL, 2016c).

No Brasil, a associação entre crime e vadiagem, ocorre desde a instalação da Família Real na Colônia, afinal, com a instalação da monarquia na terra tupiniquim se fazia necessário punir os comportamentos considerados vadios daqueles que não pertenciam à corte e à política, e que não se encontravam inseridos no regime de trabalho da época. Aqueles que não cumpriam o Código Criminal (1830) e o Código de Postura (1838), os que não tinham uma ocupação tida como honesta, podiam ser associados à vadiagem e, inclusive, podiam ser presos por serem considerados vadios (OLIVEIRA, 2018). Com o final da escravidão, no final do século XIX, as cidades eram tomadas pelos negros que haviam sido libertados, assim como imigrantes vindo do interior e que procuravam emprego, no entanto, não eram absorvidos no regime social, político e econômico da época. Assim, negros libertos, capoeiristas e pobres, pessoas que não conseguiam se inserir na engrenagem vigente, passaram a ser considerados vadios e eram muitas vezes colocados na prisão pelo fato de não estarem trabalhando, por estarem incomodando a ordem, a moral e os bons costumes; no caso dos capoeiristas, por ameaçarem a segurança física dos demais cidadãos (BATISTA, 2018; DINIZ, 2012; SANTOS, 2004). Aqueles que vagavam pela cidade e tinham fortuna podiam continuar a perambular, já os que vagavam pela cidade, mas não tinham meio de subsistência, eram recolhidos à prisão por alguns dias ou até meses (SANTOS, 2004). Segundo Bauman (1998, p. 119), “os vagabundos são a criatura que revela a fealdade escondida sob a beleza da maquiagem. Sua presença é enfadonha e enraivecadora”, eles nos revelam o que tentamos esconder.

Internauta 16: [...] Me diz uma coisa, pra ser pro PT tem que ser burro, mentiroso, ignorante e canalha? Vcs tem perfil assim.

Internauta 17: Vcs quem cara-pálida? O problema de quem veste verde e amarelo é achar que todo mundo é petista, vai Tnc. (Comentários retirados do post do vídeo “Manifestantes pró-impeachment comemoram [...]” (EL PAÍS BRASIL, 2016c).

Esta tentativa de sempre colocar todos os que defendem o mandato da presidente Dilma Rousseff como “vermelhos” ou “petistas”, “vagabundos”, “burros”, como se houvesse

apenas dois grupos de pessoas em todo o país, os favoráveis e os contrários ao pedido de afastamento, demonstra características de uma cultura narcisista que divide “o mundo entre vencedores e perdedores e a felicidade torna-se direito exclusivo dos primeiros enquanto os ditos vencidos são destinados ao banimento e à exclusão do jogo econômico e social, tornados assim espécie de restos da sociedade de consumo [...]” (LASCH, 1983 apud CUNHA, 2014, p.54), ou seja, o narcisista nega qualquer possibilidade de convívio com os que considera perdedores, uma vez que estes podem lembrá-lo de sua condição, “sua outra face no espelho” (CUNHA, 2014, p.57).

Esse discurso demonstra ainda que os defensores do *impeachment* se identificam por meio da idealização de que todos os que são trabalhadores são a favor do pedido de afastamento e os que são contra, são vagabundos; também expõe a recusa desses em perceber e aceitar que os outros que foram às ruas contra o pedido de afastamento, a “gente que rala pra caramba e ainda se desdobra e encontra tempo para se engajar no que acredita” (EL PAÍS BRASIL, 2016b), mas que não pensa e não defende as mesmas ideias que os defensores do afastamento, na verdade, possuem mais em comum do que imaginam (ORTELLADO; SOLANO; MORETTO, 2016), visto que em seus discursos ambos se nomeiam como trabalhadores, contra a corrupção, honestos e que lutam por um país melhor, além de morarem no mesmo país, de dividirem os espaços da cidade.

Vejamos mais alguns comentários:

Internauta 18: Vai acabar o pão e mortadela e 30 reais, vai ter que trabalhar, seus sem vontade de trabalhar.

Internauta 19: ACABOU o pão com mortadela. Vão arrumar emprego... Xô!! Fracassados!!. (Comentários retirados do post do vídeo “No vale do Anhangabaú [...]” (EL PAÍS BRASIL, 2016b).

Internauta 20: quanto mimimi, chorem petralhada, pt nunca mais, tratem de procurar um emprego de carteira assinada. Chora petista, bolivariano, a roubalheira do PT tá acabando. Tua conduta é imoral, fere os princípios da CF nacional. Olê Olê, Olê Olê tamó na rua pra derrubar o PT

Internauta 21: Eu fico vendo como petistas são um bando de imbecis. (Comentários retirados do post do vídeo “Na avenida Paulista, em frene ao MASP [...]” (EL PAÍS BRASIL, 2016d).

Os comentários demonstram o ódio de alguns para com outros e nos mostra que apesar do controle da agressividade, da renúncia à “expressão da hostilidade pela ação”, muitos não perdem a oportunidade de tornar seu “inimigo, pequeno, inferior, desprezível ou cômico” frente aos outros, conseguindo, assim, ainda que “por linhas transversas, o prazer de vencê-lo” (FREUD, 1905c/1996, p. 102). Para Freud (1905c), “hostilidade brutal, proibida por lei, foi substituída pela invectiva verbal [...]”, e cita Lichtenberg: “Onde dizemos agora ‘Desculpe-

me’, costumávamos dar um soco nos ouvidos” (FREUD, 1905c/1996, p. 102). Isto é, o homem já evita o derramamento de sangue, contudo, continua a atingir o outro por meio das ofensas e xingamentos, pois como sujeitos constituídos a partir da linguagem e da relação com o outro somos afetados, bem como afetamos o outro a partir do que dizemos.

Vejamos como as falas a seguir exibem um pouco do que estamos falando neste parágrafo:

Internauta 22: Invade³⁴ a fazenda e quer ser recebido com bolo e festa. Tem que mandar bala mesmo neste povo do MST.

Internauta 23: Cala a boca seu imbecil você ã sabe o que está falando sua besta fera. (Comentários 22 e 23 foram retirados do post sobre o massacre dos assentados em Colniza-MT (COMISSÃO DA PASTORAL DA TERRA, 2017).

Internauta 24: querem terra no cemitério tá cheio. Tenho sete palmos de terra para sem-terra aq na minha propriedade.

Internauta 25: Tu não tem nem pra tu, porque não tem onde cair morto, pobre de direita terrorista. é só mais um teleguiado do plim plim vomitando.

Internauta 26: Não eu não sou a rede globo que é marxismo cultural 24 horas, globo e coisa FINANCIADO por vcs. Ou melhor, vc que é a favor do MST, abra as portas da sua casa. Adote um sem-terra. (Comentários retirados da página de Lindberg Farias, especificamente da publicação compartilhada da página da Comissão da Pastoral da Terra sobre o massacre dos assentados em Colniza (MT), em 2017).

Esses discursos foram retirados dos posts sobre o assassinato de nove trabalhadores rurais que ocorreu em um assentamento no município de Colniza (MT), ou seja, do derramamento de sangue real; eles mostram que apesar dos *posts* retratarem uma tragédia, muitos não se constrangeram em deixar claro que os assentados mereceram a morte e inclusive que apoiavam o que fora feito, revelando que apesar de não terem derramado o sangue com suas próprias mãos, não se sentem incomodados com o assassinato dos trabalhadores rurais, chegando a defendê-lo.

Já o que não concordavam com esses comentários também fez uso de xingamentos, externando sua agressividade e indignação com aqueles que defendiam o assassinato, demonstrando que se houver a possibilidade de externar o que estava reprimido, a oportunidade não será perdida. É possível perceber, um gozo³⁵ entre os que defendem a morte e extermínio dos assentados, ao mostrarem sua agressividade em seus comentários, assim

³⁴ Os nove trabalhadores rurais eram assentados desde 2004 e já haviam recebido o direito sobre as terras em que aconteceu a chacina, ou seja, não estavam invadindo nenhuma área (COMISSÃO PASTORAL DA TERRA, 2017).

³⁵ Gozo: “[...] refere-se ao desejo, e precisamente ao desejo inconsciente; isso mostra o quanto essa noção ultrapassa qualquer consideração sobre os afetos, emoções e sentimentos, e coloca a questão de uma relação com o objeto que passa pelos significantes inconsciente” (CHEMAMA, 1993, p. 90).

como os contrários a esse posicionamento, pois apesar de discordarem dos primeiros, esses também foram agressivos em seus discursos.

Em *Mal-estar da civilização*, Freud (1930a/1996) afirma que se o indivíduo puder satisfazer algum tipo de desejo, ele não se importará em escarnecer, insultar, caluniar e demonstrar sua superioridade e seu poder; quanto mais seguro o sujeito se sentir e mais desamparado o outro for, com certeza pode-se esperar que aquele se comporte de maneira hostil para com o outro³⁶, como nos comentários anteriores e nos próximos, retirados na página *Rede de Informações Anarquista*, na publicação de um vídeo que mostra dois policiais militares executando dois homens já rendidos.

Internauta 27: É bandido? Mata + que tá pouco! Esses policiais fizeram um grande favor a sociedade.

Internauta 28: Bandido bom é Bandido morto, tem é que bota é pra fuder com esse filho de uma puta.

Internauta 29: Mas, são todos os bandidos ou só os bandidos pobres que são bons mortos? Lamento a morte da menina...Agora os 2 abatidos faz parte dá guerra...E guerra e assim mesmo.

Internauta 30: SE o policial não mata, ele morre brother.

Internauta 31: Como se o cara estava rendido? (Comentários retirados do vídeo em que mostra dois PMs atirando em dois bandidos rendidos (REDE DE INFORMAÇÕES ANARQUISTAS, 2017).

É interessante constatar que apesar do questionamento de um dos internautas – “Mas são todos os bandidos ou só os bandidos pobres que são bons mortos? –, esse não recebeu nenhuma resposta, e o comentário seguinte continua a defender o assassinato como forma de resolver o problema. Essas postagens apontam como a atitude moral desses indivíduos funciona apenas para os membros do seu grupo, mas incorre em problemas quando se estende àqueles que estão completamente fora de suas experiências, como o estrangeiro, o estranho, o outro, neste caso “o bandido”, uma vez que a ética desses é baseada em um senso moral instintivo, uma simpatia natural que provoca a reação moral apropriada, moldada a partir da experiência em sua comunidade e forjada pela sua tradição e hábito (EAGLETON, 2010). Isto é, ao mesmo tempo em que enaltecem o trabalho, o respeito a regras e regulamentos, trazem consigo profundos impulsos antissociais e acreditam que as leis e regulamentos não se aplicam a eles (LASCH, 1983). A defesa da aniquilação e extermínio do outro é aceita e, inclusive, é um ato louvável para alguns, afinal, estão defendendo e apoiando a eliminação, a

³⁶ O outro ou o “estranho é, em geral, indigno de meu amor; honestamente, tenho de confessar que ele possui mais direito a minha hostilidade e, até mesmo, meu ódio” (FREUD, 1930a/1996, p. 115).

morte aos ditos inimigos, neste caso, “os bandidos”, os que não fazem parte de seu círculo, sem levar em consideração que são sujeitos tanto quanto eles.

O questionamento em relação a certas situações e/ou comentários inquirindo o outro navegador aparecem em várias postagens, mas chama a atenção perceber que quase sempre os questionadores não recebem respostas e quando recebem são quase sempre ofensivas ou defendem o posicionamento pronto e acabado, mostrando o quanto muitos vivem em seus grupos e não aceitam a menor possibilidade de olhar para além deles, como podemos ver nos comentários a seguir.

Internauta 32: O cara é POLICIAL não a porra de um justiceiro pra fazer isso, o dever dele ali é prender e levar pra delegacia o tiro só seria justificável se fosse em legítima defesa o que claramente não ocorreu.

Internauta 33: Não entendo como pode ter pessoas a favor de vagabundo... parabéns a polícia, voltem p casa com a sensação de dever cumprido!!!.

Internauta 34: Se vc acha que as pessoas são contra os policiais é pq vc não entendeu nada, somos contra a barbárie, aí se ser contra a barbárie é ser contra este tipo de policial que se acha deus, juiz, e carrasco.

Internauta 35: Na boa isso é guerra e na guerra o homem armado se transforma, seus conceitos de justiça também (Os comentários 32 a 35 foram retirados do vídeo em que mostra dois PMs atirando em dois bandidos rendidos (REDE DE INFORMAÇÕES ANARQUISTAS, 2017).

A tentativa de justificar os atos violentos a partir da afirmação de que se trata de uma guerra ou que vivemos tempo de guerra revela que para alguns tudo é permitido. De acordo com o pensamento freudiano, na guerra, apesar das atrocidades cometidas, seus participantes voltam para casa sem qualquer violação de sua moralidade dentro de suas próprias nações, pois apesar de fazerem uso da violência para com o outro, podem justificar estarem defendendo sua nação. Afinal é o Estado quem está regulamentando, fazendo uso e até mesmo fomentando o ódio e a ação agressiva de seus soldados para com o inimigo, com o intuito final de ganhar a guerra (FREUD, 1915f/1996). O Brasil não está em guerra com nenhum país, contudo, é o país em que mais se cometem homicídios (MENA, 2015; PEREIRA, 2015), e muitos brasileiros vivem em “campos de batalha” (BATISTA, 2018, p. 8). Essa realidade parece justificar por parte de alguns o uso da violência, do extermínio, dos modos e comportamentos de quando se está em guerra.

3.2. AGRESSIVIDADE CONTRA OS ESTRANHOS

Ofensas, xingamentos, rixas entre indivíduos próximos, entre sujeitos que vivem em um mesmo país são alguns dos meios usados para atingir o outro, de obter uma satisfação

parcial da pulsão de morte e seus derivados (pulsão de agressão, dominação e destruição) (PEREIRA, 2006), mas também uma maneira de tentar se diferenciar do outro, que também é brasileiro, trabalhador, eleitor, cidadão, de certa maneira tão próximo e até mesmo parecido.

Segundo Freud (1921/1996, p. 112), indivíduos “estritamente aparentadas mantêm-se a certa distância uma da outra: o alemão do sul não pode suportar o alemão setentrional, o inglês lança todo tipo de calúnias sobre o escocês, o espanhol despreza o português”. Essa tentativa em manter-se a certa distância do outro tão próximo dá mostras do narcisismo das pequenas diferenças, ou seja, o “amor a si mesmo trabalha para a preservação do indivíduo e comporta-se como se a ocorrência de qualquer divergência de suas próprias linhas específicas de desenvolvimento envolvesse uma crítica delas e uma exigência de sua alteração” (FREUD, 1921/1996, p. 113). Essa necessidade de se separar e de manter distância do outro tão próximo é percebida nos discursos dos brasileiros quando falam mal de seus vizinhos argentinos, paraguaios, mas também no discurso de alguns brasileiros do Sudeste ao falarem mal de nordestinos, ofendendo e depreciando seus posicionamentos, como os vistos nas redes sociais on-line, ao final da apuração dos votos na última eleição presidencial (2014); assim como está evidente entre algumas pessoas da classe média e alta, que tratam trabalhadores e pobres como vagabundos, como visto anteriormente, demonstrando a tentativa desses sujeitos em continuar individualmente e coletivamente nas mesmas posições, recusando qualquer possibilidade de mudança em seus posicionamentos individuais e coletivos.

A dificuldade e a recusa por parte de alguns brasileiros em reconhecer e aceitar as mudanças sociais ocorridas nos últimos anos³⁷, que apesar de não ter mudado o modelo político e/ou econômico, provocou mudanças significativas na vida de muitos indivíduos e consequentemente de uma parcela de brasileiros que há séculos nunca fora reconhecida e nunca recebera atenção por parte do Estado, exibiu mais uma vez a dificuldade de alguns brasileiros e de uns coletivos em aceitar essas mudanças sociais e em conviver com esse outro que agora circula em seus meios sociais (DUNKER, 2015; SINGER, 2016; SOUZA, 2016).

O pedido de afastamento da presidente Dilma Rousseff em 2016 ilustra exatamente o comportamento dessa parcela da sociedade que, perpassada pelo individualismo competitivo, pelo velho discurso da ordem, segurança e contra a corrupção (BIRMAN, 2014; CHAUI, 2016; COSTA, 1989; DUMONT, 1985; DUNKER, 2015; LASCH, 1983; SOUZA, 2016), unida pelo sentimento de ódio (CLETO, 2016) ao Partido dos Trabalhadores, aos políticos

³⁷ Essas mudanças sociais ocorreram a partir de uma política pública nacional mais distributiva, marcada pelo aumento do salário mínimo (BRESSER, 2012b) e de um número maior de pessoas com acesso ao consumo (SOUZA, 2016).

dessa sigla e seus defensores, e apoiada pela mídia tradicional brasileira (LOPES, 2016), foi às ruas pedir o *impeachment* da presidente Dilma Rousseff.

Esses sujeitos, muitas vezes, agem agressivamente, demonstrando sua antipatia e aversões pelo outro (CHAUÍ, 2016; DUNKER, 2015; SOUZA, 2016), a fim de evitar a angústia provocada pela crítica, pelo questionamento; e ou por perceber que o outro não é tão estranho como se supunha.

Internauta 36: Palhaços, idiotas, e imbecis se reuniram em frente à FIESP.

Internauta 37: Olha 'trabalhadores de família' defensores de seus direitos caminhando feliz a cantar ao lado da FIESP e Sindicato Patronal.

Internauta 38: Melhor do que os vagabundos da CUT e do MST que queimam pneus e atormentam esses mesmos trabalhadores. (Comentários retirados do post do vídeo “Por volta das 20h, manifestantes pró-impeachment se reuniram em frente à Fiesp [...]” (EL PAÍS BRASIL, 2016e).

O modo como muitos manifestantes a favor e contra o pedido de afastamento se tratavam nos apresenta mais uma vez suas dificuldades em lidar com pequenas diferenças, uma vez que quanto mais fechado é o grupo ao qual o indivíduo pertence, mais o ódio é direcionado ao externo (FREUD, 1927a/1996) e maior a dificuldade em se estabelecer um diálogo entre eles (DUNKER, 2016 apud OLIVEIRA, 2016).

Internauta 39: Francisco tenha uma certeza...NÃO SOU UM MISERÁVEL MASSA DE MANOBRA DE ORGANIZAÇÃO CRIMINOSA e PÃO COM MORTADELA...Hahahahaha.

Internauta 40: Você só sabe atacar? Tá satanizando tudo? Tá andando muito com o bispo hein? Bjinho pro cê. Me erra nessa vida e em todas as outras.

Internauta 41: Camila relaxa não sou da “PÁTRIA EDUCADORA” da tua LÍDER CRIMINOSA DILMA ROUSSEFF a qual você prefere “mil vezes. Você é como toda meliante PETRALHA acha que quem não vota na ORGANIZAÇÃO CRIMINOSA PT como você vota no PSDB...Minha educação pra vocês está ótima para o nível de vocês, pobres coitados. Hahahahaha.

Internauta 42: Só me responda Sr, você é feito de que pra falar assim de pessoas que nunca viu??? Você é feito de desrespeito! Não respeita o pensamento do outro!. (Comentários 39 a 42 forma retirados do post do vídeo “Na avenida Paulista, em frente ao MASP [...]” (EL PAÍS BRASIL, 2016d).

A fala do internauta 39 apresenta sua necessidade em deixar claro aos seus interlocutores que ele não é “um miserável massa de manobra”, ou seja, que pertence a outro grupo, e que ele é inclusive melhor do que eles, como deixou claro ao dizer: “Minha educação pra vocês está ótima para o nível de vocês, pobres coitados”; ao mesmo tempo em que tenta desqualificar a condição dos outros em suas decisões, já que os chamou de “miseráveis massas de manobras” e tenta ofendê-los ao chamá-los de “pão com mortadela” – maneira que

chamam os trabalhadores, pessoas pobres, bem como os que defendem os governos Lula e Dilma.

As ofensas presentes nas postagens demonstram não apenas a dificuldade em conviver e respeitar o posicionamento do outro, mas uma resistência em escutá-lo, em aceitar que o outro também tem o direito à fala. A dificuldade e a recusa em dialogar com o outro são reforçadas pelo próprio Facebook, uma vez que a rede proporciona que os usuários se mantenham em suas bolhas, entre os iguais. Isso demonstra que ocorre no Facebook, o “discurso monológico, [que] em vez de dar lugar a um discurso dialógico, cindir-se-á em uma série de solilóquios, com os falantes não mais insistindo em ser ouvidos, mas se recusando também a escutar” (BAUMAN, 1998, p. 103), ou seja, o navegador publica o que quer e não importa se será ouvido, se haverá um outro interlocutor, o que importa é falar, e nesse caso, atacar.

Além das ofensas e tentativas de desqualificar e destruir o discurso do outro, há também em alguns casos incitação aos atos, a defesa do extermínio, da aniquilação do outro que discorda de seus ideais. Demonstrando a dificuldade do eu em conviver com o diferente e consequentemente de dialogar com o outro. Há, inclusive, alguns que defendem a morte e eliminação do outro, como neste comentário:

Internauta 43: Só o molotov salva. Ou um pau de arara nos comunas (Comentário retirado do post do vídeo “Manifestantes pró-impeachment comemoram o resultado da votação na Câmara” (EL PAÍS BRASIL, 2016c).

A defesa da aniquilação do outro, da tortura e da morte oferece algumas satisfações parciais das pulsões, pois esses internautas conseguem com seus comentários um reconhecimento em seu grupo, uma vez que seus amigos muitas vezes veem, curtem, compartilham e até postam comentários na página em que o amigo havia comentado, o que estreita laços entre eles. De certa maneira, os membros desses grupos se mantêm unidos inicialmente por compartilharem os mesmos ideais e pelo ódio que direcionam ao outro. Há ainda entre eles um gozo, pois ao ofender e humilhar o outro, através de provocações e falas ofensivas, sabem que podem estar causando mal-estar e sofrimento aos que são atacados. Além do fato de saberem que nada lhes acontecerá, visto que no Facebook podem publicar³⁸ e expressar quase tudo que quiserem. A “menor percepção de responsabilidade devido”, muitas vezes, à “sensação de anonimato e privacidade” faz com que muitos “se arrisquem mais”

³⁸ Na página do Facebook há uma orientação do que não pode ser publicado (FACEBOOK, 2017), contudo somente em abril de 2018, após denúncias do uso de dados de 87 milhões de usuários do Facebook, pela Cambridge Analytica, esta rede social deixou claro o que não deve ser publicado (CIDADE VERDE. COM, 2018).

(KALLAS, 2016, p. 56). As falas da “Marcha contra a Lei da Imigração” nós dão mostra desse discurso.

Internauta 44: SIM, SOMOS XENÓFOBOS E QUEM NÃO GOSTAR, VÁ PARA O INFERNO! TOLERANCIA É O ESCAMBAU! DANE-SE A TOLERANCIA.

Internauta 45: Não tem lugar pra essa raça maldita aqui no Brasil!!! [sic] Porque não deram a eles o mesmo tratamento cortando as cabeças dos mesmos!!

Internauta 46: Esses árabe fdp vem pra cá fazer merda / Malditos invasores de países. Tem que matar tudo. Não tem essa de ter compaixão, nem nada disso. É pau nos terroristas. (Comentários retirados do post do vídeo da Marcha contra a Lei da Imigração (DIREITA SÃO PAULO, 2017).

Esse discurso de ódio, de defesa da eliminação do outro, de certa maneira, mostra que para esses internautas o “[...] indivíduo existe pelo exercício predatório contínuo do corpo do outro, pois neste não é reconhecida a presença de uma singularidade que o habita” (BIRMAN, 1997, p. 229), ou seja, não há o reconhecimento da diferença do outro, pelo contrário, eles não veem nenhum problema em destruir e eliminar o outro, afinal, como dissera Birman (1997), para o indivíduo da pós-modernidade “o outro não importa”, e vale “[...] na medida em que pode ser um corpo a ser consumido e devastado para o gozo do indivíduo, sem que este se preocupe pelo desejo e pelos sentimentos do outro” (BIRMAN, 1997, p. 228-229). Vejamos mais um comentário da mesma página. Demonstra ainda o ódio do ser (LACAN, 1973/2008), o ódio “provocado pelo fato de o sujeito imaginar a existência de um ‘ser’, de uma pessoa na qual é suposto um saber mais perfeito” (CHEMAMA, 1993, p. 155), acompanhado pela abominação das condutas e intenções deste ser; a exemplo do ódio aos judeus por parte dos gentios³⁹; e no caso do Brasil, do ódio por parte de alguns internautas, aos imigrantes e refugiados que o país recebe.

Internauta 47: Enfia um crucifixo no rabo desses FDP...aqui, no maior país cristão do mundo, esses demônios não podem se criar não!!!. (Comentário retirado do post da Marcha contra a Lei da Imigração (DIREITA SÃO PAULO, 2017).

O internauta, em sua fala, parece se sentir ultrajado por alguns indivíduos se atreverem a vir, segundo ele, para o “maior país cristão”, reafirmando que esses não podem viver aqui, pois são criaturas demoníacas; revelando o quanto alguns cristãos, como ele, podem ser violentos, haja vista a sua fala. Parece ser contraditório, mas na verdade essa fala apresenta apenas a ambivalência de amor e ódio vivenciada por muitos indivíduos seguidores de grupos e seitas religiosas. Afinal esses aprendem em seus coletivos a amar o seu próximo, mas o

³⁹ CHEMAMA, Roland. (Org.). **Dicionário de Psicanálise**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995, p. 155.

próximo do seu grupo e a odiar o próximo, não tão próximo, aquele que não é do seu grupo (FREUD, 1921/1996). De acordo com Rocha (2017), no Brasil, nos últimos 15 anos, houve um aumento da intolerância religiosa; segundo Silva (2017), citado por Rocha (2017), antropólogo e pesquisador das religiões afro-brasileiras e casos de intolerância contra essas religiões, há um ataque de uma parcela de evangélicos contra as religiões afro-brasileiras. O autor sinaliza ainda que religiões de matriz africana sempre foram perseguidas, desde a Colonização à República, pela polícia, ou seja, o Estado que as perseguia, mas atualmente são indivíduos e grupos evangélicos que perseguem os praticantes das religiões de origem africana. “Agora pode ser seu vizinho. Alguém da família que se converteu para uma igreja evangélica” (SILVA, 2017 apud ROCHA, 2017, p.03), tornando ainda mais difícil a extinção de tal prática.

Há ainda os comentários que revelam não apenas o ódio aos estrangeiros, mas também ao governo que concorda com a vinda dos imigrantes, inclusive o pedido de intervenção militar, demonstrando mais uma vez que defendem o uso da coerção e violência a fim de terem seus ideais preservados, haja vista que os governos militares fazem uso do controle, da violência e do extermínio dos que ousam questionar o governo. É exatamente esse tipo de intervenção que os dois navegadores abaixo propõem, a fim de não conviverem com imigrantes em nosso país.

Internauta 48: Mano tem que começar a por esses fdps no lugar deles, quebrar na porrada e os caralhos. A porra do país é nosso. Já temos problemas demais pra tá aguentando problemas de fdps de fora e desse governo lixo que apoio isso.

Internauta 49: Se Temer não vetar, teremos que pedir intervenção. Intervenção Militar já!
(Os comentários 48 e 49 foram retirados do post sobre a Marcha contra a Lei da Imigração (DIREITA SÃO PAULO, 2017).

A defesa da exploração do outro, do uso da agressividade contra ele, a humilhação, o sofrimento, a tortura e até a morte do próximo são características que, segundo o pensamento freudiano, demonstram que os homens não são apenas indivíduos gentis que desejam ser amados e que podem defender-se quando atacados, eles são também indivíduos “cujos dotes instintivos deve-se levar em conta uma poderosa quota de agressividade. Em resultado disso, o seu próximo é, para eles, não apenas um ajudante potencial ou um objeto sexual, mas também alguém que os tenta a satisfazer sobre ele a sua agressividade, [...]” (FREUD, 1930a/1996, p. 116), como o revelado nesses posts.

Internauta 50:Índios são bandidos....

Internauta 51: Nada justifica essa crueldade que fizeram com os índios, minha gente isso é muito cruel, desumano, pavoroso. (Comentários referentes ao ataque ao grupo indígena no Maranhão, (MÍDIA NINJA, 2017).

Esses comentários foram retirados do post “Dezenas de fazendeiros e jagunços atacaram um grupo indígena, da etnia Gamela, decepando mãos com golpes de facão e ferindo à bala um número ainda desconhecido de índios”, divulgado na página do Mídia Ninja em maio de 2017. O fato aconteceu no Maranhão e sua notícia apresentou algumas discrepâncias. Segundo o Conselho Indigenista Missionário (CIMI), dez pessoas, entre indígenas e fazendeiros, foram feridas; mas segundo o Governo do Maranhão, foram cinco índios e dois fazendeiros.

Nesse caso, além da atrocidade cometida houve também uma polêmica gerada em torno do decepamento da mão de um dos índios, uma vez que o CIMI divulgou que um dos índios tivera a mão decepada e a Secretaria de Saúde do Estado contestou a informação, pois segundo o diretor técnico do Hospital Tarquínio Lopes Filho, Newton Gripp, o índio “teve lesões profundas por arma branca nos antebraços, mas não decepou as mãos dele”, pois “quando você fala decepar é você utilizar o facão e separar as partes da mão e isso não aconteceu. Com o corte houve penetração profunda e cortou osso, mas a mão ficou presa por estruturas musculares e tendões, pois o osso partiu.” A vítima apresentou ainda ferimentos por arma de fogo no tórax direito com fratura da costela. Um índio teve traumatismo craniano e outros, fraturas expostas causadas por espancamento (G1, 2017).

Bem, agora que esclarecemos de onde tiramos os comentários anteriores, vejamos mais alguns.

Internauta 52: Gente os homens brancos sempre atacando os indígenas. Lembra o caso Galdino incendiado em Brasília, os assassinos todos absolvidos.

Internauta 53: Índios? Melhor chamar de invasores! Nada justifica matar e mutilar as pessoas, mas tem que ser tratadas como o que são: invasores de propriedade particular!

Internauta 54: Os caras fizeram laboratório opinativo com a execução de nove sem-terra, viu que deu certo, as quadrilhas que se apresentam como imprensa brasileira deu sinal verde ignorando o caso. Agora vai ser assim. (Comentários referentes ao ataque ao grupo indígena no Maranhão, (MÍDIA NINJA, 2017).

Freud (1933b/1996), em mais uma de suas análises sobre o processo de civilização e vida em comunidade, afirmou que “cada indivíduo deve abrir mão de sua liberdade pessoal de utilizar a sua força para fins violentos” (FREUD, 1933b/1996, p. 199), e uma lei deve ser elaborada e instaurada para todos com o intuito de se conseguir um estado de equilíbrio na sociedade. Por outro lado, o autor sinaliza que na realidade “a situação complica-se pelo fato

de que, desde os seus primórdios, comunidade abrange elementos de força desigual [...] e logo, como consequência da guerra e da conquista, também passa a incluir vencedores e vencidos, que se transformam em senhores e escravos” (FREUD, 1933b/1996, p.199).

Os posts apresentados elucidam como em nosso país muitas situações são resolvidas à base de violência e agressividade; e como esse discurso e comportamento é aceito por uma parcela da população como uma maneira correta de se tentar solucionar os conflitos. De acordo com Jurandir Freire Costa (1988, p. 129), no Brasil há uma “cultura narcísica da violência”, que é “nutrida pela decadência social e pelo descrédito da justiça e lei”.

3.3 COMIGO NÃO

Durante as várias horas de navegação no Facebook, além do discurso de ódio contra o outro, da tentativa de ofender, humilhar e até das ameaças de alguns internautas (*“Falasse isso na minha cara ia rasgar tua cara seu imundo”*), vi que alguns que defendem o uso da violência parecem não se incomodar com ela, com atos agressivos ou de viver em um dos países mais violentos do mundo (HIDEG, 2017; PEREIRA, 2015). Apesar dessa triste realidade, alguns navegadores acreditam que jamais poderiam ser vítimas de atos violentos, pois creem ser diferentes dos que sofreram tais atos e supõem que ocupam lugares distantes desses, como podemos ver ao lermos alguns comentários na publicação do vídeo “Polícias Militares executam de forma explícita e a luz do dia duas pessoas que já se encontravam rendidas e desarmadas na comunidade da Pedreira (30/03/2017)” (REDE DE INFORMAÇÕES ANARQUITAS, 2017).

Internauta 55: Se foi algum vagabundo, se já matou pai de família por míseros reais então não fará falta. Tem que matar mesmo e antes que venham me dizer que todo mundo merece uma segunda chance me respondam onde por onde andas as segundas chances das pessoas inocentes que morrem todos os dias por causa de um celular?

Internauta 56: Podia ser vc?

Internauta 57: Não poderia ser eu não amigo, eu acordo cedo todos os dias pra ganhar o meu pão.

Internauta 58: Poderia ser você sim, é muita inocência achar que não. da tempo de apagar e repensar, como assim não faz falta? Não tem nada a perder? Maluco, usa o cérebro, podem ser pai de família, que entra pro crime, ou já está desde criança, porque desde criança viu o pai ou o tio, serem mortos, ou serem presos, ou serem esculachados, larga a mão de ser cansado pra pensar, tudo isso é uma bola de neve, vem lá dos antepassados irmão, pelo amor de Deus, pensa um pouquinho, são seres humanos, iguais nós dois, sacou? Você tem o direito de não gostar deles, porém, não deixa o seu ódio te dominar não, não se iguale aos impiedosos... paz pra você...

Internauta 59: Nem a justiça tem 100% de acerto das sentenças, nem de longe, e você acha que uma execução sumária como essa só atinge pessoas 'culpadas'?

Internauta 60: A questão não é o que vc acha certo ou não. Os policiais que fizeram são tão foras-da-lei quanto os que eles mataram. Se o Estado não cumpre a lei, que moral tem pra cobrar do cidadão? Vivemos na época da barbárie é isso? Está tudo liberado? Se eu acho que está certo, então um crime justifica o outro? Imagina se todo mundo começar a pensar que nem vc...

Internauta 61 :Essa é e continuará sendo a minha opinião, Abraços.

Internauta 62: Deus o livre de ser confundido com um traficante, ou vítima de uma bala perdida disparada por esses porcos fardados.

(Os comentários 55 a 62 foram retirados do vídeo que mostra dois PMs atirando em dois homens rendidos (REDE DE INFORMAÇÕES ANARQUISTAS, 2017).

Esse diálogo nos faz pensar no que Hannah Arendt, em *Eichmann em Jerusalém – um relato sobre a banalidade do mal* (1963/2013), comentou sobre o nazismo, sobre a participação de alguns judeus no próprio processo de aniquilação de outros judeus. De acordo com a autora,

[...] os membros dos Conselhos de Judeus eram, como regra, os líderes judeus regionalmente reconhecidos, a quem os nazistas davam enormes poderes – até eles também serem deportados para Theresienstadt ou Bergen-Belsen, se eram da Europa Central ou Oriental, ou para Auschwitz, se eram da comunidade da Europa Ocidental (ARENDR, 1963/2013, p. 134).

Esses judeus participaram da aniquilação de outros judeus numa tentativa, segundo eles, de diminuir o número de vítimas, no entanto, essa prática não fez com que o mal não acontecesse, mas que alguns conseguissem escapar dele (ARENDR, 1963/2013). Para a autora, o indivíduo, ao ser conivente com o mal, está legitimando essa ação e consequentemente pode vir a ser vítima também. O que Arendt (1963) nos fala pode causar certa perplexidade e até mesmo, medo. Contudo, se fizermos uma reflexão mais calma, cuidadosa e aprofundada, daremos conta de que a banalização do mal há muito existe em nossa sociedade, afinal, somos uma nação forjada a partir de uma sociedade escravocrata (FREYRE, 1933/2013; SCHWARCZ; STARLING, 2015). Uma sociedade na qual o escravo era objeto de seu dono e sofria todas as atrocidades cometidas por este. Mesmo após o período do escravismo, as relações sociais e econômicas continuaram influenciadas pelo passado escravista, como exemplo: a prisão de pessoas pobres e desempregadas no final do século XIX (BATISTA, 2018; DINIZ, 2012; SANTOS, 2004; OLIVEIRA, 2018). Os traços dessa origem está em cada um de nós, está em nossa forma de organização e funcionamento social; não a admitir, estudá-la e elaborá-la faz com que essas marcas pulsem sob a maquiagem de um povo que não é racista, não discrimina e que é tolerante (FREYRE, 1933/2013;

HOLANDA, 1936/1995). Mas, ainda que recobrem a maquiagem (BAUMAN, 1998), os traços originais insistem em aparecer.

A dificuldade em reconhecer e elaborar o passado histórico é tão grande que o governo brasileiro, somente em 2011, após ter sido “condenado no Tribunal Interamericano de Direitos Humanos e obrigado, [...] a finalmente proferir as leis que professava”, criou a Comissão Nacional da Verdade, para “produzir a reparação e o julgamento dos agentes de Estado torturadores e assassinos da ditadura de 1964” (AB’SÁBER, 2015, p. 101).

Daí vemos os comentários coniventes com a barbárie, com o assassinato do outro, do estranho, assim como a ideia de que por ser trabalhador e acordar cedo, esse internauta, não pudesse ser atingido pela violência. O que preocupa é sabermos que quando membros de uma sociedade são coniventes com atos de violência, com a suspensão do direito de defesa, e que já não creem na Justiça e na lei (COSTA, 1988), a violência se torna prática corriqueira e pode causar o que o outro navegador aponta: “Se o estado não cumpre a lei, que moral tem pra cobrar do cidadão? Vivemos na época da barbárie é isso? Está tudo liberado?”

Percebemos que alguns navegadores demonstram uma preocupação com a aceitação e, conseqüentemente, a legitimação do uso da força e violência sobre o outro, e uma preocupação em relação ao discurso de ódio, ao uso deste por parte de alguns, como o elucidado nesse comentário:

Internauta 63: O discurso de ódio está saindo das redes sociais e tomando o Brasil. A justiça fecha os olhos, não podemos deixar que isso aconteça. Esses mafiosos de extrema direita querem tomar o país através do terror, Bolsonaro é seu nome mais forte. (Comentário referente ao ataque ao grupo indígena no Maranhão (MÍDIA NINJA, 2017).

O Facebook e outras redes sociais on-line proporcionaram a visibilidade de um sentimento que já circulava entre alguns grupos sociais e possibilitaram que esses se encontrassem e divulgassem seu discurso pela rede; assim como também proporcionaram a visibilidade de outros discursos e o encontro de indivíduos que se propõem a agenciar outras falas, outros discursos e sentimentos. O discurso visto nas redes veio do mundo real e pode simultaneamente estar nas redes e nas ruas, afinal, vivemos uma “cultura da virtualidade real” (CASTELLS, 1999, p. 355), o virtual é real e faz parte da vida de milhares de pessoas.

Quanto ao fato de o discurso estar saindo da rede, isso pode realmente acontecer, afinal, ela já foi usada como meio mobilizador e aglutinador de movimentos sociais, como os da Tunísia, Espanha, Estados Unidos e Brasil em 2013; como os de 2015, contra a corrupção; e os de 2016, contra e a favor do pedido de afastamento da presidente Dilma Rousseff. O discurso de ódio, assim como outros discursos, podem ir para a rede, voltar às ruas e retornar às redes, afinal, como dissera Kranzberg (1985) comentado por Castells (1999, p. 81), “a

tecnologia não é nem boa, nem ruim, e também não é neutra”, ou seja, tudo depende do uso que o internauta faz de tecnologias como Internet e redes sociais-online.

Outro internauta acredita que o ato de violência contra os indígenas tenha sido cometido por conta do “efeito Bolsonaro”, ou seja, de uma autoridade política que dissemina e provoca o discurso de ódio em suas falas, como as proferidas por Jair Bolsonaro⁴⁰ em discurso na Hebraica do Rio de Janeiro em 03/04/2017 (ATIVISMO PROTESTANTE, 2017).

Internauta 64: Efeito Bolsonaro, tomaram coragem de agredir e mataram as pessoas. Estão se sentindo protegidos pelo discurso de ódio.

Internauta 65: Tá fumando maconha estragada?

Internauta 66: Fumado tá você. Seu discurso desorientado. Um homem que diz que indígenas não terão vez em seu ‘governo’ e que negros não sabem procriar?! Isso é discurso de ódio às minorias.

Internauta 67: Discurso de ódio legítima e inflama ações como essas.... A guerra existe há muito tempo, mas a bancada ruralista municiam esses jagunços man. (Comentários referentes ao ataque ao grupo indígena no Maranhão (MÍDIA NINJA, 2017).

Os membros de um grupo estabelecem vínculos emocionais com um líder a partir da identificação com ele (FREUD, 1921/1996), ou seja, sujeitos com dificuldades de reprimir sua hostilidade se identificam com líderes que defendem o ódio contra o outro. Ainda por conta dessa identificação e numa tentativa de imitar e agradar o líder, passam a praticar atos que possam satisfazê-lo. Nesse caso, a publicação de conteúdos agressivos em suas páginas e em outras páginas no Facebook para atacar virtualmente os que menospreza e odeia. Essa dificuldade em conviver e aceitar o estranho – que traz consigo outras maneiras de ver o mundo e a propensão a conviver apenas com aqueles que possuem algum traço em comum – se deve ao fato de que o “[...] ego narcísico só aceita um ‘outro’ que seja a reedição inflacionada de um traço de sua forma passada ou presente, isto é um outro idêntico” (COSTA, 1988, p. 120).

Internauta 68: Nossa sinto nojo de tanto discurso de ódio, bando de lixo. Esses doentes ainda apóia a liberação de armas né? Bolsonazis? ‘Óia o bandido ali, pá pá, matei, Bolsonaro vai ficar orgulhoso de mim’ Bando de retardado...(Comentário retirado do vídeo em que mostra dois PMs atirando em dois homens rendidos (REDE DE INFORMAÇÃO ANARQUISTAS, 2017).

⁴⁰ Jair Messias Bolsonaro, militar de reserva, deputado federal pela sétima vez, defende posições políticas conservadoras, apoia a ditadura, considera à tortura uma prática legítima e é um dos parlamentares mais influente nas redes sociais on-line (WIKIPEDIA, 2018). Profere discursos contra negros, mulheres, LGBTs, entre outros, como as declarações de ordem racista e fascista, proferidas na Associação Hebraica do Rio de Janeiro em 03/04/2017 (ATIVISMO PROTESTANTE, 2017).

Apesar de o comentário não concordar com o discurso de ódio e reconhecer que muitos se sentem à vontade para demonstrar sua agressividade, também acaba expressando sua hostilidade contra os “bolsonazis”. Como podemos ver, o ódio está presente em quem defende o uso de armas, assim como nos que não concordam com o discurso de ódio e o porte de armas. Na verdade, em todos nós, a questão é como lidamos com esse sentimento. Conforme a teoria freudiana, a regulação pulsional passa pelo investimento libidinal que o Eu consegue fazer (CUNHA, 2007), ou seja, a ligação com o outro pode se dar via amor, afeto ou ódio. Assim, em uma sociedade em que predomina a cultura do narcisismo, qual seja, a importância à individualidade, “as questões como amor, afeto e o desejo passam a ter pouca ou nenhuma relevância, na medida em que só se investe no outro se isso implicar um retorno engrandecedor para o eu do indivíduo” (BIRMAN, 1997, 228-229); o que dá margem para a desconsideração em relação ao outro, para a intolerância e ódio ao outro, estranho, que não pensa e age como ele. É a maneira como cada indivíduo se relaciona com o outro, com o coletivo, que estabelece suas relações amorosas, afetivas e como lida com suas frustrações; que faz com que alguns assassinem o outro, como os PMs e jagunços dos posts apresentados; xinguem, vociferem e ameassem, como vimos nos comentários; e outros, incomodados com a situação, tentem chamar a atenção para o aumento da agressividade e para a necessidade do fim dela, como neste comentário:

Internauta 69: [...] somos contra a barbárie [...]. (Comentário retirado do vídeo em que mostra dois PMs atirando em dois homens rendidos (REDE DE INFORMAÇÃO ANARQUISTAS, 2017).

Internauta 70: Nada justifica essa crueldade que fizeram com os índios, minha gente isso é muito cruel, desumano, pavoroso. (Comentário referente ao ataque contra o grupo indígena no Maranhão (MÍDIA NINJA, 2017).

Internauta 71: Vocês não tem compaixão! Matar as pessoas nem cachorro nem animal nenhum deve pagar os crimes de ganância pelo poder! Eu tenho filhos netos bisnetos amigos vizinhos não me conformo com tanta falta de Humanidade vou parar de ver essas coisas ruim!!! (Comentário retirado do post “Dilma pede punição aos responsáveis, diretos e mandantes de chacina que deixou 9 mortos em MT” (BRASIL247, 2017).

Os comentários *pró-impeachment* que sempre chamam os contrários ao processo de “vagabundos, marginais” e os mandam trabalhar; dos contra o golpe que chamam os *pró-impeachment* de “imbecil, direita terrorista, fascista”; o comentário em que o indivíduo, por ser trabalhador, pensa que jamais sofreria uma violência da PM; os comentários de alguns no posts da chacina dos nove assentados em Colniza (MT) e do ataque aos índios no Maranhão; expõem mais uma vez a dificuldade em escutar o outro, em aceitar e conviver com a sua

alteridade. A alienação em sua imagem e a do seu grupo faz com que muitos se vejam em posições distintas e distantes do seu colega e ou das vítimas de uma das situações de barbárie postadas, a ponto destes, não perceberem que vivem no mesmo país, na mesma região; apesar de ser trabalhador ou da elite, ambos viverão direta e ou indiretamente as consequências desse processo de pedido de afastamento e consequentemente das políticas implantadas por quem estiver no governo; claro que com algumas diferenças, visto que no Brasil quem mais sofre as ações de violência e repressão são os indivíduos que pertencem às classes pobres e miseráveis (CERQUEIRA, 2017). Em relação aos posicionamentos políticos, a dificuldade é tão grande em aceitar a discussão das ideias que, após termos vivido por 21 anos em uma Ditadura Militar, vimos grupos que pediam a intervenção militar e a volta da ditadura. A dificuldade e até recusa em lidar com o outro, exibidas nos comentários e nas ruas, não são particularidades de agora, na verdade, fazem parte e estão entranhadas no processo de constituição de uma parcela da população brasileira (RIBEIRO, 1995).

Internauta 72: Quando eu falo que o Brasil não está evoluindo, mas sim regredindo à barbárie da Era Colonial e da Era Medieval, meus parentes, amigos, conhecidos... todo mundo fica bravinho comigo, me repreendendo, etc. etc....

Internauta 73: Também parece que no meu meio só eu vejo essas atrocidades e classifico assim. Pros outros eu vejo que isso é normal...Sabe não sinto passar pela cabeça deles o sentimento de empatia, como se índio não fosse gente. (Comentários coletado no post sobre o ataque aos indígenas no Maranhão (MÍDIANINJA, 2017).

O navegador, ao revelar a recusa do outro em escutá-lo quando fala sobre as atrocidades que acontecem e sobre a sensação de que a sociedade brasileira não está evoluindo, assim como o outro, ao mostrar seu espanto ao perceber que “as atrocidades pros outros” é vista como normal e que parece que apenas ele fica incomodado com tais ações, expõem mais uma vez o quanto podemos estar perto do mal e não nos darmos conta, afinal, como fora demonstrado por Hannah Arendt (2013), os que participaram e defenderam o Nazismo “não eram pervertidos, nem sádicos, mas muitos eram e ainda são terrível e assustadoramente normais” (ARENDR, 1963/2013, 299). Os que defenderam o pedido de afastamento em 2016, assim como os que defendem o assassinato de bandidos, assentados rurais e índios, também não eram perversos, eram pessoas que se nomeavam “trabalhadoras, ordeiras”, que tem em comum o menosprezo e o ódio aos pobres (SOUZA, 2016), e o desprezo com a desigualdade social (CHAUÍ, 2016), mas que acreditavam, e muitos ainda acreditam, estar fazendo o melhor pelo país.

3.4 FALANDO APENAS COM OS “IRMÃOS”

Como é permitido publicar no Facebook quase tudo o que se quer, da maneira que se deseja – havendo, inclusive, um discurso que afirma que vê quem quer, quem não quer que não siga, que não veja o que está sendo publicado –, há nessa rede um reforço ao diálogo apenas entre os ideologicamente alinhados, sem abertura à interlocução com o outro. Os comentários a seguir ilustram um pouco desse movimento de manter-se sempre entre os mesmos, a recusa em conviver com a alteridade do amigo virtual, que inclusive, às vezes, é um amigo para além das redes; nos mostram ainda a contrariedade de muitos ao verem que seu amigo não concorda com suas opiniões, e que possui um posicionamento político que difere do seu.

Internauta 74: FACISTA HOMOFÓBICO NA PUTA QUE O PARIU! (FACEBOOK, 2016).

Internauta 75: CONTINUO EXCLUINDO OS ESQUERDOPATAS E ANTI-BOLSONAROS SE QUISEREM ADIANTAR-SE ME EXCLUA ANTES QUE EU DESCUBRA SEM MAIS DELONGAS.... FODA-SE (FACEBOOK, 2017).

Internauta 76: Vou entupir sua página de Jair Messias Bolsonaro, anti- Pt-PMDB etc SIM! Acha opressor as minorias? Me acha babaca? Me exclui aí, vou ficar grata pela sua proatividade! Enquanto essa palhaçada não acabar, vai ser assim. Um bjo a tods (FACEBOOK, 2017).

Internauta 77:Acabei de excluir 17 “amigos”, que curtem a página do Bolsonaro... o pior que a maioria são negros! Vai curtir página de RACISTA (FACEBOOK, 2017).

Internauta 78: Tb tenho faxinado o meu face! Não admito fascismo na minha time line (FACEBOOK, 2017).

Em situações como as descritas nesta pesquisa, em que muitos navegadores deixam claro o que pensam e o que defendem, o internauta percebe que alguns de seus amigos, com os quais se identificava e mantinha um vínculo, na verdade, não é assim tão parecido com ele. Jacques Lacan (1949), assim como Sigmund Freud (1920, 1923/1996), acreditavam que o eu se constitui através de uma multiplicidade de identificações, que transcorrem ao longo da vida do sujeito, de acordo com a história do mesmo, no entanto o primeiro enfatiza que há um engodo nestas identificações, uma vez que a identificação, formada a partir do Estádio do espelho ocorre a partir da alienação na imagem e é marcado pelas “fantasias que se sucedem desde a imagem despedaçada do corpo até uma forma de sua totalidade que chamaremos de ortopédica” (LACAN, 1949/1998, p. 100). Assim, a constatação de que o amigo virtual, não

pensa e não defende as mesmas ideias e ideais, pode gerar um embaraço, uma decepção e até mesmo a recusa em conviver com este, como podemos ver nos próximos comentários.

Internauta 79: Ando fazendo uma limpeza no meu perfil do facebook e não quero saber de opinião de coxinha e depravado. Aliás opinião todo mundo é importante que tenha. Agora a pessoa vem no seu perfil na maior falta de respeito, mesmo sabendo do seu posicionamento político, ainda é capaz de tentar te convencer de que Lula é bandido. Além domais essas pessoas apostam no ódio, querem atizar a brasa de qualquer maneira. Julgam sem saber da realidade dos fatos. Querem que eu concorde com a Globo. Querem que eu mesmo não sendo leitor da Veja que eu acredite nela. Mas nem a pau. Por isso estou mandando esse povo lá pra aquele lugar, pra junto do Trump que lá vão se sentir satisfeitas e felizes (FACEBOOK, 2017).

Internauta 80: Já aceitei solicitação de pessoas no meu face exatamente porque eram amigas de pessoas como vc Antônio e Pedro, mas são pessoas que não merecem minha amizade. Não que eu seja a favor de pensamento único, mas são pessoas que sabem minha posição, mas não consegue respeitá-la. Inclusive vêm xingar o Lula no meu perfil. São pessoas q não conseguem pensar sequer com um lado do cérebro. Vou fazer o mesmo q vc e dar um limpa no meu. Não quero contato com essa gente...vá procurar seus ídolos – Aécio, Moro, Gilmar Mendes, Serra, enfim, os arrecadadores de grana em quermesse de Igrejas, os santos do pau oco, os moralistas sem moral, etc... (FACEBOOK, 2017).

Esse último comentário mostra que seu autor aceitou algumas solicitações de amizade, porque se tratavam de amigos de seus amigos, pessoas a quem tem uma certa consideração. Contudo, ao ver um desses desfazendo amizades, esclareceu que também iria seguir seu exemplo.

Os posts a seguir expõem mais uma vez como alguns usuários do Facebook estabelecem suas relações na página, bem como a continuidade desses vínculos.

Internauta 81:Estou dando um limpa em minha página e desfazendo algumas amizades ou, gostaria de informar que estou excluindo alguns amigos da minha página. Caralho, preciso limpar o face, qm for anti Bolsonaro já exclui ai, se n for excluir, favor n ficar chorando nos posts. nós (FACEBOOK, 2017).

Primeiro, o internauta exclui os amigos virtuais e as conversas on-line com que discorda, depois começa a proibir nos grupos de WhatsApp⁴¹ e encontros familiares as conversas sobre política, temas polêmicos como aborto, homossexualidade, entre outros. Mas e depois? O que virá a seguir? Esse não é o tema desta pesquisa, mas fica o alerta, pois como já apontamos ao longo deste trabalho, quanto mais preocupado consigo, “[...] quanto mais constituímos as nossas comunidades sem relação com o exterior, mais cultivamos o ódio em nome do amor [...] (DIAS, 2012, p. 36) e inviabilizamos, assim, qualquer possibilidade de convívio com o diferente e, inclusive, passamos a conceber esses diferentes como inimigos (BIRMAN, 2010; FREUD, 1921/1996).

⁴¹ WhatsApp é um aplicativo de mensagens instantâneas para smartphones [modelo de ‘celular inteligente’ com tecnologias avançadas] (CCM, 2017).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É preciso que a gente ame para que a gente não adoça
(FREUD, 1914d/1996).

Chego ao final deste trabalho com o desejo de continuar a estudar sobre o Brasil, a política, a economia e a cultura do país e consequentemente os brasileiros, seus vínculos afetivos, seus liames sociais e claro as relações sociais via redes sociais on-line. Como essas redes sociais tem provocado mudanças nos sujeitos, nas suas relações, na organização e mobilização social e política. Outra questão que me chama a atenção refere-se as publicações de assuntos considerados outrora de caráter privado nas redes, no meio público. Essas questões, mostram que ainda há muito o que se pesquisar sobre as redes sociais on-line e seus usuários.

Acompanhar o processo político de pedido de afastamento da presidente Dilma Rousseff me faz somar aqueles que gritaram e ainda gritam “Golpe!”, uma vez que concordo com esses quando dizem que o que aconteceu em 2016 foi um golpe organizado por uma parcela de políticos, meios de comunicação tradicional brasileiro e pelas elites dominantes, apoiada por uma parcela de brasileiros das classes média e trabalhadora. A presidente Dilma foi deposta por realizar as pedaladas fiscais, uma prática que ocorre desde o governo de Fernando Henrique Cardoso (AMORA, 2015), contudo este, assim como o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que também realizou tal prática, não tiveram suas contas reprovadas e não sofreram nenhum pedido de impeachment. Os senadores que aprovaram o golpe são os mesmos que nunca questionaram a prática das pedaladas fiscais nos governos anteriores e que, dois dias após o Golpe, aprovaram a lei que flexibiliza o uso de créditos suplementares sem a autorização do Congresso Nacional (IG, 2016).

No período de pedido de afastamento da presidente Dilma, o discurso de ódio foi fomentado e atrelado ao discurso de insatisfação, insegurança, e capitaneado pelas elites dominantes (CLETO, 2016; SOUZA, 2016), que possui o controle das mídias tradicionais (LOPES, 2016) para conseguir uma legitimação popular ao processo de afastamento aprovado pelo Congresso e Senado. Esse movimento ganhou grande proporção a partir da cobertura dos meios de comunicação tradicionais e digitais, das redes sociais, em especial o Facebook, que em sua forma de funcionamento privilegia a formação de bolhas, e consequentemente favorece que não se conheça outros grupos, outras posições políticas, culturais, dentre outras. Essas elites mobilizaram mais uma vez os afetos (CLETO, 2016) e conseguiram, assim,

realizar o Golpe de Estado de 2016. Se em 1964 o medo foi o afeto usado para mobilizar e conseguir apoio para a instauração de um regime militar (PRESSOT, 2014), agora, foi o ódio, o afeto que levou milhares de pessoas às ruas em defesa do Golpe. Neste momento político, vimos o retorno do velho discurso contra a corrupção, do conservadorismo e moralismo (SOUZA, 2016) nas redes e nas ruas, a serviço da restauração da “ordem e o progresso” (CHAUÍ, 2016, p. 22). E reafirma o que foi ilustrado por Darcy Ribeiro (1995) quando afirmou que as elites brasileiras nunca aceitaram qualquer mudança na estrutura social do país, e ainda hoje não aceitam (SOUZA, 2016). A simples ideia de qualquer tipo de mudança na estrutura social sempre causou medo e sempre foi combatida com ações violentas, prova disso foram os 21 anos de ditadura militar e os contínuos assassinatos de militantes⁴², ativistas políticos⁴³ que lutaram por um país melhor. A recusa em aceitar dividir não apenas os espaços (shopping, universidades, aeroportos), mas também os “verdadeiros privilégios de classe”⁴⁴ (SOUZA, 2016, p. 84), provocou uma explosão de sentimentos.

A distância mantida entre as classes sociais, por meio de condomínios (DUNKER, 2015), que no caso do Brasil mantém o modelo casa grande - senzala (FREYRE, 1933/2013), do espaço antes tido como exclusivo para alguns (SOUZA, 2016), parece se repetir no Facebook; como dissemos no capítulo um, além dos navegadores se aproximarem e manterem amizades, muitas vezes, apenas com aqueles com quem já mantêm um vínculo (LEVY, 2011) ou com aqueles que se identificam e compartilham dos mesmos ideais (FREUD, 1921; BAUMAN, 1998; BIRMAN, 2017; LASCH, 1983), a rede, por meio do algoritmo, reforça as bolhas sociais on-line, ou seja, reforça o convívio virtual entre aqueles que compartilham o mesmo discurso, seja ele de amor ou de ódio, de certa forma reafirmando a distância que já havia a partir dos condomínios. Esse convívio apenas com os que parecem ser semelhantes, isto é, de mesmo status social, posição política, credo, dentre outros, reforça e dificulta o convívio com o outro, com aquele que apesar das semelhanças apresenta diferenças.

Através desta pesquisa foi possível constatar também, que o Facebook, no período do Golpe, foi usado como meio de organização e divulgação de atos a favor e contra o pedido de afastamento da então presidenta Dilma Rousseff, assim como para divulgar as posições de

⁴² Assassinato de Marielle Franco, vereadora do PSOL no Rio de Janeiro e seu motorista em 14/03/2018 (G1, 2017).

⁴³ Segundo relatório da Anistia Internacional divulgado em 2017, o Brasil é o país das Américas que mais mata defensores dos direitos humanos. Em 2016, 66 ativistas foram assassinados e até agosto de 2017 foram assassinados 58 ativistas (VILELA, 2017).

⁴⁴ Uma vez que uma parcela da classe média assim como a classe alta têm interesse na “permanência de baixos salários para os pobres”, assim como sempre defenderam a distância física e social das classes populares (BATISTA, 2018; DUNKER, 2015; SOUZA, 2016) e a ideia de que esses que ascenderam socialmente nos últimos anos pudessem tomar seu lugar.

ambos os grupos, bem como de muitos internautas usuários dessa plataforma. Acredito que a escolha dessa rede se deva à facilidade de acesso, visto que o Facebook é acessado em sua maioria a partir de aparelhos celulares⁴⁵(COELHO, 2018) e do seu sucesso entre os brasileiros, uma vez que é a segunda rede social on-line mais acessada entre os internautas brasileiros, perdendo apenas para o YouTube (COELHO, 2018). Soma-se a isso o fato de muitos usuários acreditarem que seus conteúdos não sofrerão nenhuma restrição pela plataforma (KALLAS, 2016). Talvez se deva também ao fato de a página reafirmar o comportamento de se manter nas bolhas, ou seja, nos condomínios (DUNKER, 2015), na separação entre os grupos sociais que existem na sociedade brasileira, na dificuldade do indivíduo em lidar com o narcisismo das pequenas diferenças (FREUD, 1930a/1996). Parece-me que o Facebook apenas potencializou esse comportamento e facilitou o encontro entre os indivíduos de interesses afins. Claro que é possível perceber também que essa rede foi ocupada pelos movimentos sociais como um todo, de “conservadores” a “progressistas”, de “direita” à “esquerda”, fato que deu maior visibilidade às contradições e antagonismos presentes em nossa sociedade; por outro lado, não viabilizou o diálogo entre “coxinhas” e “petralhas”, e entre esses e os que não aceitavam ser nomeados e nem se identificavam com nenhum desses grupos, afinal, o Brasil, não se resume a apenas dois grupos, à polarização.

Ainda sobre o Facebook. Quando finalizava estas considerações, fui surpreendida pelos posts do Movimento Brasil Livre (MBL)⁴⁶, que divulgava em sua conta no Facebook e Twitter, que as páginas de “diversos coordenadores do MBL” foram desativadas pelo Facebook⁴⁷ (HAYNES, 2018, p. 01). Apesar de a página do MBL continuar on-line, os membros desse grupo receberam com indignação a ação da plataforma, protestando nas redes sociais on-line e na frente da sede do Facebook no Brasil (UOL, 2018). De acordo com o Facebook, a plataforma havia apenas “desativado 196 páginas e 87 contas no Brasil por sua participação em uma ‘rede coordenada que se ocultava com o uso de contas falsas no Facebook, e que escondia das pessoas a natureza e a origem de seu conteúdo com o propósito

⁴⁵ O Brasil é o terceiro no ranking de quem passa mais tempo na internet; 66% da população tem acesso à internet e 62% está conectada através das redes sociais, ou seja, 130 milhões de brasileiros, e desses, 92% acessam a rede através do celular (COELHO, 2018)

⁴⁶ MBL: “grupo ganhou destaque ao liderar protestos em 2016 pelo impeachment da então presidente Dilma Rousseff com um estilo agressivo de política online que ajudou a polarizar o debate no Brasil” (HAYNES, 2018).

⁴⁷ Essa ação do Facebook, demonstra mais uma vez, uma das dificuldades em se estudar as redes sociais on-line, assim como os conteúdos publicados nessas, visto que as redes apresentam um caráter efêmero de constante mudança. O pesquisador precisa estar ciente de que páginas e conteúdos publicados podem ser apagados, retirados das plataformas em que foram publicados a qualquer momento, assim como a própria rede social pode mudar sua forma de funcionamento durante a pesquisa, como ocorreu no Facebook, em que foram anunciadas mudanças em 2018 – a página iria dar mais espaço à conteúdo de amigos e familiares – mas que foram deixadas de lado (SANTANA & ROVAI, 2018; UOL, 2018).

de gerar divisão e espalhar desinformação””(HAYNES, 2018, p. 01), ou seja, a página do MBL não foi desativada, mas apenas as páginas em que os perfis envolvidos eram falsos ou enganadores, violando a política de autenticidade do Facebook⁴⁸ (HAYNES, 2018). É possível entender a recusa desses, pois não se tratava da desativação de algumas páginas, mas de uma rede que atua politicamente, que representa o conservadorismo brasileiro e propaga notícias falsas, o discurso de ódio aos partidos de esquerda, contra negros, homossexuais, dentre outros (COUTINHO, 2017) e que é seguida por meio milhão de internautas (HAYNES, 2018).

Essa ação do Facebook, somada a reação do MBL demonstra que a Internet, as redes sociais on-line, o Facebook, foi e é usado pelos membros do MBL, como uma ferramenta para alcançar fins políticos e econômicos, pois não se consegue ter tantas páginas falsas⁴⁹ gratuitamente - esse serviço é financiado por alguém e ou algum grupo - e reafirma o que disse no início dessas considerações - o discurso de ódio foi e é usado politicamente no Brasil. Afinal a quem interessa manter uma rede que dissemina desinformação e discursos de ódio, agressividade e xenófobos?

Sobre os comentários recolhidos e analisados, vimos que alguns internautas, trabalhadores que defendiam o *impeachment*, não reconheciam os que eram contra o golpe como trabalhadores e sempre os nomeavam de “vagabundos”. O não reconhecimento do posicionamento do outro, de sua diferença, apesar das semelhanças, contribui para a manutenção do distanciamento. Essa distância mantida inicialmente por meio da exclusão do outro, que não é aceito por causa dos seus posicionamentos, do grupo de amigos virtuais pode vir a dar margem não apenas a um afastamento, mas também para uma recusa de diálogo e, conseqüentemente, de convívio social para além das redes on-line.

A ambivalência dos afetos de amor e ódio, descritos por Freud (1915a/1996) no processo de subjetivação do sujeito e que aparecem nas relações que o indivíduo estabelece ao longo da vida, também ocorrem em relação a um governo e a um partido. Enquanto alguns amam e defendem o PT, outros o odeiam. Contudo, não há apenas dois grupos. Esse processo mostrou que muitos dos que foram às ruas não aprovavam tudo que o governo do PT havia feito nos últimos anos; que havia pessoas que teciam suas críticas, no entanto, defendiam a

⁴⁸ Essa ação do Facebook faz parte das novas ações prometidas por Marck Zuckerberg, desde que falou no início do ano no Parlamento Europeu, quando questionado sobre o uso de sua plataforma nos processos eleitorais. Zuckerberg, na época, afirmou que a prioridade da plataforma era “impedir que qualquer um consiga interferir em uma eleição, como os russo fizeram na corrida eleitoral dos Estados Unidos em 2016” (G1.COM.BR, 2018).

⁴⁹ No capítulo dois, comentei sobre o uso das páginas falsas, que ocorre desde 2012, com o intuito de conseguir apoio para aprovação de projetos políticos, a eleição de alguns candidatos em 2014, bem como ataques aos inimigos desses (GRAGNANI, 2017).

democracia, o respeito e reconhecimento a um mandato legitimamente conquistado nas urnas (MELLO, 2016). Apesar de tentarem viabilizar outro discurso, o de crítica ao governo, mas de continuidade ao processo democrático, esses, não foram ouvidos.

Em outros comentários, percebemos que alguns internautas, apesar de não aceitarem e não concordarem com o discurso de ódio, também proferiam em seus comentários ódio ao outro, demonstrando como a agressividade que trazemos conosco encontra meio de satisfazer a pulsão da qual representa (FREUD, 1905a/1996, 1921/996, 1923a/1996, 1930a/1996); bem como, fica explícito como é difícil abrir mão de uma parcela de satisfação e como é difícil aceitar a alteridade do outro.

Em relação aos posts em que divulgavam situações de violência e barbárie, percebemos nos comentários desses, uma aceitação da eliminação, do assassinato do outro, e a defesa entre alguns internautas, do uso da força para resolver algumas situações sociais, política e de segurança. Entre essas postagens havia aqueles que diziam estar longe dessa situação e que acreditavam que jamais poderiam passar por situação semelhante, uma vez que se viam em seu imaginário como indivíduos muito diferentes dos que foram assassinados e que sofreram os atos de violência, demonstrando a convivência com a banalidade do mal (ARENDT, 1963/2013). Houve também aqueles que queriam apenas falar, sem se preocupar com interlocutores (BAUMAN, 1998), e ainda os que chamaram atenção para o discurso de ódio e para a necessidade de falarmos sobre ele a fim de que esse discurso não se propagasse, ou seja, os que acreditam na importância de um diálogo, da não aceitação dos fatos prontos e acabados: *“A questão não é o que vc acha certo ou não. Os policiais que fizeram são tão foras-da-lei quanto os que eles mataram. [...]. Vivemos na época da barbárie é isso? Está tudo liberado? [...]. Imagina se todo mundo começar a pensar que nem vc...”* (comentários no post de vídeo na Rede de Informação Anarquista, 2017). Apesar disso, nem sempre conseguiam estabelecer um diálogo e a reflexão sobre o assunto no momento da postagem. Mas talvez pelo fato de pontuarem ao outro sobre o seu posicionamento possam ter causado, posteriormente, algum efeito. No entanto isso não é possível ser dimensionado neste trabalho.

Manter-se em bolhas on-line, viver fechado em condomínios ou excluído em favelas significa potencializar os afetos de amor e ódio que cada um traz consigo. Dar amor apenas para os de seu grupo, da sua bolha, e externalizar o ódio contra o estranho, contra quem não pertence ao seu grupo (FREUD, 1921/1996), provoca um acirramento cada vez maior no convívio entre o povo brasileiro. Isso significa que se há o discurso de ódio e, por conseguinte, o reforço ao convívio em grupos distintos e em bolhas, é por que há ganhadores

com o agenciamento desse discurso, com essa maneira de vínculo social. No caso do Brasil, os que ganham com esse discurso são aqueles que historicamente sempre ganharam com as dificuldades e desgraças vividas pelo povo, que sempre se aproveitaram e aproveitam da situação econômica e política do país, ou seja, as elites dominantes (PRADO JÚNIOR, 1942/1981; RIBEIRO, 1995; SOUZA, 2015; SOUZA, 2017).

Penso que nosso maior desafio seja sairmos de nossas bolhas e convivermos com o outro, com os estranhos; apesar do ódio e até mesmo do medo, nos permitirmos experimentar por meio do convívio com esse outro, novos sabores, novas músicas, outras concepções de política, organização social, reconhecendo e respeitando suas diferenças, assim como tendo as nossas respeitadas e reconhecidas, viabilizando outras maneiras de vínculos afetivos. Usarmos a potencialidade da pulsão de morte (BIRMAN, 2017) a serviço da pulsão de vida, direcionando os impulsos agressivos para a elaboração de outros discursos. Como o discurso de ódio, sustentado no desejo do sujeito em “de destruir o que lhe parece injusto ou intolerável” (DIAS, 2012, p. 12).

Acredito que o maior desafio será em viabilizar um discurso que nos tire das polarizações; é importante que haja um lugar de fala e de escuta, em que consigamos aceitar que o semelhante é sempre um semelhante na diferença (KEHL, 1996), para criarmos uma saída para a atual situação afetiva, política, econômica e social na qual nos encontramos.

Claro que teremos que lidar com alguns conflitos, porém, é preferível o conflito, as discussões, a posicionamentos extremistas. Pois nos conflitos podemos encontrar saídas pelo discurso, pela via da palavra (KOLTAI, 2017), diferente do que ocorre quando se mantém fechado em grupos, em situações de extremidades, em que o discurso muitas vezes é substituído por atos. Já vimos o que pode acontecer quando vivemos em situação de polarizações (ARENDT, 1963/2013; NAPOLITANO, 2013), daí defendermos a ideia da escuta, da palavra, da elaboração de outros discursos, do agenciamento de nossos afetos de uma nova maneira, a fim de provocar a criação e a elaboração de outros discursos, outras maneiras de funcionamento político, econômico (SAFATLE, 2016), e, por conseguinte, outras formas de funcionamento da sociedade e das redes sociais on-line.

REFERÊNCIAS

- AB’SÁBER, Tales. Ordem e violência no Brasil. In: KUCINSKI et al. **Bala Perdida: a violência policial no Brasil e os desafios para sua superação**. São Paulo: Boitempo, 2015.
- AGRELA, Lucas. Os 50 sites mais acessados do Brasil. **Revista Exame**. 20 de jun. de 2017. Disponível em: < <https://exame.abril.com.br/tecnologia/os-50-sites-mais-acessados-do-brasil-e-do-mundo/#>>. Acesso em 21 jun. 2017.
- ALDABRA. **O que é uma fanpage**. Disponível em: < <https://www.aldabra.com.br/artigo/o-que-e-uma-fanpage>>. Acesso em 21 de nov. de 2016.
- ALENCAR, Felipe. O que é Instagram. **Techtudo**. 9 de fev. de 2016. Disponível em: < <http://www.techtudo.com.br/dicas-e-tutoriais/noticia/2016/02/o-que-e-o-instagram.html>>. Acesso em 12 de ab. de 2018.
- ALTHUSSER, Louis. Freud e Lacan. In: **Freud e Lacan: Marx e Lacan**. Rio de Janeiro: Graal. [1964] – 1991. p.
- AMARAL, Roberto. Imprensa e controle da opinião pública (informação e representação no mundo globalizado). In: MOTTA, Luiz G. (Org.). **Imprensa e Poder**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002. p. 75-102.
- AMORA, Dimmi. Manobras fiscais na Caixa cresceram no governo Dilma. **Folha de S. Paulo**. 26 de abr. de 2015. Disponível em: < <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2015/04/1621205-manobras-fiscais-na-caixa-cresceram-no-governo-dilma.shtml>>. Acesso em 22 de ago. de 2017.
- ARAÚJO, Thiago de. Polícia brasileira é a que mais mata no mundo, diz relatório. **Revista Exame**. Disponível em: < <https://exame.abril.com.br/brasil/policia-brasileira-e-a-que-mais-mata-no-mundo-diz-relatorio/>>. Acesso em 02 de nov. de 2017.
- ARENDT, Hannah. (1963). **Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal**. Tradução: José Rubens Siqueira. 16. ed. São Paulo: Companhia das Letras. 2013.
- ARIAS, Juan. O El País é um jornal de esquerda? **El País Brasil**. 22 de fev. 2017. Disponível em: < https://brasil.elpais.com/brasil/2017/02/22/opinion/1487788532_309244.html>. Acesso em: 22 fev. 2017.
- BARBIERI, Natália A.; SARTI, Cynthia Barbieri. **Psicanálise e antropologia: diálogos possíveis**. 28 de jan. de 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142011000100004. Acesso em: 05 mar. 2017.
- BARBOSA, Bia; MARTINS, Helena. Os atos pró-democracia e a narrativa do golpe na grande mídia. **Revista Carta Capital**. 21 de mar. de 2016. Disponível em: < <https://www.cartacapital.com.br/blogs/intervozes/os-atos-pro-democracia-e-a-narrativa-do-golpe-na-grande-midia>>. Acesso em: 25 de maio de 2016.
- BARROS, Thiago. Como usar o Facebook Messenger? Veja como aproveitar o máximo do chat. **TechTudo**. 18 de ago. de 2014. Disponível em: < <http://www.techtudo.com.br/dicas-e-tutoriais/noticia/2014/08/como-usar-o-facebook-messenger-veja-como-aproveitar-ao-maximo-o-chat.html>>. Acesso em 12 ab. 2018.

BATISTA, Vera Malaguti. **Rio de janeiro**: lugar e controle social. Disponível em:<<http://www.cnj.jus.br/files/conteudo/arquivo/2016/02/606658aa6b94589ac7ec7bfeec1aaa90.pdf>>. Acesso em: 21 de mar. de 2018.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BELUZZO, Luiz Gonzaga de M. Democracia na América. **Folha de São Paulo**. 24 de ago. de 2000. Disponível em:<<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz2408200009.htm>>. Acesso em: 21 de ago. de 2017.

BERTOLT, Brecht. Nada é impossível de mudar. **Consciência** (site). Disponível em:<<http://www.consciencia.net/artes/literatura/brecht.html>>. Acesso em 31 de out. de 2017.

BIRMAN, Joel. **Estilo e modernidade em psicanálise**. São Paulo: Editora 34, 1997.

_____. Governabilidade, força e sublimação: Freud e a filosofia política. **Revista Psicologia USP**: São Paulo, jul./set., 21(3), 2010, 531-556. Disponível em:<<http://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/42058>>. Acesso em 15 de jan. 2018.

_____. et al. (Orgs.). **A fabricação do humano**: psicanálise, subjetivação e cultura. 1. Ed. São Paulo: Zagodoni, 2014.

_____. **As pulsões e seus destinos**: do corporal ao psíquico. 5ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

BLEGER, José. **Temas de Psicologia**: entrevistas e grupos. Tradução: Rita Maria M. de Moraes; revisão Luís Lorenzo Rivera. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BOITO JR, Armando. Os atores e o enredo da crise política. In: JINKINGS, Ivana; DORIA, Kim; CLETO, Murilo. (Orgs). **Por que gritamos golpe?** - para entender o impeachment e a crise política no Brasil. 1. Ed., São Paulo: Boitempo, 2016. p. 23-30.

BOLSA FAMÍLIA. **Auxílio-gás**. Disponível em:<<http://bolsa-familia.info/bolsa-escola.html>>. Acesso em 23 de abr. de 2018.

BOLSA FAMÍLIA. **Bolsa Escola**. Disponível em:< <http://bolsa-familia.info/bolsa-escola.html>>. Acesso em 23 de abr. de 2018.

BOLSONARO faz discurso de ódio no Clube Hebraica. 05 abr. 2017. Disponível em:<<https://www.youtube.com/watch?v=zSTdTjsio5g>> Acesso em: 05 de abr. de 2017.

BORGES, Rosane. A bolha do Facebook e a astúcia do capitalismo. **Revista Carta Capital**. 19 de out. de 2016. Disponível em:< <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/a-bolha-do-facebook-e-a-astucia-do-capitalismo>>. Acesso em 19 de out. de 2016.

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. (2012a). Os três ciclos da sociedade e do Estado. In: (ORG.). Perspectivas. **Revista de Ciências Sociais**. Universidade Estadual Paulista / UNIFESP. São Paulo, V.41. jan. – jun. 2012. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/perspectivas/article/view/5625>>. Acesso em: 09 de abril de 2018.

_____. Brasil, sociedade nacional-dependente. **Novos estudos CEBRAP**. N. 93. São Paulo, jul. 2012b. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002012000200008>. Acesso em: 09 de abril de 2018.

BROIDE, Jorge. A psicoterapia psicanalítica na rua realizada através de grupo operativo: a rua enquanto instituição das populações marginalizadas. In: **Psicologia: Ciência e Profissão**. V. 12, n. 2. Brasília, 1992. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98931992000200005>.

Acesso em: 08 mai. 2016.

BRUM, Eliane. **A mais maldita das heranças do PT**. 16 de mar. de 2015. Disponível em:<https://brasil.elpais.com/brasil/2015/03/16/opinion/1426515080_777708.html>. Acesso em 10 de set. de 2018.

CAMPELLO DE SOUZA, Maria do Carmo. A nova República brasileira: sob a espada de Dâmocles. In: STEPAN Alfred (Org). **Democratizando o Brasil**. São Paulo: Paz e Terra, 1988.

CANO, Rosa Jimenez. Facebook recua e encerra experimento de excluir a mídia dos murais dos usuários. **El País Brasil**. 02 de mar. de 2018. Disponível

em:<https://brasil.elpais.com.br/brasil/2018/03/02/tecnologia/1519982738_951932.html>.

Acesso em: 02 de mar. de 2018.

CARVALHO, Luciana S. N. Rosa de. **Discurso do ódio e islamofobia**: quando a liberdade de expressão gera opressão. (Monografia). Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Direito, 2017. Disponível em:<

<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/24031/1/CARVALHO%2C%20Luciana%20Soares%20Neres%20Rosa%20de.%20Discurso%20do%20C3%93dio%20e%20Islamofobia.pdf>>

Acesso em: 22 de mar. de 2018.

CASTELLS, Manuel. **A era da informação**: economia, sociedade e cultura. Tradução: Roneide Venancio Majer, São Paulo: Paz e Terra.1999. v. 1.

_____. **A Galáxia da Internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Tradução: Maria Luiza X. de A. Borges, Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

_____. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CASTILHO, Alceu. Casos de agressão por uso de vermelho se multiplicam; por que autoridades se calam?. **Outras palavras**. 19 de mar. de 2016. Disponível em:<<https://outraspalavras.net/alceucastilho/2016/03/19/casos-de-agressao-por-uso-de-vermelho-se-multiplicam-por-que-autoridades-se-calam/>>. Acesso em 27 de jul. de 2018.

CASTORIADIS, Cornelius. **As encruzilhadas do labirinto**: os domínios do homem. V. II. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

CCM. **WhatsApp o que é isso**. Disponível em: < <http://br.ccm.net/faq/15037-whatsapp-o-que-que-e-isso>>. Acesso em 20 de jul. 2017.

CERQUEIRA, Daniel et al. (Orgs). **Atlas da Violência**. Jun. de 2017. Disponível em:<http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2017/06/FBSP_atlas_da_violencia_2017_relatorio_de_pesquisa.pdf>. Acesso em 21 abr. 2018.

CHAUÍ. Marilena. A nova classe trabalhadora brasileira e ascensão do conservadorismo. In: JINKINGS, Ivana; DORIA, Kim; CLETO, Murilo. (Orgs). **Por que gritamos golpe?** - para entender o impeachment e a crise política no Brasil. 1. Ed., São Paulo: Boitempo, 2016, p. 15-22.

CHECCHIA, Marcelo A. A psicanálise como experiência moral e ética. In: **Revista a Peste**, São Paulo, V.3, N. 2, p. 63-75, jul. / dez. 2011. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/index.php/apeste/article/view/22089/16206>. Acesso em: 15 jul. 2017.

CHEMAMA, Roland. (Org.). **Dicionário de Psicanálise**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

CLETO, Murilo. O triunfo da antipolítica. In: JINKINGS, Ivana; DORIA, Kim; CLETO, Murilo (Orgs.). **Por que gritamos golpe?** - para entender o impeachment e a crise política no Brasil. 1. Ed., São Paulo: Boitempo, 2016. p. 41- 48.

COELHO, Daniel M. A psicanálise na pesquisa em psicologia social. In: **ECOS**. v. 02, n. 02, 2012. Disponível em: <<http://www.periodicoshumanas.uff.br/index.php/ecos/article/view/1015/719>>. Acesso em 15 mar 2016.

COELHO, Daniel M.; BIRMAN, Joel. A transferência na pesquisa em psicanálise – um ponto de vista ético. In: BIRMAN, Joel. et al. (Orgs.). **A fabricação do humano**. Psicanálise, subjetivação e cultura. São Paulo: Zagodoni, 2014, p. 16-42, 125-135.

COELHO, Taysa. 10 fatos sobre o uso de redes sociais no Brasil que você precisa saber. **TechTudo**. 09 de fev. de 2018. Disponível em:<<https://www.techtudo.com.br/noticias/2018/02/10-fatos-sobre-o-uso-de-redes-sociais-no-brasil-que-voce-precisa-saber.ghhtml>>. Acesso em: 23 de mai. de 2018.

CORNILS, Patrícia. Facebook: um mapa das redes de ódio. (Entrevista com Fábio Malini). **Outras Palavras**. 11 de mar. de 2014. Disponível em: <https://outraspalavras.net/brasil/facebook-um-mapa-das-redes-de-odio/>. 11 mar. de 2014.

COSTA, Jurandir, Freire. Narcisismo em tempos sombrios. In: FERNANDES, Heloisa Rodrigues (Org.). **Tempo do desejo**: sociologia e psicanálise. São Paulo. Editora Brasiliense. 1988.

COUTINHO, Guilherme. O pior da política brasileira é o MBL. **BRASIL247**. 5 de out. de 2017. Disponível em:<<https://www.brasil247.com/pt/colunistas/guilhermecoutinho/321009/O-pior-dapol%C3%ADtica-brasileira-%C3%A9-o-MBL.htm>>. Acesso em 27 de jul. de 2018.

CUNHA, Eduardo Leal. Notas sobre o predador – destinos atuais do narcisismo e de sua cultura. (2007). **Cultura e subjetivação** (blog). Disponível em: <<https://culturaesubjetivacao.files.wordpress.com/2013/11/cunha-eduardo-l-notas-sobre-o-predador.pdf>>. Acesso em 15 jan. 2018.

_____. A dupla face do desmentido na atualidade: entre o aniquilamento do outro e a felicidade em simulacro. In: BIRMAN, Joel et al. (Orgs). **A fabricação do humano**: psicanálise, subjetivação e cultura. 1. Ed. São Paulo: Zagodoni, 2014.

CUNHA, Eduardo Leal; COELHO, Daniel Menezes. Recomendações ao pesquisador que pratica a psicanálise. In: FARO, André; M. FILHO, Mendonça; HENRIQUES, Rogério Paes (Orgs). **Políticas do Social**: avesso da razão. São Cristóvão: Editora UFS, 2015. p. 94 - 104.

DEZENAS de fazendeiros e jagunços atacaram um grupo indígena, da etnia gamela, decepando mãos com golpes de facão e ferindo à bala um número ainda desconhecido de índios. **Mídia Ninja**. Disponível em:

<<https://www.facebook.com/MidiaNINJA/posts/879074208917392>>. Acesso em: 1º de maio de 2017.

DIAS, Mauro M. **Os ódios**: clínica e política do psicanalista, seminário / Mauro Mendes Dias. São Paulo: Iluminuras, 2012.

DIAS, Mauro M. O ódio da democracia. **Empório do Direito** (site). 11 de maio de 2016. Disponível em:< <http://emporiododireito.com.br/leitura/o-odio-da-democracia>>. Acesso em: 29 maio de 2016.

DILMA pede punição aos responsáveis, diretos e mandantes, de chacina que deixou 9 mortos em MT. **BRASIL247**. Disponível em:< <https://www.facebook.com/Brasil247/?fref=ts>>. Acesso em 24 de abr. 2017.

DINIZ, Mônica. **Trabalho, Vadiagem e Polícia em São Paulo, fins de XIX (1870-1890)**. 2012. Disponível em:<http://www.encontro2012.rj.anpuh.org/resources/anais/15/1338433182_ARQUIVO_TrabalhoVadiagem.pdf>. Acesso em 20 mar. 2018.

DISCURSO neonazista do Bolsonaro na Hebraica do Rio. **ATIVISMO PROTESTANTE**. 08 de abr. de 2017. Disponível em:< <https://www.youtube.com/watch?v=R7REGMJPTmQ>>. Acesso em: 10 de abr. de 2017.

DOIS dias após impeachment, Senado aprova lei que permite pedaladas fiscais. **IG** (site). 02 de set. de 2016. Disponível em:< <http://economia.ig.com.br/2016-09-02/lei-orcamento.html>>. Acesso em: 24 de mai. de 2018.

DUMONT, Louis. **O individualismo**: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

DUNKER, Christian Ingo L. **Mal-estar, sofrimento e sintoma**: uma psicopatologia do Brasil entre muros. São Paulo: Boitempo, 2015.

_____. Qual é a diferença de “Eu Ideal” e “Ideal de Eu”. 28 de ago. de 2016. Disponível em:< <https://www.youtube.com/watch?v=vUTCNuAgL6I>>. Acesso em 18 de mar. 2018.

_____. Como aprender a escutar o outro. 04 de jul. de 2017. Disponível em:< <https://www.youtube.com/watch?v=Zo-jk4kVtE8>>. Acesso em: 23 de ab. de 2018.

EAGLETON, Terry. **O problema dos desconhecidos**: um estudo da ética. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Civilizações Brasileira, 2010.

EL PAÍS chega aos 100 milhões de leitores mensais. **El País Brasil**. 07 de nov. de 2017. Disponível em:<https://brasil.elpais.com/brasil/2017/11/04/actualidad/1509821900_271947.html>. Acesso em: 07 de nov. de 2017.

ELEIÇÃO PRESIDENCIAL NO BRASIL EM 2014. In: **WIKIPÉDIA**, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2018. Disponível em:<https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Elei%C3%A7%C3%A3o_presidencial_no_Brasil_em_2014&oldid=52782597>. Acesso em: 08 mar. 2017.

ELIA, Luciano. Psicanálise: clínica e pesquisa. In: ALBERTINI, S. & ELIA, L (Orgs). **Clínica e pesquisa em Psicanálise**. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos. p. 19-35.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**: formação do estado e civilizador. Tradução: Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Zahar, [1939] - 1993. v.2.

_____. **O Processo Civilizador**: uma história dos costumes. Tradução: Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Zahar, [1939] - 2011. v.1.

ENRIQUEZ, Eugêne. Psicanálise e Ciências Sociais. **Revista Agora**, v. VIII, n.2. jul. – dez. de 2005. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/agora/v8n2/a01v8n2.pdf>>. Acesso em: 25 de set. de 2016.

FACEBOOK atinge os 2 bilhões de usuários. **G1** (portal). 27 de jun. de 2017. Disponível em:< <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/facebook-atinge-os-2-bilhoes-de-usuarios.ghtml>>. Acesso em: 02 de jul. 2017.

FACEBOOK. Eu sou a favor da pena de morte. Disponível em:<<https://www.facebook.com/Eu-sou-a-favor-da-pena-de-morte-no-Brasil-330967743654572/>>. Acesso em 21 de mai. de 2016.

FACEBOOK. In: **WIKIPÉDIA**, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2018. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Facebook&oldid=52790067>>. Acesso em 10 out. 2017.

FACEBOOK revela pela primeira vez o que é proibido postar na rede social. **Cidade Verde.Com**. 28 de abr. de 2018. Disponível em:<<https://cidadeverde.com/noticias/270910/facebook-revela-pela-primeira-vez-o-que-e-proibido-postar-na-rede-social>>. Acesso em 29 de abr. de 2018.

FAORO, Raymundo. **Os donos do poder**: formação do patronato político brasileiro. Porto Alegre: Globo. 4 ed. [1958] - 1997. V.1.

FEDIDA, Pierre. Nome, figura e memória: a linguagem na situação psicanalítica. São Paulo: Escuta.

FEED. In: **WIKIPÉDIA**, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2018. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Feed&oldid=52344146>>. Acesso em: 09 ago. 2017.

FERREIRA NETO, Geraldino A. A ética da psicanálise. **Associação Livre** - Ensino Continuo (site). 13 de ago. de 2014. Disponível em:<<http://www.associacaoolive.com.br/blog/artigo/a-etica-da-psicanalise>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

FIGUEIREDO, Ana Cristina. **Vastas confusões e atendimentos imperfeitos**: a clínica psicanalítica no ambulatório público. Rio de Janeiro: Relume-Damará, 1997.

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: FREUD, Sigmund. **Um caso de histeria, três ensaios sobre a sexualidade e outros trabalhos**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, [1905b] - 1996, v. VII.

_____. **Os chistes e sua relação com o inconsciente**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, [1905c] - 1996, v. VIII.

_____. O delírio e os sonhos na *Grávia* de W. Jensen. In: FREUD, Sigmund. **Obras Completas**, Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, [1907] - 2015, v. 8.

_____. A Dinâmica da Transferência. In: FREUD, Sigmund. **O Caso Schreber**, Artigos sobre Técnica e outros trabalhos. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, [1912] - 1996, v. XII.

_____. Sobre o narcisismo: uma introdução. In: FREUD, Sigmund. **A história do movimento psicanalítico, artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, [1914d] - 1996, v. XIV.

_____. Artigos sobre metapsicologia. In: FREUD, Sigmund. **A história do movimento psicanalítico, artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, [1915a] - 1996, v. XIV.

_____. Reflexões para os tempos de guerra e morte. In: FREUD, Sigmund. **A história do movimento psicanalítico, artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, [1915f] - 1996, v. XIV.

_____. Luto e melancolia. In: FREUD, Sigmund. **A história do movimento psicanalítico, artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, [1917b (1915)] - 1996, v. XIV.

_____. Além do princípio do prazer. In: FREUD, Sigmund. **Além do princípio do prazer, Psicologia de Grupo e outros trabalhos**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, [1920] - 1996, v. XVIII.

_____. Psicologia de Grupo e a análise do ego. In: FREUD, Sigmund. **Além do princípio do prazer, Psicologia de Grupo e outros trabalhos**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, [1921] - 1996, v. XVIII.

_____. Dois Verbetes de Enciclopédia. In: FREUD, Sigmund. **Além do Princípio de Prazer, Psicologia de Grupo e outros trabalhos**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, [1923a] - 1996, v. XVIII.

_____. O ego e o id. In: FREUD, Sigmund. **O ego e o id e outros trabalhos**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, [1923b] - 1996, v. XIX.

_____. Um Estudo Autobiográfico. In: FREUD, Sigmund. **Além do Princípio de Prazer, Psicologia de Grupo e outros trabalhos**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, [1925 (1924)] - 1996, v. XX.

_____. O futuro de uma ilusão. In: FREUD, Sigmund. **O futuro de uma ilusão, o mal-estar da civilização e outros trabalhos**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, [1927] - 1996, v. XXI, p. 13-65.

_____. O mal-estar da civilização. In: FREUD, Sigmund. **O futuro de uma ilusão, o mal-estar da civilização e outros trabalhos**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, [1929-1930] - 1996, v. XXI, p. 67- 150.

_____. Por que a guerra? In: FREUD, Sigmund. **Novas conferências introdutórias sobre a psicanálise e outros trabalhos**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, [1933 (1932)] - 1996, v. XXII.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande e Senzala**: formação da família brasileira sob o regime patriarcal. São Paulo: Global, [1933] - 2013.

FUNDADOR do PT, Hélio Bicudo pede impeachment de Dilma. In: **Jusbrasil**. Disponível em:< <https://ffsfred.jusbrasil.com.br/noticias/226589670/fundador-do-pt-helio-bicudo-pede-impeachment-de-dilma>>. Acesso em 10 de set. de 2018.

GARCIA, Raphael Tsavkko. ‘El País’ e o vazio do jornalismo brasileiro. **Observatório da imprensa** (portal). 03 de dez. de 2013. Disponível em:< <http://observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/ed775/el-pais-e-o-vazio-jornalistico-brasileiro/>>. Acesso em: 09 de set de 2017.

GAY, Peter. **A experiência burguesa da rainha Vitória a Freud**: o cultivo do ódio. Tradução: Sergio Goes de Paula, Viviane de Lamare Noronha. São Paulo: Companhia das Letras, [1988] - 1995. v. 3.

GAMA, Júnia; BRAGA, Isabel. **Ex-petista históricos lamentam desvios éticos**. 12 de jan. de 2013. Disponível em:< <https://oglobo.globo.com/brasil/ex-petistas-historicos-lamentam-desvios-eticos-7278685>> Acesso em 10 de set. de 2018.

GERADOR MEMES. **Bolsa família é coisa pra vagabundo!** Sou contra! Você é contra mas o seu candidato não. Rsr rsrsr. Disponível em:< <http://geradormemes.com/meme/vylo42>>. Acesso em: 11 out. de 2014.

GODOY, Fernanda. O que importa não é o jornal, mas o jornalismo, diz diretor do ‘El País’. **Folha Digital**. 09 de jun. de 2016. Disponível em:< <http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2016/06/1778185-o-que-importa-nao-e-o-jornal-mas-o-jornalismo-diz-diretor-do-el-pais.shtml>>. Acesso em 08 de out. 2017.

GOVERNO de mato grosso envia peritos para assentamento após chacina. **Agência Brasil**. 21 de abr. de 2017. Disponível em:<<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2017-04/governo-de-mato-grosso-envia-peritos-para-assentamento-apos-chacina>>. Acesso em 21 de abr. de 2017.

GRAGNANI, Juliana. Exclusivo: investigação revela exército de perfis falsos usados para influenciar eleições no Brasil. **BBC Brasil**. 08 de dez de 2017. Disponível em:<<http://www.bbc.com/portuguese/brasil-42172146>>. Acesso em 08 de dez de 2017.

GREENWALD, Glenn. Facebook está apagando perfis por ordem dos governos dos EUA e Israel. **The Intercept** (em português). 03 de jan. de 2018. Disponível em:< <https://theintercept.com/2018/01/03/facebook-esta-apagando-perfis-por-ordem-dos-governos-dos-eua-e-de-israel/>>. Acesso em: 05 jan. de 2018.

GUIMARÃES, Marisa S. Contribuições da psicanálise na escola: o professor se confrontando com a sua própria palavra. In: Colóquio do Lepsi IP/FE – USP. An. 7. 2009. (**Anais...**). Disponível em:<http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000032008000100062&script=sci_arttext>. Acesso em: 11 jun. de 2016.

HANSON, Victor Davis. **Por que o Ocidente venceu**: massacre e cultura – da Grécia antiga ao Vietnã. Tradução: Fernanda Abreu. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

HAYNES, BRAD. Facebook retira do ar rede ligada ao MBL antes das eleições. **Reuters**. 25 de jul. de 2018. Disponível em:<

<https://br.reuters.com/article/domesticNews/idBRKBN1KF1MI-OBDRN>>. Acesso em: 25 de jul. de 2018.

HIDEG, Gergely. Estudo: Brasil é o país com maior número de mortes violentas no mundo. **Jornal O Dia**. 07 de dez. de 2017. Disponível em:< <https://odia.ig.com.br/conteudo/brasil/2017-12-07/estudo-brasil-e-o-pais-com-o-maior-numero-de-mortes-violentas-no-mundo.html>>. 26 mar. 2018.

HILLER, Marcos. Ou você domina o algoritmo do Facebook, ou ele te domina. **Administradores** (portal). 02 de abr. de 2014. Disponível em:< <http://www.administradores.com.br/artigos/marketing/ou-voce-domina-o-algoritmo-do-facebook-ou-ele-te-domina/76521/>>. Acesso em 25 nov. 2016.

HOLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras. [1936] - 2004.

ILLOUZ, Eva. **O Amor nos Tempos do Capitalismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

ÍNDIO ferido em ataque não teve mão decepada, diz diretor de hospital. **G1** (portal). 02 de maio de 2017. Disponível em: < <https://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/indio-ferido-em-ataque-nao-teve-mao-decepada-diz-diretor-do-hospital.ghtml>>. Acesso em 02 de maio de 2017.

INSTAGRAM. In: **WIKIPÉDIA**, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2018. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Instagram&oldid=52762785>>. Acesso em 12 ab. 2018.

IRIBARRY, I. N. O que é pesquisa psicanalítica? **Revista Ágora**, v. 6, n. 1, Rio de Janeiro. Jan/Jun. 2003, p. 115-118. Disponível em:< http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516-14982003000100007&script=sci_arttext&tlng=pt>. Acesso em: 10 mar. 2017.

JOHSON, Adam N. Looking at, looking up or keeping up with people? - motives and uses of Facebook. IN: ROSA, Gabriel Artur M.; SANTOS, Benedito R. **Facebook e as nossas identidades virtuais**. Brasília: Thesaurus, 2013.

KALLAS, Marília B. L. de Moraes. O sujeito contemporâneo, o mundo virtual e a psicanálise. **Revista Reverso**. Belo Horizonte, Ano 38, N.71, p. 55-64, jun. 2016. Disponível em: < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952016000100006>. Acesso em: 15 de fev. de 2018.

KAROLINE, Diniz. Vídeo: Manifestantes a favor do impeachment, na Esplanada dos Ministérios, comemoram os votos favoráveis ao impedimento. **El País Brasil**. (2016a). Disponível em:<<https://www.facebook.com/elpaisbrasil/videos/1062999273760022/>>. Acesso em 17 de abr. de 2016.

KAROLINE, Diniz. Vídeo: Manifestantes pró-impeachment comemoram o resultado da votação na Câmara. (2016c). **El País Brasil**. Disponível em:<<https://www.facebook.com/elpaisbrasil/videos/1063092710417345/>>. Acesso em 17 de abr. de 2016.

KEHL, Maria R. Psicanálise, ética e política. In: FRANÇA, M. I. (Org.). **Ética, psicanálise e sua transmissão**. Petrópolis – RJ: Vozes, 1996, p. 109-121.

_____. Índios vivem hoje situação parecida com a ditadura. (Entrevista). In: FREITAS, Guilherme. **O Globo**. 12 abr. de 2014. Disponível em: <

<http://blogs.oglobo.globo.com/prosa/post/maria-rita-kehl-indios-vivem-hoje-situacao-parecida-com-da-ditadura-530826.html>>. Acesso em: 12 mai. de 2014.

KIRKPATRICK, David. O efeito Facebook: os bastidores da história da empresa que conecta o mundo. IN: ROSA, Gabriel Artur M.; SANTOS, Benedito R. **Facebook e as nossas identidades virtuais**. Brasília: Thesaurus, 2013.

KOLTAI, Caterina. **Política e psicanálise**. O estrangeiro. São Paulo: Escuta, 2000.

_____. O inconsciente seria politicamente incorreto? **Reverso**. Belo Horizonte, Ano 34, n. 63, p. 33-44, jun. de 2012. Disponível em:<
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952012000200004>. Acesso em: 20 de ago. de 2016.

_____. A psicanálise e o neoliberalismo: entrevista com Caterina Koltai, Christian Dunker, Maria Rita Kehl, Nelson da Silva Jr. Paulo Endo e Rodrigo Camargo. **Psicanálise pela democracia** (site). 06 de Jun. 2017. Disponível em:<
<http://psicanalisedemocracia.com.br/2017/06/a-psicanalise-e-o-neoliberalismo-entrevista-com-caterina-koltai-christian-dunker-maria-rita-kehl-nelson-da-silva-jr-paulo-endo-e-rodrigo-camargo/>>. Acesso em 21 de abr. de 2018.

KOZINETTS. Robert V. **Netnografia**: realizando pesquisa etnográfica online. Tradução: Daniel Bueno. Porto Alegre: Penso, 2014.

JAIR Bolsonaro. Disponível em:< https://pt.wikipedia.org/wiki/Jair_Bolsonaro>. Acesso em: 10 de jun. de 2018.

LACAN, Jacques. Do pequeno ao grande. In: LACAN, Jacques. **O Seminário**. O eu na teoria de Freud na técnica da psicanálise. Livro 2. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, [1954 – 1955] -1985. p. 287.

_____. A agressividade e psicanálise. In: LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1948-1998. p. 104-126.

_____. O estádio do espelho como formador da função do eu. In: LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1949-1998. p. 96-103.

_____. O Seminário sobre “A carta roubada”. In: LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1966 - 1998. p. 13-66.

_____. Produção dos quatro discursos. In: LACAN, Jacques. **O Seminário**. O acesso da psicanálise. Livro 17. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, [1969 – 1970] -1992.

_____. Ato de fundação. In: LACAN, Jacques. **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, [1967] - 2003. p. 235-322.

_____. O saber e a verdade. In: LACAN, Jacques. **O Seminário**. Mais ainda. Livro 20. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, [1972 – 1973] – 2008.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da Psicanálise**. Tradução sob a direção de Daniel Lagache, Santos: Livraria Martins Fontes, Editora Ltda, 3ª ed. 1970.

LASCH, Christopher. **A cultura do narcisismo**: a vida americana numa era de esperanças em declínio. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

LEAL FILHO, Laurindo Lalo. A necessidade do controle público de televisão. 12 de mai. de 2016. Disponível em:< <http://www.eca.usp.br/associa/alaic/boletim21/laurindo.htm>>. Acesso em: 02 de out. de 2016.

LEAL, Luciana Nunes. Combate a pobreza foi o maior feito do PT. **Estado de S. Paulo**. 12 de maio de 2016. Disponível em:<http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,combate-a-pobreza-foi-o-maior-feito-do-pt,10000050641>>. Acesso em: 09 de abril de 2018.

LÉVY, Pierre. **Ciberdemocracia**. Lisboa: Instituto Piaget, 2002.

_____. **O que é virtual?** Tradução: Paulo Neves. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

LIMA, Venício A. de. As manifestações de junho e a mídia. **Teoria e debate** (site). Disponível em:< <http://www.teoriaedebate.org.br/colunas/midia/manifestacoes-de-junho-e-midia>>. Acesso em: 20 de junho 2013.

LINDBERG, Farias. **Em nota MST denuncia massacre em Colniza**. Disponível em:< <https://www.facebook.com/search/top/?q=massacre%20colniza>>. Acesso em: 23 de abr. de 2017.

LOPES, Mauro. As quatro famílias que decidiram derrubar um governo democrático. In: JINKINGS, Ivana; DORIA, Kim; CLETO, Murilo (Orgs). **Por que gritamos golpe?** - para entender o impeachment e a crise política no Brasil. 1. Ed., São Paulo: Boitempo, 2016, p. 117-125.

MACHADO-PINHEIRO, Rosana; SCALCO, Lucia Mury. Rolezinhos: marcas, consumo e segregação no Brasil. **Revista de Estudos Culturais**. n. 1; 2014. Disponível em:< <https://www.revistas.usp.br/revistaec/article/view/98372>>. Acesso em: 12 de abr. de 2018.

MALISKA, Maurício, E. **Resistência Multifacetada**. Disponível em:< www.convergenciafreudlacan.org/inove4/php/download.php?id_rel=257>. Acesso em: 21 mai. 2017.

MALLINI, F. O mundo obscuro da internet: onde o ódio tem vez. **Pragmatismo Político**. 08 de abr. de 2015. Disponível em:<<http://www.pragmatismopolitico.com.br/2015/04/o-mundo-obscuro-da-internet-onde-o-odio-tem-vez.html>>. Acesso em: 10 de abr. de 2015.

MASSACRE deixa pelo menos 10 mortos na área rural de Colniza-MT. **Comissão Pastoral da Terra**. Disponível em: < <https://cptnacional.org.br/index.php/publicacoes-2/destaque/3736-massacre-deixa-pelo-menos-10-pessoas-mortas-na-area-rural-de-colniza-mt>>. Acesso em 20 de jun. de 2017.

MARCHA Contra a Lei da Imigração. Disponível em: <<https://www.facebook.com/direitasaopaulo/videos/1162376260533705/>>. Acesso em 02 de maio de 2017.

MBL protesta em frente ao Facebook contra desativação de páginas e perfis. **UOL**. 25 de jul. de 2018. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/eleicoes/2018/noticias/reuters/2018/07/25/facebook-retira-do-ar-rede-de-fake-news-ligada-ao-mbl-antes-dizem-fontes.htm>>. Acesso em: 25 de jul. de 2018.

MELLO, Felipe Campos. Quem foi, e por quais razões, ao ato contra o impeachment. **Revista Carta Capital**. 19 de mar. de 2016. Disponível em:

<<https://www.cartacapital.com.br/politica/quem-foi-e-por-quais-razoes-ao-ato-contra-o-impeachment>>. Acesso em 19 de mar. de 2016.

MENA, Fernanda. Um modelo violento e ineficaz de polícia. In: KUCINSCKI, Bernardo et al. **Bala perdida**: a violência no Brasil e os desafios para a superação. São Paulo: Boitempo, 2015, p. 19 - 26.

MENEZES, Cynara. É a esquerda que se cala ou é o El País que tem postura colonialista em relação à Venezuela? **Socialista morena** (site). 07 de jul. de 2017. Disponível em: <<http://www.socialistamorena.com.br/o-el-pais-postura-colonialista-em-relacao-a-venezuela/>>. Acesso em: 07 de jul. de 2017.

MEZAN, Renato. **Freud, pensador da cultura**. São Paulo: Braziliense. 1995.

MEZAN, Renato. Pesquisa em psicanálise: algumas reflexões. **Jornal de Psicanálise**, São Paulo, 39 (70), p. 227-241, jun. 2006. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/jp/v39n70/v39n70a15.pdf>>. Acesso em: 12 mai. 2017.

_____. Que tipo de ciência é, afinal, a Psicanálise? In: PATTO, Maria Helena S.; FRAYZE-PEREIRA, João. (Org.). **Pensamento Cruel** - humanidade e ciências: há lugar para a Psicologia? São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007, p. 57-91.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL. **O que é e para que serve**. 2003. Disponível em: <<http://mds.gov.br/assuntos/cadastro-unico/o-que-e-e-para-que-serve>>. Acesso em 12 de ab. de 2017.

MIRANDA JÚNIOR. Hélio C. de. **O psicanalista no tribunal de família**: possibilidades e limites de um trabalho na instituição. (Tese de Doutorado). 22 de fev. de 2010. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47133/tde-27112009-111051/pt-br.php>>. Acesso em: 03 mai. 2017.

MORRE advogado Hélio Bicudo, fundador do PT e autor do pedido de impeachment de Dilma. 31 de jul. de 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/07/morre-advogado-helio-bicudo-fundador-do-pt-e-autor-do-pedido-de-impeachment-de-dilma.shtml>>. Acesso em 10 de set. de 2018.

MOTA, Caio. **Centro Popular de Áudio Visual**, 23 abr. 2017. Disponível em: <https://www.facebook.com/search/top/?q=massacre%20colniza>> Acesso em: 24 de abr de 2017.

NA AVENIDA Paulista, em frene ao Masp, manifestantes contrários ao impeachment de Dilma Rouseff começam a se reunir no início da noite desta quarta. O fotógrafo Maurício Pisani mostra como estava o lugar por volta das 19h. (2016d). **El País Brasil**. Disponível em: <<https://www.facebook.com/elpaisbrasil/videos/1078123668914249/>>. Acesso em 11 de maio 2016.

NAPOLITANO, Marcos. **1964**: História do Regime Militar Brasileiro. Editora Contexto: São Paulo, 2013.

NEM Dilma nem Temer. **Folha De São Paulo**. 02 de abr. de 2016. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2016/04/1756924-nem-dilma-nem-temer.shtml>>. Acesso em 02 de abr. de 2016.

NO PARLAMENTO europeu, Zuckerberg nega que Facebook seja monopólio e que tenha 'preconceito político. **G1** (portal). 22 de mai. de 2018. Disponível em: <

<https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/zuckerberg-depoe-no-parlamento-europeu-sobre-como-facebook-usa-dados-das-pessoas.ghtml>>. Acesso em: 22 de maio de 2018.

NOGUEIRA, Luiz Carlos. Aula: a pesquisa em Psicanálise. **Revista Psicologia USP**, v. 15, n.1-2, São Paulo, 2004. p. 82-107. Disponível em:<
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642004000100013>.
Acesso em: 15 ago. 2016.

NO VALE do Anhangabaú, em São Paulo, manifestantes contrários ao impeachment de Dilma receberam a notícia da aprovação do processo na câmara com tristeza e emendaram: "a luta continua". (2016b). **El País Brasil**. Disponível em:
<<https://www.facebook.com/elpaisbrasil/videos/1063097593750190/>>. Acesso em 17 abril 2016.

O BREXIT não teria acontecido sem a Cambridge Analytica, revela ex-funcionário da empresa. **Revista Fórum**. 26 de mar. de 2018. Disponível em:<
<https://www.revistaforum.com.br/o-brexite-nao-teria-acontecido-sem-a-cambridge-analytica-revela-ex-funcionario-da-empresa/>>. Acesso em 26 de mar. de 2018.

OLIVEIRA, Fátima. Por que o Bolsa Família desperta tanto ódio de classe? **Viomundo** (portal). 11 de jun. de 2013. Disponível em: <<http://www.viomundo.com.br/politica/fatima-oliveira-por-que-o-programa-bolsa-familia-desperta-tanto-odio-de-classe.html>>. Acesso em: 20 mai. 2014.

OLIVEIRA, Hebe Maria G de. **A construção do impeachment de Dilma Rousseff pela mídia brasileira comercial na cobertura das manifestações de rua**. Trabalho apresentado no GT de História do Jornalismo, integrante do 6º Encontro Regional Sul de História da Mídia – Alcar SUL – 2016. Disponível em PDF. Acesso em 11 de set. de 2018.

OLIVEIRA, Jailton Alves de. **Vadiagem, ociosidade e crime**: a casa de detenção da corte como espaço para reeducação de “vadios(a)” (1870-1889). Disponível em:<
<http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe7/pdf/07-%20HISTORIA%20DAS%20INSTITUICOES%20E%20PRATICAS%20EDUCATIVAS/VADIAGEM-%20OCIOSIDADE%20E%20CRIME-%20A%20CASA%20DE%20DETENCAO%20DA%20CORTE.pdf>>. Acesso em 20 de mar. 2018.

OLIVEIRA, Tory. Polarização política, reflexo de uma sociedade murada. **Revista Carta Capital**. 19 de ab. de 2016. Disponível em:<
<https://www.cartacapital.com.br/politica/polarizacao-politica-reflexo-de-uma-sociedade-murada>>. Acesso em: 19 de ab. de 2016.

O QUE não é permitido no Facebook? In: **Facebook.com**. Disponível em:<
https://www.facebook.com/help/212826392083694?helpref=uf_permalink>. Acesso em 29 de jan. de 2018.

ORTELLADO, Pablo; SOLANO, Esther; MORETTO, Márcio. Uma sociedade polarizada. In: JINKINGS, Ivana; DORIA, Kim; CLETO, Murilo (Orgs). **Por que gritamos golpe?** - para entender o impeachment e a crise política no Brasil. 1. Ed., São Paulo: Boitempo, 2016, p. 159 – 164.

PAULANI, Leda Maria. Uma ponte para o abismo. In: JINKINGS, Ivana; DORIA, Kim; CLETO, Murilo (Orgs.). **Por que gritamos golpe?** - para entender o impeachment e a crise política no Brasil. 1. Ed., São Paulo: Boitempo, 2016, p. 69 - 76.

PEDALADA FISCAL. In: **WIKIPÉDIA**, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2018. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Pedalada_fiscal&oldid=52753991>. Acesso em 11 de abr. de 2016.

PEREIRA, Coronel Íbis. Os lírios não nascem da lei. In: KUCINSCKI, Bernardo et al. **Bala perdida: a violência no Brasil e os desafios para a superação**. São Paulo: Boitempo, 2015, p. 39 - 44.

PEREIRA, Suelena Werneck. **As pulsões de morte e seus derivados: os avatares da teoria**. (Tese de Doutorado). 2006. UFRJ. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=133505> Acesso em 11 de mar. de 2018.

PLON, M. A face oculta da análise leiga. (1999). In: ROSA, Miriam D. **A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: metodologia e fundamentação teórica**. Revista Mal-Estar e Subjetividade. v. 04, n. 2, Fortaleza, 2004, p.329-348.

POLI, Maria C. Pesquisa em psicanálise. **Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre**, n. 29, Dez. 2005. P. 42- 47. Disponível em: <<http://www.apoa.com.br/uploads/arquivos/revistas/revista29.pdf>>. Acesso em: 15 mar. 2017.

POLÍCIAS Militares executam de forma explícita e a luz do dia duas pessoas que já se encontravam rendidas e desarmadas na comunidade da Pedreira. **Rede de Informações Anarquistas**. Disponível em: <<https://www.facebook.com/redeinfoa/videos/1243490482426713/>>. Acesso em 31 de mar 2017.

POR volta das 20h, manifestantes pró-impeachment se reuniram em frente à Fiesp na Avenida Paulista. O fotógrafo Maurício Pisani conta que já há bonecos infláveis e carros de som. (2016e). **El País Brasil**. Disponível em: <<https://www.facebook.com/elpaisbrasil/videos/1078149188911697/>>. Acesso em 11 de maio de 2016.

PRADO JÚNIOR, Caio. **Formação do Brasil Contemporâneo: colônia**. 17.ed. São Paulo: Brasiliense, [1942] – 1981.

PRECONCEITO e racismo contra Marina explicam recuperação de Aécio. Disponível em: <<http://tudo-em-cima.blogspot.com.br/204/10/preconceito-e-racismo-contramarina.html>>. Acesso em 08 de out de 2014.

PRESSOT, Aline. Entrevista. As marchas da família com Deus pela liberdade. 50 anos depois. 19 de mar. de 2014. **Revista IHU online**. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/529378-cinquentenario-da-marcha-com-deus-pela-familia-e-a-liberdade-e-uma-sociedade-que-nao-se-reconciliou-com-a-memoria-da-ditadura-entrevista-especial-com-aline-pressot->>. Acesso em: 23 de mai. de 2018.

PROFISSIONAIS TI. **Como criar uma página (fan page) no Facebook**. 20 de jun. de 2013. Disponível em: <<https://www.profissionaisiti.com.br/2013/06/como-criar-uma-pagina-fan-page-no-facebook/>>. Acesso em: 20 jun. de 2016.

QUEIROGA, Cíntia S. BARONE, Leda Maria C. COSTA; Beethoven Hortencio Rodrigues da. Uma breve reflexão sobre a formação das massas nas redes sociais e a busca por um novo ideal de eu. **Jornal de Psicanálise**. V. 49, No. 91 São Paulo, Dez. de 2016. Disponível em: <

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352016000200011>. Acesso em 22 de mai. de 2018.

RAMALHO, Wellington. Índios tem mãos decepadas, diz pastoral; confronto deixou ao menos doze feridos. **UOL** (site). 1º maio. de 2017. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2017/05/01/indio-tem-as-maos-decepadas-no-ma-confronto-deixou-ao-menos-13-feridos.htm>>. Acesso em: 1º maio de 2017.

REBOUÇAS, Edgar. O papel das mídias nas manifestações. **Observatório da Imprensa**. 23 de jul. de 2013. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/jornal-de-debates/_ed756_o_papel_das_midias_nas_manifestacoes/>. Acesso em: 25 de jul. de 2013.

RIBEIRO, Darcy. **O Povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras. 1995.

RIBEIRO, Laura. Algoritmo do Facebook: como ele funciona e como aumentar o seu tráfego orgânico. **Marketing de conteúdo** (portal). 11 de dez. de 2016. Disponível em: <http://marketingdeconteudo.com/algoritmo-do-facebook/>. Acesso em: 09 ago. 2017.

RINALDI, Dóris. Ética e política: questões para a psicanálise hoje. **Intersecção psicanalítica** (portal). Disponível em: <http://www.interseccaopsicanalitica.com.br/int-biblioteca/DRinaldi/Doris_Rinaldi_ETICA_POLITICA_questoe_para_psican_hoje.doc>. Acesso em: 18 jul. 2017.

ROCHA, Camilo. Como a intolerância religiosa tem se manifestado no Brasil. **Nexo Jornal**. 11 de out. de 2017. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2017/10/11/Como-a-intoler%C3%A2ncia-religiosa-tem-se-manifestado-no-Brasil>>. Acesso em 15 mar. 2018.

ROSA, Gabriel Artur M.; SANTOS, Benedito R. **Facebook e as nossas identidades virtuais**. Brasília: Thesaurus, 2013.

ROSA, Miriam. D. O discurso e o laço social nos meninos de rua. **Revista Psicologia USP**. v. 10, n.2, 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65641999000200013>. Acesso em: 20 mar. 2017.

_____. Uma escuta psicanalítica das vidas secas. (mesa-redonda). In: XI Encontro Nacional da Associação Brasileira de Psicologia Social, na UFSC, Florianópolis, Nov. de 2001. Disponível em: <http://www.pucsp.br/psilacanise/html/revista01/16_rev_politica.htm>. Acesso em 20 marc. de 2017.

_____. A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: metodologia e fundamentação teórica. **Revista Mal-Estar e Subjetividade**. v. 04, n. 2, Fortaleza, 2004, p. 329-348.

_____. A Psicanálise e as Instituições: Um Enlace Ético Político. In: **Colóquio do Lepsi IP/FE – USP**. An. 5. 2006. Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000032004000100045&script=sci_arttext>. Acesso em: 11 jun. 2017.

_____. Migrantes, Imigrante e Refugiados: a clínica do traumático. **Revista Cultura e Extensão, USP**. V.7. 2012. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rce/article/view/46597>>. Acesso em: 09 jun. 2017.

_____. Psicanálise implicada: vicissitudes das práticas clínico-políticas. **Psicanálise política** (blog). 04 de jun. de 2014. Disponível em:<
<https://psicanalisepolitica.files.wordpress.com/2014/06/4-rosa-m-d-psicanalise-implicada-vicissitudes-das-praticas-clinico-politicas-revista-da-associacao-psicanalitica-de-porto-alegre-v-41-p-29-40-20131.pdf>>. Acesso em: 08 mar. 2017.

_____. **A clínica psicanalítica em face da dimensão sociopolítica do sofrimento**. São Paulo: Escuta /Fapesp, 2016.

ROSA, Miriam. D.; DOMINGUES, E. O método na pesquisa psicanalítica de fenômenos sociais e políticos: a utilização da entrevista e da observação. **Psicologia & Sociedade**, 22(1), Florianópolis. Jan. / Abr. 2010. p. 180-188. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822010000100021>. Acesso em: 08 mar. 2017.

ROUDINESCO, Elizabeth; PLON, Michael. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

RUIC, Gabriela. Os países mais pacíficos (e os mais violentos) de 2017 em um mapa. **Revista Exame**. 02 de jun. de 2017. Disponível em:<<https://exame.abril.com.br/mundo/ranking-paises-pacificos-violentos-mundo-mapa/>> Acesso em 02 de nov. de 2017.

SAFATLE, Vladimir. **O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do vínculo**. 2. Ed. Ver. Belo horizonte: Autêntica Editora, 2016.

Sair do mapa da fome da ONU é histórico, diz governo. **Revista Exame**. 16 de set. De 2014. Disponível em:< <http://exame.abril.com.br/brasil/sair-do-mapa-de-fome-da-onu-e-historico-diz-governo/>>. Acesso em: 20 mar. 2017.

SALAS, Javier. O obscuro uso do Facebook e do Twitter como armas de manipulação política. **El País Brasil**. 25 de out. de 2017. Disponível em:<
https://brasil.elpais.com/brasil/2017/10/19/tecnologia/1508426945_013246.html>. Acesso em 15 de mar. de 2018.

SANCHES, Romannessa. O primeiro celular da história. **TechTudo**. 14 de jul. 2011. Disponível:< <http://www.techtudo.com.br/noticias/noticia/2011/07/o-primeiro-celular-da-historia.html>>. Acesso em 12 abr. 2018.

SANTANA, Bruno; ROVAI, Renato. O Facebook vai mudar de novo, mas o que muda de verdade? **Revista Fórum**. 16 de jan. de 2018. Disponível em:
 <<https://www.revistaforum.com.br/o-facebook-vai-mudar-de-novo-mas-o-que-muda-de-verdade/>>. Acesso em: 16 de jan. de 2018.

SANTOS, Myrian Sepúlveda. **A prisão dos ébrios, capoeiras e vagabundos no início da Era Republicana**. TOPOI. V. 5, n. 8, jan – jun., 2004. Disponível em:<
<http://www.scielo.br/pdf/topoi/v5n8/2237-101X-topoi-5-08-00138.pdf>>. Acesso em 20 mar. 2018.

SCHÄFER, Gilberto; LEIVAS, Paulo Gilberto; SANTOS, Rodrigo Hamilton dos. Discurso do ódio: da abordagem conceitual ao discurso parlamentar. **Revista Informações Legislativas**. V. 52, n. 207, p. 143-158. Brasília. Jul./set. 2015. Disponível em:<
<http://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/515193>>. Acesso em: 21 de mar. de 2018.

SCHWARCZ, Lilia M., STARLING, **Heloisa M. Brasil: uma biografia**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SIGNIFICADOS. **O significado de smartphone**. Disponível em:
<<https://www.significados.com.br/smartphone/>>. Acesso em: 20 jul. 2017.

SIGNIFICADOS. **Significado de blog**. Disponível em:
<<https://www.significados.com.br/blog/>>. Acesso em: 22 fev. 2017.

SIGNIFICADOS. **Significado de Twitter**. Disponível em:
<<https://www.significados.com.br/twitter/>>. Acesso em 12 de ab. de 2018.

SIGNIFICADOS. **Significado de WhatsApp**. Disponível em:
<<https://www.significados.com.br/whatsapp/>>. Acesso em 20 de jul. 2017.

SIGNIFICADOS. **Significado HTTP**. Disponível em:
<<https://www.significados.com.br/http/>>. Acesso em 22 fev. 2017.

SILVA, Benedito (Coord. geral); MIRANDA NETTO, Antônio Garcia de et al. **Dicionário de Ciências Sociais**. Fundação Getúlio Vargas, Instituto de Documentação; Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1986, p. 416.

SINGER, André. Por uma frente ampla, democrática e republicana. In: JINKINGS, Ivana; DORIA, Kim; CLETO, Murilo (Orgs). **Por que gritamos golpe?** - para entender o impeachment e a crise política no Brasil. 1. Ed., São Paulo: Boitempo, 2016.

SITE. In: **WIKIPÉDIA**, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2018. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Site&oldid=51949255>>. Acesso em: 22 fev. 2017.

SOUZA, Alduisio. M. Transferência e Interpretação: ensaio clínico lacaniano. Porto Alegre: Artes Médicas. 1998.

SOUZA, Jessé. **A tolice da inteligência brasileira**: ou como o país se deixa manipular pela elite. São Paulo: LeYa, 2015.

_____. **A radiografia do golpe**: entenda como e por que você foi enganado. Rio de Janeiro: LeYa, 2016.

_____. **A elite do atraso**: da escravidão à Lava Jato. Rio de Janeiro: LeYa, 2017.

SUA PESQUISA. **Guerra dos Boêres**. s.d. Disponível em:
<http://www.suapesquisa.com/guerras/guerra_boeres.htm>. Acesso em: 08 ago. 2017.

UNTERSINGER, Martin. Conheça Glenn Greenwald, blogueiro que revelou Edward Snowden ao mundo. 11 de ago. de 2013. Disponível em:<
<https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/le-monde/2013/08/11/glenn-greenwald-o-blogueiro-por-tras-das-revelacoes-sobre-a-espionagem-da-nsa.htm>>. Acesso em 10 de jun. de 2018.

VASCONCELOS, Angela Teresa Nogueira de; LIMA, Maria Celina Peixoto. Considerações psicanalíticas sobre a herança psíquica: uma revisão de literatura. **Caderno de Psicanálise** – CPRJ, Rio de Janeiro, v. 37, n. 32, p. 85-103, jan./jun. 2015. Disponível em:<
http://cprj.com.br/imagenscadernos/caderno32_pdf/05_Consideracoes-psicanal%C3%ADticas-sobre-a-heran%C3%A7a.pdf>. Acesso em 21 de fev. de 2018.

VELOSO, Caetano. Sampa. **Circuladô Vivo**. Philips Records, 1992. 1 CD (1h12).

VELOSO, Maria Bethânia Teles. **Abraçar e agradecer**. Biscoito Fino, 2016. 1 CD (1h46).

VEREADORA do PSOL, Marielle Franco é morta a tiros na região central do Rio. **G1** (portal). 14 de mar. de 2018. Disponível em:< <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/vereadora-do-psol-marielle-franco-e-morta-a-tiros-no-centro-do-rio.ghtml>>. Acesso em: 13 de mai. de 2018.

VILELA, Fabiano. Brasil é país das Américas que mais mata defensores de direitos humanos. **G1** (portal). 05 de dez. de 2012. Disponível em: < <http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2017/12/brasil-e-pais-das-americas-onde-mais-se-mata-defensores-de-direitos-humanos.html>>. Acesso em: 13 de mai. de 2018.

ZUCKERBERG admite que pessoas estão usando menos Facebook; ações caem. **UOL** (site). 31 de jan. de 2018. Disponível em:< <https://tecnologia.uol.com.br/noticias/redacao/2018/01/31/zuckerberg-admite-que-pessoas-estao-usando-menos-facebook-acoes-caem.htm>>. Acesso em: 31 de jan. de 2018.